

The background of the book cover is a dense arrangement of autumn leaves in various shades of red, orange, and yellow. The leaves are layered, creating a textured and vibrant effect. The text is overlaid on this background in several horizontal bands of color.

GILDA NUNES BARATA

ONDE É QUE

VOCÊ ESTAVA

NO 25 DE ABRIL?

PREFÁCIO DE BAPTISTA-BASTO

5  
(469)

2 (669)  
76.  
BAR

OFICINA  
DO LIVRO





UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Centro de Estudos Sociais



\*1329348145\*

ONDE É QUE  
VOCÊ ESTAVA  
NO 25 DE ABRIL?



Nº 5794

<https://www.cd25a.uc.pt/pt>

[www.oficinadolivro.pt](http://www.oficinadolivro.pt)


© 2004, Gilda Nunes Barata e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 123 – 1º dto.

1050-139 Lisboa

Tel. 21 355 25 90, Fax. 21 315 10 79

E-mail: [info@oficinadolivro.pt](mailto:info@oficinadolivro.pt)

JRPENTRETENIMENTO 

Título: Onde é que você estava no 25 de Abril?

Autoria: Gilda Nunes Barata

Revisão: Oficina do Livro

Direcção de Arte e Ilustração: Adriana Freire

Composição: Oficina do Livro

Impressão e acabamento: Grafiasa (Portugal)

1ª edição: Abril, 2004 – 3.000 exemplares

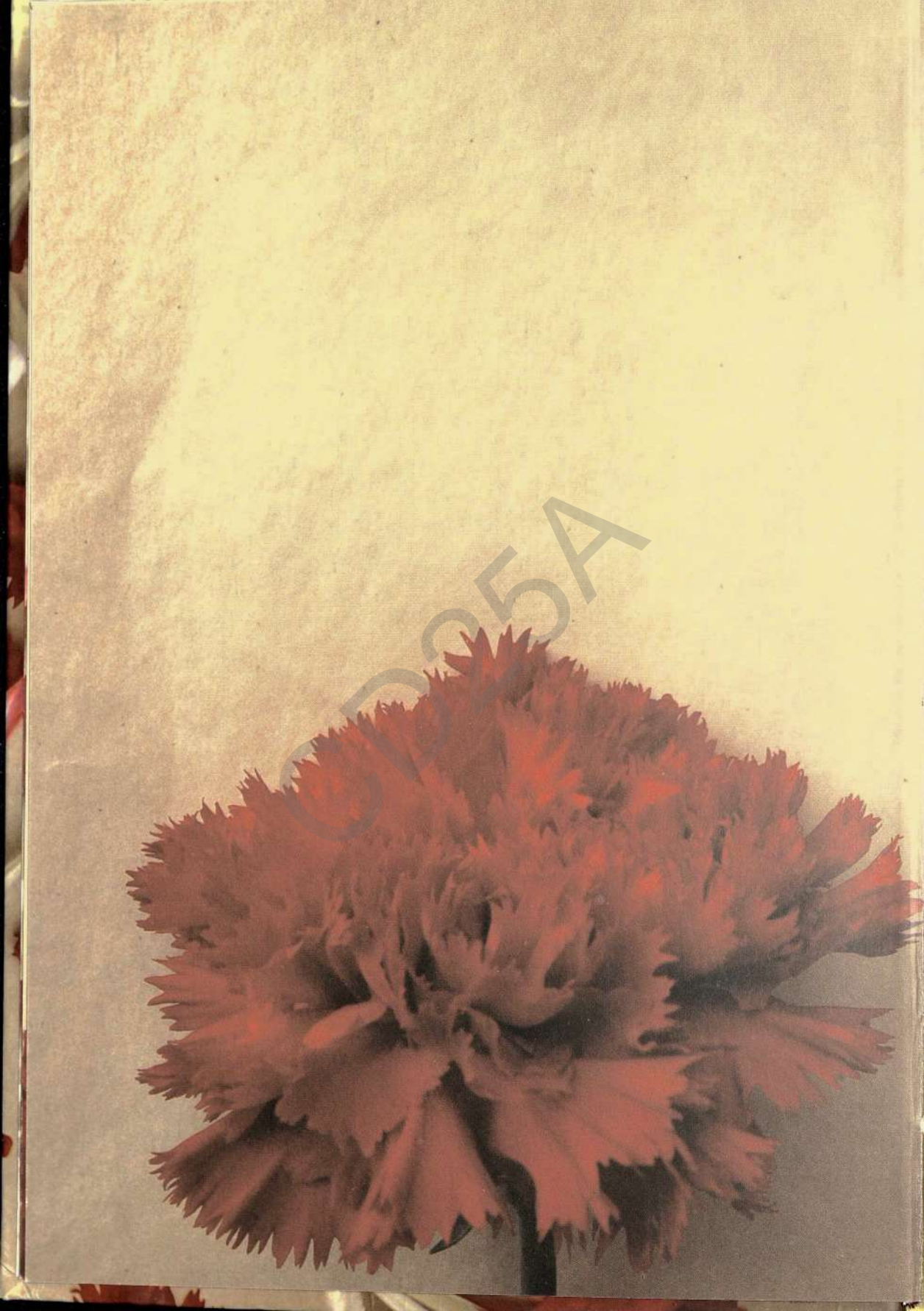
ISBN: 989-555-060-X

Depósito Legal nº 207357/04

CD25A



A CONVOCAÇÃO DAS VOZES,	07
PREFÁCIO POR BAPTISTA-BASTOS	11
DEDICATÓRIA	12
BIOGRAFIA	13
NOTA DA AUTORA	24
ADELINO GOMES	30
ADRIANO MOREIRA	34
ANA MARIA CAETANO	42
ANTÓNIO VICTORINO D' ALMEIDA	48
BAPTISTA-BASTOS	50
CATARINA MELO ANTUNES	58
DIOGO FREITAS DO AMARAL	62
DOMINGOS DUARTE LIMA	64
EUNICE MUÑOZ	68
FRANCISCO LOUÇÃ	70
FRANCISCO PINTO BALSEMÃO	74
JOÃO SOARES	78
JORGE DE MELLO	82
JORGE SAMPAIO	86
JOSÉ MÁRIO BRANCO	90
MANUEL MONGE	96
MARCELO REBELO DE SOUSA	102
MARIA DE LOURDES PINTASILGO	108
MARIA JOÃO SEIXAS	110
MARIA JOSÉ NOGUEIRA PINTO	112
MARIA TERESA HORTA	114
MIGUEL COUTINHO	120
MIGUEL SOUSA TAVARES	126
MIGUEL VEIGA	132
ODETE SANTOS	136
PAULA TEIXEIRA DA CRUZ	138
PEDRO AYRES MAGALHÃES	140
PEDRO SANTANA LOPES	144
SÉRGIO GODINHO	146
VÍTOR ALVES	



## A CONVOCAÇÃO DAS VOZES

*Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Uma revolução exige opções posteriores à sua particular «normalização». A do 25 de Abril não fugiu à regra. Hoje, trinta anos decorridos, quedo-me a pensar se «aquela» foi, mesmo, uma revolução — no sentido de revoltear, de transformar as coisas, de trocar de sistema. Alterámos o regime, isso sim, mas não substituímos a organização económica da sociedade, nem sequer conseguimos demudar as zonas de coordenação que definem o tecido produtivo.

Mas foi bom ter vivido no interior desse tempo exaltante. Foi bom ter sido partícipe na História e não passivo observador do que ocorria. Durante dezanove meses mergulhámos no coração das coisas, e perdemos a inocência, mesmo aqueles (como eu) que já tinham quarenta anos e ainda acreditavam na pureza imaculada das intenções.

Estes depoimentos recolhidos por Gilda Nunes Barata reavivaram-me a memória comovida dos acontecimentos. Acontecimentos que, amiúde, supriam a natureza evidente dos factos. Muitas coisas permaneceram na mesma, muitas coisas deixaram de ser a mesma coisa. Modificaram-se as relações, a linguagem, os comportamentos e, até, os modos de olhar e as maneiras de fazer.

Certas divisões disciplinares suscitam, ainda hoje, algumas objecções, afirmando um relativismo que o próprio movimento das ideias se apressa a desmentir. E se muitos de nós aprendemos a dúvida e suspeitámos das certezas, também soubemos que, para acolhermos, temos de ser acolhidos. A separação imposta pelo tempo determinou o surgimento de outras propostas de sociedade, antagónicas ao projecto do 25 de Abril. Montaigne, nos *Ensaíos*, escreveu: «Tudo se move, tudo oscila. O mundo não passa de um agitador perene.» Afirmação de mobilidade total: das aparências, das emoções, da moral e da ocasião.

As revoluções não obedecem a coordenadas cartesianas. Seguem os fluxos e os reflexos temporais, aos quais estão associados interesses de classe: económicos, culturais, sociais, políticos. Estes trinta depoimentos podem constituir um elemento desses círculos vitais, e permitem-nos reflectir sobre a natureza das pessoas perante acontecimentos que as ultrapassam como seres individuais.

George Steiner, um pensador de quem cada vez gosto mais, pelas amplas margens dedutivas que me oferece, acentuou: «Seremos responsáveis pelos nossos actos até ao fim dos tempos é o verdadeiro juízo final com que temos de nos confrontar (...) Seja como for, toda a obra é responsável. Quando publicamos comprometemo-nos, assumimos responsabilidades perante a sociedade, perante o leitor, perante as consequências possíveis de um argumento.» O que não invalida, bem pelo contrário, que todas as obras (literárias, jornalísticas, revolucionárias) se isentem de paixão. Viver ou escrever sem paixão é absolutamente imoral.

«Onde estava no 25 de Abril?» A pergunta passou a ter o grau de categoria sociológica; porém, nasceu de um conjunto de circunstâncias inofensivas. Mantive uma série de programas na SIC, *Conversas Secretas* [Novembro de 1996 a 20 de Janeiro de 1999], durante a qual discretizei com mais de cem pessoas. A quatro ou cinco delas formulei a questão, ao sabor das contingências do momento e das características do interlocutor. Não era uma pergunta programada. Surgiu-me no quadro de um raciocínio com conceitos naturalmente herdados, mas como afirmação de circunstância. Acontece que o Herman José caricaturou-me e à pergunta. De uma semana para a outra, a faixa etária que assistia ao programa desceu, oscilando entre os 25 e os 35 anos, e as audiências subiram. De norte a sul do País o «onde estava no 25 de Abril?» quase se transformou numa consigna, oscilante entre o divertido, o sarcástico e o apreensivo. E resultou num acto didáctico, porque estimulou o interesse de uma grande massa de telespectadores jovens por episódios e ocorrências históricos que ignoravam. Alguns programas (como aqueles em que entrevistaram António Borges Coelho, Fátima Bonifácio, Maria José Nogueira Pinto ou Oliveira Marques) obtiveram um êxito desusado.

Há uns tempos, o Adelino Gomes disse-me que, no Chile, fora recentemente editado um livro de depoimentos, sob o título *Onde Estava no 11 de Setembro?* [11 de Setembro de 1973, data do golpe de Estado de Augusto Pinochet contra o



*governo legalmente eleito de Salvador Allende*]. As ideias andam no ar — asseverou Kant. Percebi, então, o carácter fundamental da minha pergunta, e as perspectivas sociológicas e ideológicas que residiam no seu bojo. Dei-me conta de que qualquer pergunta ganha em vitalidade, em fecundidade e em imprevisibilidade o que perde em inocência.

Afinal, o nó do problema não era, simplesmente, «onde estava no 25 de Abril?» — o que fazia presumir uma imobilidade dogmática. A interrogação implicava a ideia de se saber «como se estava»; se se estava «com», «por», «contra» ou «indiferentemente». E podia estar-se «indiferentemente»? Demonstrava-se uma problematização da linguagem que prevalecia sobre o turbilhão, o intermédio, a complexidade.

Não havia um pensamento policentrado numa pergunta singela. Mas a verdade é que a pergunta empenhava-se, em si mesma, na confrontação, na provocação e na irritação. Movimento e variante, perplexidade e incerteza. E tudo isto se justificava se as respostas fossem de molde a aproximarmo-nos das características daqueles a quem a pergunta era dirigida. Ou, melhor, a tentativa de associar o implícito com o explícito. Neste aspecto, o testemunho que mais me emocionou foi o de Ana Maria Caetano, na forma de carta ao Pai, Marcello Caetano. Há, no seu depoimento, uma grandeza que marca, com particular consciência ética, as ásperas reminiscências, e que distingue a integridade de carácter de uma grande mulher.

Estou em crer que estes testemunhos recolhidos por Gilda Nunes Barata reflectem um tempo e iluminam uma época. Ao mesmo tempo que esclarecem o impulso geral das paixões desencontradas, e acentuam as diferentes (e naturais) interpretações dos acontecimentos. São vozes convocadas para nos lembrar de que não há conquista sem luta, nem luta sem dor e sem júbilo. Para nos dizer que a luta abre sempre o dia inicial.

Baptista-Bastos  
Lisboa, Abril de 2004

CD25A



## DEDICATÓRIA

AGRADEÇO AO GONÇALO BULHOSA O TER ACREDITADO EM MIM PARA A PROSSECUÇÃO DESTE PROJECTO. COM A MINHA ADMIRAÇÃO DE LAVA E FERMENTO PELO AMIGO E EDITOR. PARA SEMPRE E PARA OUTRAS REVOLUÇÕES!

A TODOS OS MEUS QUERIDOS CONVIDADOS COM QUEM CONVERSEI E A QUEM DEVO ESTE TRABALHO. QUERIA AGRADECER, PRINCIPALMENTE, ÀQUELES A QUEM DOEU A PRESTAÇÃO DO DEPOIMENTO E, MESMO ASSIM, TIVERAM A FORÇA, A CORAGEM E A GENEROSIDADE DE PARTILHAREM COMIGO ESSE SOFRIMENTO...

AO MEU PAI — A “TABELA PERIÓDICA” DAS MINHAS INCURSÕES E EXPERIÊNCIAS EXPLOSIVAS POR ABRIL E A CHAVE SEGURA DA PORTA DOS MEUS DESÍGNIOS.

À MINHA IRMÃ — A FORÇA AMIGA QUE ME OFERECERAM UM CD QUE ANIMOU A REDACÇÃO DOS MEUS ÚLTIMOS TEXTOS E LHE DEU A SUA ALEGRIA E ENTREGA EFUSIVA. AO AMOR REFORÇADO TODOS OS DIAS.

AOS MEUS TIOS PELAS TELAS BRANCAS QUE ME OFERECIAM E EM QUE EU IA IMAGINANDO O 25 DE ABRIL, PELAS MENSAGENS TELEFÓNICAS COM CITAÇÕES LITERÁRIAS E AMIGAS.

AO ZÉ MARIA — ESTRELA PERFEITA E IMPRECISA DOS MEUS LIVROS.

À CATARINA MELO ANTUNES — A FADA QUE DEUS PROMETE ÀQUELES QUE NELE CONFIAM, E EU CONFIEI E TIVE.

AO MEU AMIGO DUARTE DE ATHAYDE QUE CONQUISTOU MOMENTOS DE DESALENTO COM POZINHOS DE ALEGRIA.

À TIA RAQUEL CAIADO GUERREIRO E À DRA. MANUELA FONSECA, COM AQUELE CARINHO QUE TAMBÉM É GRATIDÃO.

À MINHA MÃE QUE ABENÇOOU, DESDE O INÍCIO, ESTE PROJECTO.

A TODAS AS FORMAS DE LIBERDADE.

À MAIOR REVOLUÇÃO:

A REVOLUÇÃO DO AMOR.

## BIOGRAFIA

Gilda Nunes Barata começou a ter sonhos ou pesadelos (não se sabe) com a Revolução de Abril. Tem 30 anos, nasceu em Lisboa, num berço um tanto ou quanto inquieto.

Depois, começou a viver a revolução da poesia na sua vida. Publicou dois livros de poesia (*Quando o Rio e a Maré Confluem* e *Vertigem Velada*), um livro infanto-juvenil (*O que é a Saudade, Querido José Maria?*), dois livros de prosa poética (*Coisas de Amarração* e *Na Terra das Mil Coisas*) e uma peça de teatro (*La Nuit Brouillant Mes Rêves*), escrita a convite do Instituto Camões, representada em Paris e editada numa edição bilingue (português-francês).

É licenciada em Direito pela Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. É mestre em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras de Lisboa. A sua tese de mestrado, *A Presença na Ausência em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão*, é editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda no decurso deste ano. Colabora com revistas literárias infanto-juvenis, estando alguns dos seus contos editados em livros escolares do ensino secundário nacional. A par destas actividades, pinta todos os espaços vazios que encontra para melhorar a sua consciência da totalidade.

Presentemente, desempenha as funções de assessora jurídica na Câmara Municipal de Lisboa e garante mais revelações da linguagem. Porque só acredita em existências convulsas e marginais.



## NOTA DA AUTORA

Era uma vez um menino de oito anos. Inconsciente de pontos de vista políticos, de árvores ou raízes de diferentes quadrantes ideológicos, apenas sonhou a dimensão de um acontecimento real, numa visualização inocente do dia 25 de Abril. Às cavalitas do seu pai, na Manifestação da Fonte Luminosa, continuou a viver acontecimentos que o marcariam, como uma viagem inesperada e atribulada em direcção à Galiza nos dias subsequentes ao 11 de Março, viagem essa que culminaria no 25 de Novembro - uma data também ela de fantasia.

Numa família de nome conservador, o menino cresceu e tomou consciência. Continuou leal mas *outsider*, acreditando numa sociedade justa, livre e democrática. Um filme. Como a memória de que nasce o projecto deste livro.

Foi assim, a partir de uma pergunta, que se consolidou em história (feita por Baptista-Bastos no seu programa *Conversas Secretas*) e da vontade de homem adulto-editor, que nasceu um sonho.

E eu, também, por ter a idade dessa revolução, transformei-me no fio condutor deste sonho ao levar a cabo este doce embalar de uma emoção - a memória inconsciente do 25 de Abril.

O livro que agora apresentamos é uma história como tantas outras histórias que encantam. O nosso ponto de partida foi o 25 de Abril de 1974. Foi querer saber o que cada uma destas pessoas estava a fazer nesse dia de névoas fortes e impulsos livres. Nesse dia memorável, estariam todas as energias em sintonia? Haveria uma força maior do que aquelas que cumprimos nos outros dias?

É muito difícil pensarmos um dia especial sem que pensemos gestos especiais. Mas, afinal, aquele que vive uma vida que lhe é própria tem todo o direito de viver diferentemente um dia comum... É assim. Para uns, o ardor pode ser festejado com raiva e para outros pode ser a serenidade quieta que acende uma flor e apaga um mundo de coisas infinitas. Ninguém sabe o que é uma revolução até ao dia em que a experimenta na sua carne. Ninguém sabe se vale a pena mudar alguma coisa na história individual e colectiva sem que tenha uma esperança dentro de si, uma generosidade qualquer. E se, por acaso, o tempo dirá coisas diferentes quando cumprir a sua função de tempo. Ninguém sabe. Ninguém pode saber se aquilo que fez foi o acertado. As revoluções nunca são dos deuses. Os deuses não falham e, falhando, recomeçam perfeitos. E aquele homem que revoluciona o seu íntimo muda algo de mais lato que um universo abstracto, muda uma criação sua. E nasce outra vez imperfeito mas curado da sua arrogância passada e sempre com a humildade de quem quer vencer os seus fantasmas.

Este livro fala de coisas íntimas e intransmissíveis. Coisas pequeninas e, muitas vezes, não ditas àqueles que, ocasionalmente, nos julgam e, por isso, nos intimidam. Qualquer um de nós pode fazer a coisa mais simples, num dia colectivo, de forma totalmente sua. Qualquer um de nós tem nas suas mãos o ritual que escolhe ou a forma como o vivencia. Beber um chá descomprometido com o mundo é muito mais leviano do que engolir cada golo de chá com carinho e respeito pela erva que se ingere. São as flores e as crianças que mais se apercebem disto porque são seres totalmente disponíveis. Se lhes dermos um gesto convicto acreditam, senão desistem do nosso carinho.

É um livro de memórias. Memórias que se alcançam transformadas pelo sopro da mudança das nossas próprias consciências imparáveis e por aquela voracidade que é só reconhecermos o que já está mudado.

É um livro intimista, político, porque até na nossa intimidade somos seres totais (e, por isso, também seres políticos). Qualquer homem que se comprometa com o mundo é um ser político. O rasgar um papel, o aceitar um convite, o recusar um abraço... Tudo isso são gestos políticos.

Narrar um dia é sempre uma provocação para nós, para aquele que nos ouve e sobretudo para a nossa memória porque contorcemo-la, obrigamo-la a ser muito mais do que um puro registo. Forçamo-la a alcançar-nos no nosso momento presente, a testemunhar aquela *durée* de que nos fala Bergson nos dois níveis de memória que estabelece como distintos e complementares que são a "memória-uso" e a "memória-evocação". Numa, temos o objecto fixo que nos prende a um facto (uma fotografia, por exemplo). Na outra, temos a surpreendente transformação dos corpos em árvores, da carne em fumos espirituais. E foi esta segunda a que mais nos interessou. Porque é a mais volátil, mas também a mais verdadeira e vital porque morre muitas vezes para nascer mais robusta. A verdade de um dia das nossas vidas é sempre uma verdade intuitiva, afectiva e entrelaçada com tudo o que nos prende à vida. Nenhum homem poderá narrar o dia mais importante da sua vida sem que lhe imprima o seu desejo mais íntimo, sem dizer o não-lugar. Ninguém poderá reconhecer um acontecimento político sem que o sonhe como se fosse muito pequenino e estivesse no seu berço de criança a sonhar estrelinhas de cetim. Qualquer momento importante da nossa vida é retirado das nossas entranhas. É exteriorida-

de habitada e cúmplice de nós mesmos. Por isso, este é também um livro de subjectividade. Um livro de choques e limites. Um grito de ferocidade para aqueles que perante as suas vidas ficam impávidos e nada recordam. É preciso recordar. É preciso ter a coragem para recordar mesmo que isso nos custe, nos retire a dormência ou a lástima de sermos seres inconscientes. É preciso sofrer. É preciso amar a memória para que ela nos comece a amar. A amar de verdade. Cada gesto de memória é também um gesto de futurologia. Um começo para uma ligação mais intensa com a nossa essência.

Acredito também naquilo que não registei no papel e ocupou o meu espaço de memória para passar a ter um 25 de Abril só meu, para ter a minha ficção apropriada e imaginada. Para criar uma nova forma de realidade com muitas idades e sem nenhum constrangimento.

Nestas viagens sem espartilhos contei com um pouco da minha vontade de participar no meu berço de menina que estava rodeada de uma irmã que brincava às guerras, de uma mãe muito doce e de um pai interventivo e inquieto. Fui sendo embalada e, por vezes, chocalhada para acordar. Porque temos a obrigação de acordar. Nem que seja só uma vez na vida. Quem não acorda não tem o direito de assistir a nenhum sono alheio.

Por fim, apropriei-me ainda desses momentos como uma criança que começa a aprender o alfabeto do orvalho ou repete sons que são só sons e nada mais. As sonoridades da vida que palpita sem para nem por quê. Agora que terminei sinto que não sou a mesma. Sinto que a minha memória, como sempre, me prova que não é um repositório e que no meu berço eu tinha sonhos que já sabiam que um dia me contariam muitas histórias e essas histórias passariam a ser minhas como as nuvens são dos seus barcos. Barcos velhos que retiram a sua força das nuvens sempre infantis.

E é por isso que este livro é vosso. Visceralmente de quem já sabe ou começa a aprender a contar as linhas de um grande amor. Linha a linha. Página branca e indestrutível. De quem recomeça a sua história todos os dias e não tem uma biografia actualizada.

Um grande amor é sempre uma Revolução.

Gilda Nunes Barata





CÉU ENCOBERTO

isbo

NTA FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1974 N.º 18439 — ANO 54.º — P



# Lisboa



CÉU ENCOBERTO

QUINTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1974 N.º 18439 — ANO 54.º — PREÇO 2\$50

**FORÇAS ARMADAS**  
**AÇÃO LIBERTADORA**

**0.30**

Transmissão do programa «Limite» da Rádio Renascença da canção «Grândola, Vila Morena», de Zeca Afonso, que constituiu a senha para o desencadear das operações do Movimento Militar.

### **ENTRE AS 0.30 E AS 3 HORAS**

Prisão do comandante da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, e partida de uma força desta unidade para Lisboa. Simultaneamente, verificaram-se movimentações militares em Tomar, Vendas Novas, unidades da Região Militar de Lisboa (Caçadores 5 e Cavalaria 7), Figueira da Foz, Viseu, Lamego, Mafra, Estremoz e noutros pontos.

### **3 HORAS**

Ocupação simultânea de pontos vitais da capital. Foram tomados, quase sem resistência, o Aeroporto, o Rádio Clube Português, a Emissora Nacional, a Radiotelevisão Portuguesa e a Rádio Marconi. Ao mesmo tempo, foram cercadas as áreas onde se situam o Quartel-General, em São Sebastião da Pedreira, e o Quartel-Mestre. É encerrado ao tráfego aéreo o Aeroporto de Lisboa.

### **4.20**

Primeiro comunicado do Movimento Militar, transmitido através do Rádio Clube Português. O Movimento pedia à população que se mantivesse calma, nas suas residências, a avisava as forças militarizadas (P.S.P., G.N.R., L.P. e G.F.) para se absterem de qualquer confrontação.

### **4.45**

Segundo comunicado do Movimento. Insistia-se nos mesmos pontos. Até esta hora não era possível identificar as vozes dos locutores que liam as informações.

### **DAS 4.45 ÀS 6**

Movimento envolvente das tropas que cercavam Lisboa, culminando com a instalação de baterias vindas da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas, no morro de Cristo-Rei. Tomada sem resistência do quartel da Legião Portuguesa, na Penha de França, por uma coluna de comandos dirigida pelo major Neves.

### **6.45**

Novo comunicado do Movimento informando já que unidades militares cercam a cidade de Lisboa. Os comunicados do Movimento das Forças Armadas multiplicam-se, enquanto o Rádio Clube Português passa a transmitir música portuguesa, incluindo as chamadas canções de protesto.

Sabe-se na RTP da prisão dos 1.º e 2.º comandantes da Região Militar do Porto e da adesão consequente desta cidade ao Movimento.

### **7.20**

Na sala do Telejornal, na RTP, as Forças Armadas improvisam um posto de comando e passam a coordenar notícias.

### **8.30**

Pela primeira vez, o comunicado é lido na Emissora Nacional.

Entretanto, pessoas que se dirigiam rotineiramente aos seus empregos são avisadas da situação que se vive na capital e regressam às respectivas casas. Os comboios da linha de Sintra não circulam até à estação do Rossio, terminando as suas viagens em estações intermédias da linha.

No Alfeite é proibida a entrada aos empregados civis. O Banco de Portugal aparece ocupado, de manhã, por forças militares e os empregados não chegam a apresentar-se ao serviço. Os noticiários das Forças Armadas passam a ser lidos no Rádio Clube Português pelo conhecido locutor Luís Filipe Costa, director de programas daquela estação.

**A PARTIR DAS 9 HORAS**

Começam a circular boatos desencontrados, entre os quais o da prisão do general Spínola. A população, receosa do que pudesse acontecer, começou a abastecer-se de pão e correu com as suas viaturas às bombas de gasolina, originando grandes «bichas».

**10.15**

Um avião de pára-quedistas sobrevoa o Terreiro do Paço, mas os homens não descem. Entretanto, na outra margem do Tejo, dois aviões cruzam sinais de fumo. São fechados os acessos ao Terreiro do Paço e barricadas as ruas Augusta, da Prata e do Ouro.

**ENTRE AS 10.30 E AS 11.30**

Os ex-ministros da Defesa, do Interior e do Exército, participam numa reunião no Ministério do Exército, à qual assiste também o ex-deputado Henrique Tenreiro, além de outros oficiais-generais. Há tiros no Terreiro do Paço, quando um alferes intima o tenente-coronel Ferraud de Almeida a render-se. O tenente-coronel Ferraud de Almeida, comandante de uma das forças de Cavalaria 7, recusava-se a aderir ao Movimento, chegando a disparar dois tiros antes de se entregar.

Os ministros militares e do Interior tentam fugir por um buraco de comunicação entre o Ministério do Exército e o da Marinha. São vistos a tomar lugar num autocarro.

O general Andrade e Silva, ministro do Exército, põe-se em fuga. Outros dirigem-se ao quartel da G.N.R., no Carmo.

**11.30**

**Cerco do Quartel do Carmo, onde se encontram o ex-Presidente do Conselho e membros do seu Governo. A G.N.R. fecha as portas do quartel e manifesta o propósito de resistir às forças sitiadas.**

Uma extensa coluna de populares apoia, com incitamentos, a acção das forças militares, já de posse da situação.

**A PARTIR DAS 11.30**

Reforços da G.N.R. atingem a zona do Largo do Carmo e tomam posições adversas às tropas sitiadas.

Uma coluna motorizada toma posição no Largo de Camões. Lanceiros 2, na Ajuda, continua a resistir ao movimento e recolhe o ex-Presidente da República e alguns membros do Governo.

**Entretanto, seguem-se comunicados militares, de quinze em quinze minutos. O Movimento apresentava-se como vitorioso e informava dominar a situação em todo o País com a excepção de alguns pequenos focos de resistência na capital. Num dos comunicados, Rádio Clube Português transmite uma angustiante conversa entre os comandos das forças da G.N.R. que tentam alcançar o quartel do Carmo, a fim de reforçar a resistência governamental.**

Um outro comunicado indica que foi dirigido um ultimato aos sitiados do Carmo, dando as 17 horas como prazo de rendição.

**A partir do meio-dia, toda a acção se concentra no Carmo.**

### A PARTIR DAS 13

Populares são atingidos por tiros disparados da Direcção-Geral de Segurança, na Rua António Maria Cardoso. Há feridos, entre os quais três jovens.

Ainda há uma tentativa da Companhia Móvel da P.S.P. para tomar posições no Chiado.

### A G.N.R. ocupa o Rossio.

#### 14.55

Um novo comunicado do Movimento das Forças Armadas avisa a população de que os elementos da G.N.R. e D.G.S., que se fazem passar por amigos do Movimento, são adversos às Forças Armadas.

#### 15 HORAS

O capitão Salgueiro da Maia, comandante das forças que sítiam o Quartel do Carmo, improvisa uma conferência de Imprensa e afirma: «A G.N.R. não tem qualquer hipótese de resistência.»

### ENTRE AS 15 E AS 16

Tentativa de mediação entre as Forças sítias e as sítiantes realizada por Feitor Pinto, ex-director da Informação. Da conversa resulta a entrega do quartel do Carmo às Forças Armadas, contra garantias que estas oferecem acerca da integridade física das individualidades ali acoitadas.

#### ÀS 16

Distribuição de um comunicado da Comissão Executiva da C. D. E. de Lisboa, no qual se manifesta apoio ao Movimento Militar.

### Grande manifestação popular de apoio ao Movimento no Largo do Carmo e nas ruas que lhe dão acesso.

#### 17.40

Chegada ao Quartel da G.N.R. do Carmo do general António de Spínola. O general apresenta-se com o seu traje militar. É alvo de uma estrondosa ovação por parte do público.

#### 18 HORAS

Sucedem-se «apelos das Forças Armadas para que a multidão evacue o Largo do Carmo, a fim de serem transferidos o ex-presidente do Conselho e alguns dos seus ministros.

**A multidão exige a presença do general Spínola numa das janelas. Cresce o mar de manifestantes, numa proporção como não há memória em Lisboa. Informa-se a população que existem elementos da D.G.S. entre os manifestantes e que não é possível, por isso, fazer aparecer o chefe do Movimento.**

#### 18.15

**O dr. Sousa Tavares, candidato da C.E.U.D. nas «eleições» de 1969, dirige-se à multidão, a convite das Forças Armadas. Apela para que os populares se comportem civicamente e anuncia a «libertação do jugo fascista».**

#### 18.30

**Em vez de arredar pé, a multidão aumenta. A situação complica-se, porque as Forças Armadas não querem usar de violência em relação aos manifestantes, actuando, ao contrário, com incedível paciência e cortesia.**

19.35

Marcello Caetano e outras individualidades abandonam o quartel onde haviam estado sitiados, num carro blindado, perseguido por uma viatura da G.N.R. onde seguia o general António de Spínola. O ex-Chefe do Governo é conduzido para instalações militares na Pontinha.

20.30

Comunicado do Movimento das Forças Armadas. É lida a proclamação ao País, firmada em Santarém pelo comando do Movimento. Anuncia-se que o almirante Thomaz foi transportado, de helicóptero, de Lanceiros 2 que já se havia rendido durante a tarde, para as instalações da Polícia da Força Aérea, em Monsanto. Anuncia-se, ainda, que Marcello Caetano procedeu à transferência do Poder para o general Spínola, que assume o comando das Forças Armadas.

21 HORAS

**A multidão enfurecida dirige-se para a sede da D.G.S. Atiradores desta Polícia dispararam sobre manifestantes na Rua António Maria Cardoso. Há quatro mortos, entre os quais uma jovem universitária e mais de uma dezena de feridos. Ambulâncias e material de socorro convergem para zona.**

As Forças Armadas anunciam que a D.G.S. vai ser cercada e pedem à população que se mantenha calma.

Um agente da D.G.S. é morto pelas Forças Armadas quando tentava fugir, depois de saltar do edifício policial para a rua. Manifestantes concentram-se no Camões e Rua António Maria Cardoso, contidos por cordões militares. A multidão, enraivecida, exige a entrega dos agentes da D.G.S. e grita «Vinguemos os camaradas mortos». Só a muito custo as tropas conseguem deter os populares, que recordam angustiadamente os últimos quarenta anos da vida política repressiva do País.

22 HORAS

**A D.G.S. resiste também na prisão de Caxias. Espalha-se o boato de que serão exercidas represálias sobre os presos políticos que ali se encontram ainda.**

Entretanto, anuncia-se que a P.S.P. aderiu totalmente ao Movimento e deixou de oferecer qualquer resistência.

23 HORAS

Anuncia-se que Marcello Caetano e alguns ex-ministros serão conduzidos para os Açores.

**Progressivamente, as bolsas de resistência ao Movimento vão cedendo.**

**GOLPE DE ESTADO**

**O MOVIMENTO DA**

**E ANUNCIA A**

**A UMA JUNTA**

**PRESIDIDA PELO**

- IGNORA-SE AINDA O DESTINO
- MARCELLO CAETANO RENDEU
- GRAVE INCIDENTE COM A D.
- NO RESTO DO PAÍS, TUDO C



AS PRIMEIRAS HORAS

FORÇAS ARMADAS

ENTREGA DO G

E SALVAÇÃO N

GENERAL ANTÓNIO I

ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ

NO QUARTEL DO CARMO

(3 MORTOS E 45 FERIDOS)

NORMALMENTE

MOMENTO

HISTÓRICO

## ADELINO GOMES, 29 anos jornalista

Eu tinha conhecido dois militares no dia 17 de Março (o alferes Geraldês e o capitão Teófilo Bento) numa conferência de imprensa clandestina, organizada pelo António Reis, para jornalistas estrangeiros que estavam em Portugal na sequência do Golpe das Caldas da Rainha a 16 de Março.

Eu tinha sido, no dia 1 de Abril, procurado por um capitão ingénuo (por acaso, era o capitão Teófilo Bento) que me entrou por uma das salas da *Seara Nova* a dizer num tom exaltado: "Nós vamos fazer um golpe de Estado... Não se importa de me dizer quem são as pessoas em quem posso confiar e aqueles que devem ser presos imediatamente?"

Eu tinha achado aquele homem completamente maluco, até fui repreendido pelo meu director, o José Garibaldi, por ter tido aquela conversa surreal, mas mesmo assim, a seu pedido, desenhei-lhe um *croquis*... Terei sido inconsciente?

Eram 6:30 da manhã, no dia 25 de Abril, quando me tocaram à campainha de casa. Pensei que ia ser preso. Pedi à minha mulher que espreitasse pelo ralo o rosto da minha desgraça. Perguntei-lhe: "O que vês?" Ela disse-me: "Apenas um ombro muito largo." Era o ombro da minha desgraça, de certeza.

Abri a porta e vi o meu irmão mais novo, o Zé, que me disse que Lisboa estava cercada, retirando-me o pavor e criando-me outro medo.

Nessa altura, eu era secretário de redacção da revista *Seara Nova*. Tinha regressado da Alemanha em Setembro de 73, depois de a Rádio Renascença me ter censurado um trabalho e, agora, tinha assistido à prisão, no dia 18 de Março, de muitos dos meus colegas da revista, restando apenas o António Reis (hoje deputado do Partido Socialista), o Mário Sottomayor Cardia e a mulher a dias...

Sai em direcção ao Rossio como cidadão. Não possuía a carteira profissional de jornalista e, por isso, os meus olhos seriam os do cidadão. Por volta das 10 da manhã, fui para o Terreiro do Paço, tentando convencer os soldados de que até era jornalista embora não tivesse carteira.

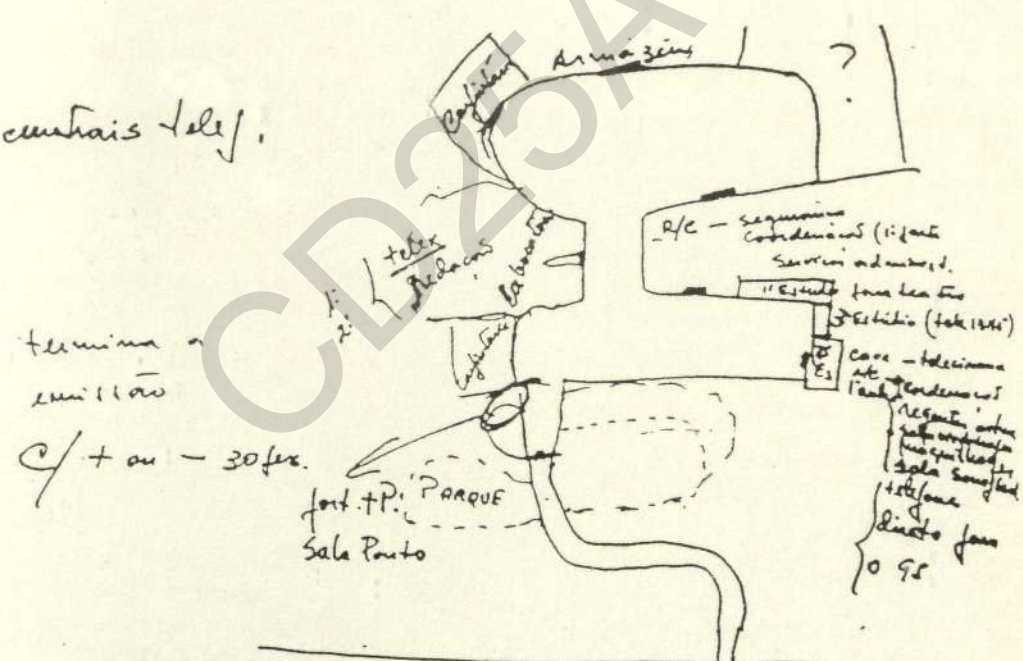
Continuei a percorrer as ruas, eu o cidadão, eu o homem sem carteira de jornalista. E, ao encontrar o meu querido amigo fotógrafo Carlos Gil junto à estátua de D. José, estremeci perante os "capacetes" que me lembravam o movimento no Chile de militares chefiados pelo general Pinochet. Nesse momento, perguntei, ingenuamente, ao Carlos: "Quem são?" O Carlos Gil só me disse: "Quem os comanda é o Maia!" "O Maia? Parece-me que conheço o Maia! Em Leiria, no liceu, havia um fulano chamado Satqueiro Maia, um fulano atarracado e que tinha ido para a Academia Militar. Ele era amalucado... É bem possível que seja ele... Será aquele tipo que o meu irmão dizia que se punha debaixo dos



## ZONA DOS ESTÚDIOS

- 1º andar
- Sala de videotapes
  - Sala de microfotografia
  - (2) Sala de referência
  - hora almoço
  - 1º fogão? refeição de estudo: (2)
  - filme de um
  - evento de realização
  - (3) Sala de referência
  - (3) Estúdio

2 centrais telef.



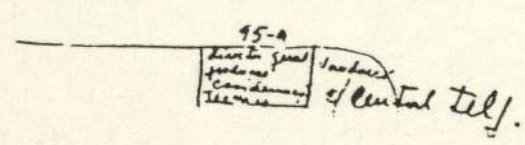
termina em  
suavidade

C/ + ou - 30 fox.

font. + P. Parque  
Sala Ponto

Reservatório  
Sala de trabalho  
Sala de estudo  
telefone  
linhas para  
095

linha - Estúdio S. 1/2. 1/2.







blindados e eles passavam por cima? Será um capitão do Kaulza?..."

Aproximei-me do centro nevrálgico da minha dúvida e, abraçando o Maia, perguntei-lhe: "De que lado estás?" Eu precisava saber de que lado estava o Maia para começar a compreender alguma coisa. Ele respondeu: "Não investes problemas com a censura?! Então fica a saber que eu estou aqui para resolver isso."

O Maia estava do meu lado como em Leiria, nos velhos tempos. Abracei-o novamente e incorporei uma coluna para derrubar, também eu, o regime... Jornalistas da Rádio Renascença do programa "Limite", que tinham posto no ar a *Grândola, Vila Morena* e que não queriam mais ter limites, juntavam-se a nós.

Eram 13:00 e o regime já tinha mudado. Eu sabia, eu sentia e o meu microfone captava furiosamente os gritos politizados da mudança.

E, por fim, o discurso comovente do Francisco Sousa Tavares para o desempate. Mais gritos, mais palmas e a multidão exclama: "O general Spínola à janela e a malta vai-se embora!"

Nove horas de gravação... aquilo era espectáculo. Espectáculo para o padre Américo (então director da Rádio Renascença) que não percebia quando lhe diziam: "Sr. padre, o regime mudou!" E ele respondia: "Não. Não. O Presidente almirante Américo Tomás ainda está na sua residência!" Oh sr. padre, como é que Deus não o avisou que a força dos homens também é divina e que a residência dos homens agora é a rua?!

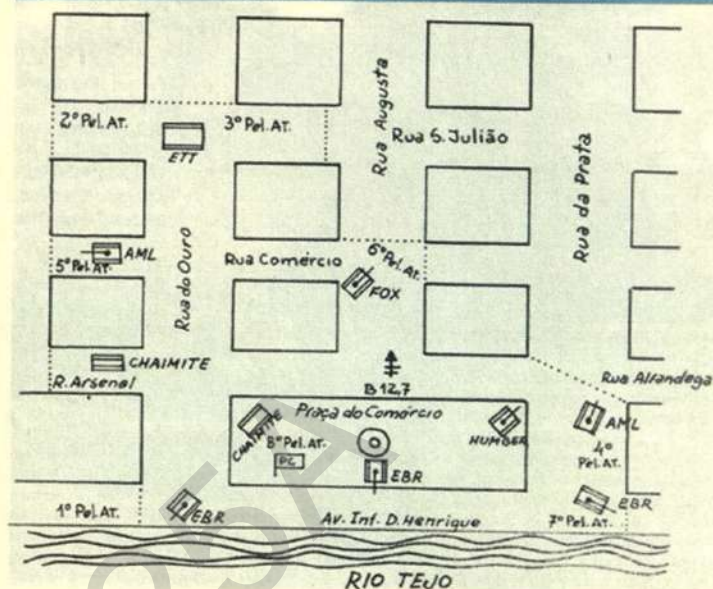
Quando é que a reportagem acabou?

Acabou no momento em que o Prof. Marcello Caetano entrou na chaimite Buía, sendo, apesar de tudo, garantida a sua segurança. Talvez fosse esse o desfecho.

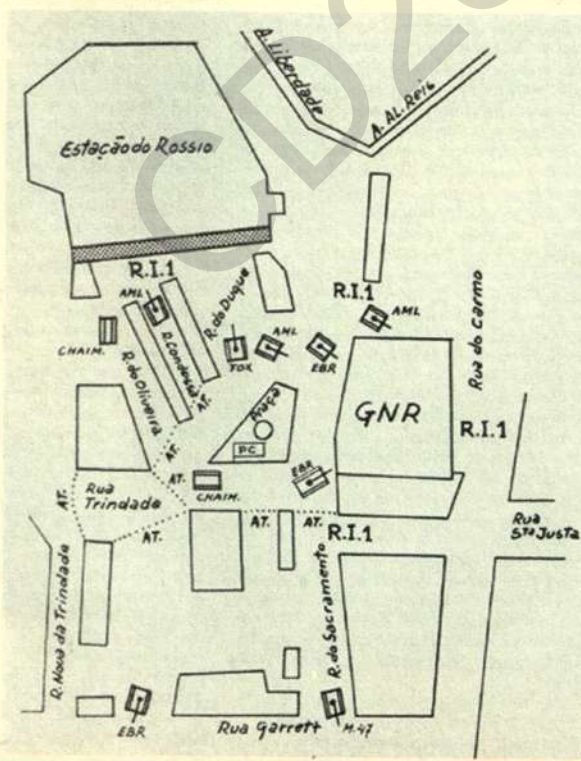
E eu até multipliquei os desfechos porque no dia 27, quando a reportagem foi para o ar, convenci o povo de que havia outro golpe de Estado. Mais golpes. Uns atrás dos outros.



**PLANEAMENTO DO DISPOSITIVO A UTILIZAR PARA A OCUPAÇÃO DA ZONA DO T. DO PAÇO**



As janelas tel do capitão o mega-se fazer homens dava. A — Em planea disposu ir para a zona do Paço. i ocupa- rgo do SQUER- ciação na



Quantos homens e que armamento levou para Lisboa?

Cerca de 250 militares, ou seja 165 atiradores e à volta de 80 nas viaturas blindadas. A coluna militar era composta por dez viaturas blindadas, dez viaturas de transporte de pessoal, duas ambulâncias e um "jeep". Tivemos, no entanto, vários problemas, porque, desde que rebentou, o paiol da unidade passou a estar em Santa Margarida. Assim, cada peça de cada viatura blindada só tinha quatro munições. Além disso, a viatura que se avariou à entrada da auto-estrada não levava uma única munição. Também não havia fitas para a metralhadora coaxial. Substituímo-la por outra metralhadora em que as adaptações foram feitas inclusivamente com arames. Pelo menos duas viaturas blindadas não tinham motor de arranque e, por conseguinte, não poderiam parar. Outra apresentava problemas nos hidráulicos e as restantes, atendendo à idade avançada, poderiam, de um momento para o outro, apanhar uma forte gripe. Este é, na verdade, um capítulo extraordinário desta maravilhosa aventura. Com este material fizemos a viagem de Santarém a Lisboa à média de 60 km/h.

Que disposição tomou durante a viagem até Lisboa? Registou-se qualquer incidente?

O objectivo era aproximarmo-nos o mais rapidamente possível de Lisboa, antes que as tropas fiéis ao Governo fossem totalmente alertadas. Seria um grave problema se nos aparecessem pela frente os carros de combate M47. À frente da coluna levava uma viatura civil com três oficiais milicianos que me informariam de qualquer movimento de tropas.

# CAPITÃO MAIA: UM HOMEM NA REVOLUÇÃO



Recusou ser olhado como alguém que fez qualquer coisa de extraordinário

Faziam-se festas e jantares enquanto se desconheciam, completamente, as soluções urgentes

As eleições de Outubro-73 vieram confirmar a ideia de que não havia, qualquer hipótese de resolver legalmente o problema

Na madrugada do dia 25 de Abril de 1974 os instrutores dos cursos de oficiais e sargentos milicianos da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, ainda estavam esfregando os olhos para espantar o sono mal contido quando, em pequenos grupos, se reuniram numa das salas de aula da unidade. Todos estão convencidos que vão dar o corpo à instrução nocturna e que não poderão mais, naquela noite, ceder à tentação dos lençóis. Esperam pelo cap. Salgueiro Maia. Com passo decidido e enérgico, o oficial acaba de dar entrada na sala. Cada um conhece-o bem. Ninguém vai estranhar a sua voz firme, pausada mas convincente. Como sempre, o olhar é sereno, se bem que a vivacidade que reflecte ainda aumenta a força das palavras. Os gestos não pecam por exagero, como convém a um militar de estatura relativamente baixa e entroncado. Assim falou o cap. Maia: *Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de estados. Os sócios, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos.* Pouco tempo depois, uma coluna militar avançava, pela calada da noite, a caminho de Lisboa, comandada pelo jovem oficial de 29 anos. Estava em marcha o golpe de Estado que derrubou, em poucas horas, o regime fascista de Marcelo Caetano. Foram horas inesquecíveis de uma jornada que estoirou com as amarras da opressão que humilharam um povo quase durante meio século. No Terreiro do Paço as tropas libertadoras do cap. Maia dominaram as forças opostas, enquanto noutros pontos da cidade e do País militares do mesmo ideal vergavam o opressor. Depois, foi a caminhada para o Carmo. Apoteótica, triunfante. Povo e soldados de mãos dadas. No cano da espingarda um cravo, na boca de todos o grito da liberdade. As horas de maior tensão e expectativa tiveram lugar em redor do Quartel do Carmo, enquanto se negociava a rendição da G. N. R. e do ex-Presidente do Conselho. Muitos viram aí a serenidade e a decisão inquebrantável do jovem comandante das forças sítiantes. E, ao cair da tarde, ele cumpria à letra o que prometera aos seus homens. Marcelo Caetano e alguns dos seus ministros tomaram o lugar de prisioneiros num carro blindado chaimite.

Agora, no seu gabinete de comandante do Terceiro Grupo de Instrução e do Primeiro Esquadrão da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, o cap. Salgueiro Maia recorda os acontecimentos do dia 25 em que estiveram envolvidos ele e os seus homens. Por vezes, não esconde uma certa satisfação e prazer quando explica como foram resolvidas de uma certa maneira anedótica algumas situações complicadas, como, por exemplo, a da metralhadora que foi amarrada ao carro por meio de arames. Ou, então, é incapaz de reprimir a alegria com que descreve como as mulheres o ajudaram a ocupar a zona do Carmo, por onde ele nunca tinha passado. Ou, ainda, como os populares ultrapassaram a barreira inimiga para conseguirem gasolina e óleo para os carros de combate. É a descrição de um dia que culminou toda a acção anterior do Movimento das Forças Armadas de que o cap. Maia foi um dos principais mentores e responsáveis. Quando lhe fizemos a primeira pergunta ele antecedeu-a de um esclarecimento **peremptório:** *Recuso ser olhado como alguém que fez qualquer coisa extraordinária. Apenas cumpri o meu dever, tal como os outros. Já quiseram dar o meu nome a uma das ruas de Santarém. Isso era um dos brindes que o regime fascista gostava de oferecer aos seus servidores. Não posso concordar. O Movimento actuou para dar e garantir ao povo o que lhe pertence. Nada mais.*

O capitão Salgueiro Maia, comandante do Terceiro Grupo de Instrução e do Primeiro Esquadrão da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, nasceu em Castelo de Vide no dia 1 de Julho de 1944. O pai era ferroviário. Quando a mãe morreu ele contava quatro anos e passou a viver com os avós. Estudou no Colégio Nun'Álvares, em Tomar. Em Leiria completou o sétimo ano, ingressando, de seguida, na Academia Militar. Em Dezembro de 1967 partiu, como alferes, para Moçambique. De regresso voltou à Escola Prática de Cavalaria. Depois, na Guiné, serviu sob as ordens do general Spínola. É casado, sem filhos. No campo da cultura geral interessa-se pela história e arqueologia. No desporto as preferências vão para a equitação, o tiro e a natação.

Entrevista de  
ANTÓNIO AMORIM  
Fotos de  
CARLOS GIL  
e ANTÓNIO XAVIER

## **ADRIANO MOREIRA, 51 anos** professor de Direito

"Haverá sempre uma liberdade a conquistar. E sempre também quem esteja pronto a escolher, sem outra alternativa, entre conquistá-la ou perecer. Mais os que decidem esperar. E os que desistem. E os que nem chegam a saber que pode haver outra maneira de passar neste mundo. Mas cada época vê nascer as suas lutas necessárias, pelas liberdades só então ambicionadas. Por isso a tarefa é interminável. De lance em lance, em frente e para cima. Em direcção ao alto. O sonho foi o de que todos os homens nascem livres e iguais. Levou séculos para ser dito." (Adriano Moreira, *Tempo de Vésperas*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002).

Em *Tempo de Vésperas* o Prof. Adriano Moreira estava inquieto porque o seu filho mais velho, que nessa altura ainda era menino, estava doente. Foi no dia 24, quando chamou o médico, que começou a ouvir as primeiras advertências, músicas e sinais de algo que para si não constituía uma surpresa. Lembra-se de haver um sentimento de resistência ao modelo político instaurado a par de uma "opinião pública fatigada". Fatigados também estavam os "estropiados da guerra que andavam pela Rua da Artilharia 1 de cadeira de rodas".

Na manhã do dia 25, o Prof. Adriano Moreira dirigiu-se ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas onde era professor. Na universidade, havia traços e sombras de inquietação. Todavia, a regularidade da vida académica não estava afectada. O dia foi passado entre grupos e mais grupos de estudantes, e notícias que era preciso racionalizar. Falar com os estudantes, nesse dia, era perceber o "aglomerado de esperanças difusas, cada uma pertencendo a um estado de espírito que lhe conferia uma leitura diferente": "os movimentos revolucionários proclamam aquilo que não querem e são, em geral, frágeis a anunciar o projecto alternativo que vão sustentar". Mesmo assim, para o Prof. Adriano Moreira a arte da paz até é simples: "O primeiro passo importante é transformar os nossos inimigos em adversários. O segundo passo é encontrar a razoabilidade que é diferente da razão, já que nela um homem cede o necessário em relação a um outro homem. E, por último, saber que a guerra deve ser sempre o último recurso. Só 'antes que mortos na alma', como disse Santo Agostinho, é que devemos reagir."

O 25 de Abril provoca no Prof. Adriano Moreira a lembrança do sentimento de angústia devido "à incapacidade de Portugal responder à responsabilidade de racionalizar as intervenções necessárias em relação às populações do Ultramar".

Não teremos sido capazes?



## **TIROS NO MINISTÉRIO DA MARINHA**

As dificuldades de trânsito avolumavam-se na cidade, quando, às primeiras horas da manhã, inúmeras pessoas, desconhecedoras dos apelos lançados via rádio, tentavam dirigir-se aos seus locais de trabalho. Não havia notícias de qualquer derramamento de sangue e a impressão geral era a de que, efectivamente, as forças revolucionárias dominavam a situação.

Entretanto, uma catadupa de informações caía na nossa redacção, a despeito de a luz eléctrica se encontrar cortada em largas áreas da cidade, assim como as comunicações telefónicas.

Às 9 e 10, ouviram-se cinco tiros no edifício do Ministério da Marinha, no Terreiro do Paço. Os tanques e soldados que cercavam a zona dirigiram-se imediatamente para o local. Grande pânico entre a multidão – que tentava passar do Cais do Sodré para a Praça do Comércio.

O Rádio Clube Português, continuava a transmitir marchas militares, canções folclóricas e de texto, nomeadamente interpretadas por José Afonso e Manuel Freire.

À mesma hora, barcos da Marinha de Guerra movimentavam-se no Tejo. Junto ao Cais do Sodré, mais propriamente na Avenida Ribeira das Naus, forças do Regimento de Cavalaria 7, aderentes à revolução, e do Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar), igualmente identificados com o Movimento, tomavam posições de combate. Aí registou-se tiroteio cerca

das 9 horas, não havendo, no entanto, conhecimento de quaisquer mortes.

Por outro lado, no Ministério do Ultramar, em Belém, tudo parecia decorrer normalmente, entrando os seus funcionários à hora do costume.

O restaurante do Monsanto e a antena emissora da R.T.P. encontram-se ocupados por forças da G.N.R. e Polícia Aérea da base de Monsanto.

A residência do almirante Américo Thomaz, assim como os acessos à mesma, estavam cercados esta manhã por elementos da Polícia e da G.N.R.

## **MINISTROS PRESOS**

Estariam presos vários membros do Governo de Marcello Caetano nomeadamente os ministros do Interior, da Defesa e do Exército.

Os edifícios da Câmara Municipal de Lisboa e dos vários ministérios do Terreiro do Paço estavam guardados por tropas da revolução. Às 9 e 55, inúmeros carros tomavam posição de fogo no local.

Entretanto, soube-se que o director da Penitenciária de Lisboa, dr. Roberto Pinto, fora preso pelas forças revoltosas.

## **TROPAS DO PORTO SOBRE LISBOA**

Às dez horas, soube-se em Lisboa que forças militares da cidade do Porto avançavam sobre Lisboa.



Um destacamento da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, com 15 autometralhadoras, chegou à Praça do Comércio pouco antes das oito horas da manhã e tomou completamente conta da área, de acordo com um alferes desse destacamento que chegou pouco depois ao Rádio Clube Português.

Na Praça do Comércio encontrava-se uma força blindada do Regimento de Cavalaria n.º 7, comandada pelo major Ferrand de Almeida que passou a ser chefiada por um oficial do destacamento de Santarém, informou ainda o mesmo alferes, o qual explicou também que o facto de se verem alguns polícias de choque junto dos elementos das Forças Armadas apenas significa que as forças do movimento militar não querem fazer sangue e que «enquanto eles não fizerem nada, nós deixamo-los estar».

### **FECHADO O AEROPORTO**

Segundo tudo indica, o primeiro objectivo do Movimento das Forças Armadas foi encerrar o Aeroporto Internacional de Lisboa. Sabe-se que o director do aeroporto do Funchal, que tinha urgência em seguir para a Madeira, foi impedido de o fazer, tendo de voltar para casa.

### **DETENÇÕES**

Ao entrar no Governo Militar de Lisboa, foi esta manhã preso pelas tropas revoltosas o brigadeiro Serrano, que coman-

dara o cerco ao quartel das Caldas, na intenção de Março. Recolheu ao quartel de Caçadores 5. Confirma-se também a prisão do contra-almirante Henrique Tenreiro, constando na cidade, sem confirmação, a prisão de outras destacadas personalidades políticas do Regime. A meio da manhã, em novo comunicado radiodifundido, o comando do Movimento anunciava que o ministro do Exército abandonara o Ministério e entrou em contacto com aquele comando.

### **NA LEGIÃO**

Cerca das 10 horas, contactámos telefonicamente o Comando Geral da Legião Portuguesa, na Penha de França. Foi-nos apenas informado que a situação «evoluía» e que nada mais nos podiam dizer.

### **O PÚBLICO PREVINE-SE**

Às 10 horas, já não havia pão nas padarias, muitas das quais se encontravam fechadas. Mercearias e talhos também tiveram vendas excepcionais, parecendo assim que o público procurava garantir-se contra todas as eventualidades. Também, embora em número diminuto, houve estabelecimentos que não abriram as portas.

### **ENCERRADO O AERÓDROMO DE TIRES**

**Embora não ocupado militarmente, o aeródromo de Tires encontrava-se esta manhã, sem movimento, por ordens recebidas da torre de controlo do Aeroporto de Lisboa. Nenhum avião pode levantar voo. Mesmo um aparelho que, de madrugada, tomou o rumo da Alemanha, foi intimado a regressar à Base.**

## **ANA MARIA CAETANO, 36 anos** terapeuta da fala

Lembras-te, querido pai?

Enquanto não vivemos uma coisa não sabemos o que ela é. Talvez seja a sua intensidade que nos obriga a fazer uma fuga à emoção. Lembro-me de no dia 25 de Abril ter fugido à minha emoção. Não aguentava, não aguentaria tê-la vivido sem aquele mecanismo de defesa que é abstermo-nos do sofrimento para podermos agir com mais rigor e força. Eras assim, pai. Também sou assim. Havia entre nós aquele respeito absoluto, aquela cingida união de duas pessoas que tinham sempre confessado o seu íntimo. Por isso, nesse dia, a nossa imensa confiança um no outro superava o acontecido e pudemos conhecer melhor o ser humano.

Lembro-me de não perceber exactamente tudo, de me dizerem que eu tinha de sair de casa, de tu poderes ser chacinado pela multidão nesse dia, e eu em diferido colada à telefonia, à televisão, que me davam cada batimento do meu coração controlado. Controlado sempre porque, se tu representavas para mim o equilíbrio, eu teria de ser equilíbrio.

A memória mais forte desses dias é a vivência da perda de identidade. Eu vivia à tua sombra, eras a referência inabalável, o meu cartão-de-visita para todos os lugares. E agora, quem nos ouviria? Haveria o mesmo respeito ou o passado tinha sido apenas de temor reverencial? Não, não fora. Foi, nesse período, que assisti aos gestos mais bonitos da minha vida. Talvez seja a psicologia do coitadinho que o povo português é exímio a exercer, talvez as pessoas te considerassem muito e o movimento revolucionário não fosse um ataque pessoal. Descri. Cri em tudo. A minha fé sempre foi uma fé intelectualizada, como sabes. Aliás, penso que Deus não é para nos servir nos momentos de aflição. Como tu, pai, nunca gostei de súplicas, de queixumes. Nunca te queixaste, lembras-te? Quando nos perguntavam como é que aguentávamos a distância física um do outro, ao partires para o Brasil, dizíamos em uníssonos: "O amor é apenas saber que o outro está bem, mesmo sem nós." E isso bastava-nos. Também te bastou a gratidão daqueles que contigo trabalharam. Lembras-te de, na ida para o Brasil, seres acompanhado pelo teu secretário, sempre leal, Correia de Campos e à chegada teres o teu secretário Carvalho Neto a receber-te a pasta?

Lembras-te daquele teu ex-aluno de Direito Comparado que encontraste no Brasil e te convidou para ficares em casa e, como não tinhas dinheiro, até te pagou o hotel? Eu lembro-me. Lembro-me de um polícia olhar para mim e dizer: "Eu gostava muito do seu paizinho" e eu pensar que estava a sonhar, que aquele relâmpago era um sonho de luz.



Lembro-me de trabalhar, na altura, no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa e o meu director ser tão afável comigo que cheguei a pensar que ele e tu eras o mesmo. Eu tinha um pai que me admirava e um director que me admirava. Era o grande pedagogo João dos Santos que, perante as minhas vivências de Abril, mostrou-me o seu lado melhor.

As revoluções são rupturas necessárias. Eu dizia-te que era preciso mudar, era necessária uma democracia. Tu sempre me ouviste, nem sempre concordaste. Mas eras um homem humilde porque me ouvias sempre até ao fim com zelo, com uma escuta tão doce que nunca mais a encontrei em ninguém. Tu eras o meu ouvinte mais inteligente. Nesses tempos, também houve coisas que despertaram o nosso sentido de humor, como, por exemplo, o irmão João ter jantado com gente da revolução quando te levaram a mala ao aeroporto porque ninguém lá sabia exactamente nada de nada.

E, para além da ironia, lembro-me do teu sentido de despojamento de necessidades luxuosas ao dizeres que estavas muito bem naquela casa simples (com cadeiras de pau e uma sala às escuras) que arrendaste no Brasil com o teu primeiro ordenado, porque, como dizias, "esta vida é apenas a passagem para a morte". Bastava-te "uma cama para dormir, uma mesa para trabalhar".

Também me senti sempre muito orgulhosa da tua genuína humildade em refazer os teus pensamentos. Por algum motivo, foste para o Convento de S. Bento, no Brasil, fazer uma vida beneditina... Não eras indeciso, como diziam. Não. Nunca te achei indeciso. Eras apenas um homem que assumia a fragilidade do conhecimento absoluto de uma teoria e daí que as repensasses muitas vezes. Acho isso uma qualidade. Não tenho zanga. Juro que não tenho zanga para com os homens de Abril. É impressionante mas não tenho nenhum rancor para com aqueles que te destituíram. A revolução era necessária. E a forma como a aceitámos foi tão verdadeira que dignificou o nosso crescimento interior.

As árvores quando são fortes não partem, só abanam. Tu eras assim, pai. A árvore que abalou mas não morreu. E, quando te zangavas comigo, essa zanga reflorescia num pedido de desculpas. E, quando eras incapaz de algo, dizias que eras incapaz. Quantos homens de poder têm a coragem de assumir as suas incapacidades?!

Lembro-me da tua caneta — a caneta com que escreveste toda a vida. Não me lembro de muitos objectos, porque a nossa memória de pai e filha é sobretudo de gestos, do tal respeito, da tal liberdade interna que para nós era o fundamental.

Quando me perguntaste por que é que eu não ia viver contigo para o Brasil, disse-te que queria viver a minha democracia e tu aceitaste essa minha opção. Foste sempre um homem que me aceitava como eu era.

Escrevia-te, nesse período de convulsão, a relatar os acontecimentos e nunca senti nesta correspondência o peso da desgraça de um pai que

vivia no exílio. Tu não deixavas que eu o sentisse, não eras homem para sucumbir ou arrastar o outro nalguma queda.

A escuta... Aprendi contigo a necessidade da atenção. E do tempo sempre bem aproveitado. Não perdias tempo. Aproveitaste e escreveste, nessa altura, um novo livro em tom de depoimento.

Não tenho zanga, juro que não tenho zanga. Tive que exercitar aquele que é um dos maiores dons da natureza humana — a capacidade de adaptação. O começar um novo modo de vida. O medo, mas a força para lidar com o medo. Refazer uma vida é um acto de coragem e nem todos o tiveram como nós.

A tua seriedade também é a minha. Lembras-te, querido pai, de te ter levado o meu ordenado quando te visitei, na Madeira, e, porque a lei não permitia que se saísse do país com mais do que uma certa quantia de dinheiro, recusaste. Ninguém o viria a saber. No entanto, era a tua verticalidade, a tua faceta legalista que se impunha. E sempre pensaste mais em mim do que em ti, não é verdade?...

Fui sempre protegida por ti — minha luz — e também por alguns gestos que, reafirmo, não esqueço. Cheguei à Madeira pelas traseiras do aeroporto, porque a pessoa que me recebeu disse: "Entre por aqui porque quero protegê-la. Conheço-a. Tratou o meu filho..." Não esqueço. Não posso esquecer estes gestos em que eu e tu ficávamos na consonância de sermos seres vencidos, contudo muito considerados. E isso é a minha marca mais forte. É a minha memória mais nítida.

Tratei muitas crianças e continuarei a tratar; e ao fazê-lo lembro-me do teu equilíbrio — a palavra-chave para ti.

Não gosto de liberdades falsas, da liberdade desorganizada. O equilíbrio é fundamental para uma liberdade organizada. E só esta, para mim, é liberdade.

O meu amor por ti foi sempre liberdade. Como poderia eu esquecer um pai que me deu a conhecer a minha singularidade? Como deixar de ser livre nesta liberdade?

Pai, querido pai, como igualar algum sentimento a este sentimento infindo?

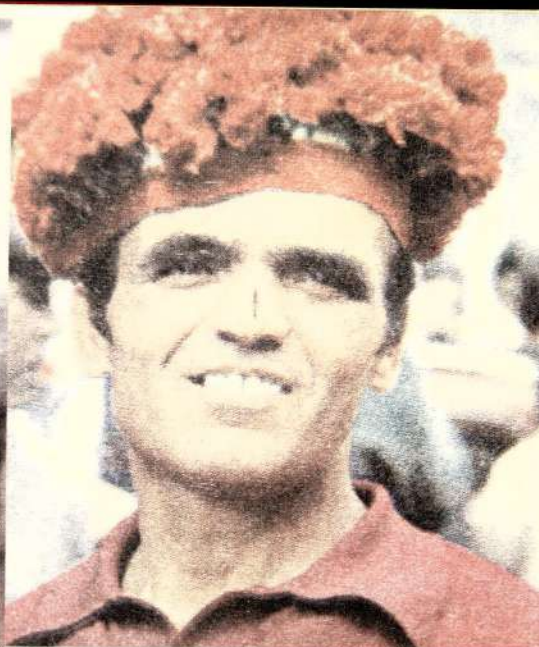
*Esta carta, imaginada pela autora depois de uma longa conversa com a filha de Marcello Caetano, regista memórias evocadas nesse encontro. As palavras, eventualmente ditas por outra ordem, são quase sempre da própria Ana Maria. E, quando isso não sucede, respeita-se pelo menos o sentido do seu discurso.*











Povo Português, a  
Junta de Salvação  
Nacional, a que pre-  
sido, constituída por

mesmo o compro-  
misso de:

— Garantir a sobre-

(Continua na 2.ª página)



# MARCELLO CAETANO SEGUIU PARA A MADEIRA

A noite, um avião militar, que se supõe ter levantado voo do Aeródromo-Base n.º 1, Portela do Sacavém, terá levado para a ilha da Madeira o prof. Marcello Caetano.

Segundo informação que recebemos, mas que não conseguimos confirmar, o general António de Spínola teria estado a despedir-se do antigo Chefe do Governo.

No mesmo aparelho, acrescentava a informação, viajaram também para o exílio os antigos ministros do Interior, das Obras Públicas, da Marinha e do Exército.



# JUNTA



**ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA, 34 anos**  
compositor

A manhã de 25 de Abril de 1974, em Viena, acordou cheia de névoa. Nesse dia, o maestro não compôs música, nem se lembra de ter tocado piano. A cidade despertou com notícias pouco concretas sobre uma revolução que se estaria a passar num país de que pouco ou nada ouvia falar.

Durante o dia, o maestro, na sua qualidade de adido cultural, deslocou-se três vezes à Embaixada de Portugal em Viena para falar com o embaixador Guilherme Castilho, seu grande amigo. Ambos tinham poucas informações sobre o que se estaria a passar. À noite, o maestro recebeu um telefonema de Raul Solnado e Fialho Gouveia a contarem algo mais. A maior preocupação eram os seus pais, por um lado, e, por outro, o seu primo Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros, porque, não sabendo a natureza política do que se estava a passar, causava-lhe receio a sua situação. Ao longo do dia, interrogava-se constantemente: "Será um movimento de direita? Será um movimento de esquerda?" Não se lembra de ter feito muito mais do que estar atento à radio, receber alguns jornalistas na Embaixada e não ter muitas certezas.

Só no dia 4 de Maio é que regressou a Lisboa para fazer um filme para a RTP sobre o 25 de Abril. No aeroporto, depois de mostrar o material de filmagem, perguntou: "Falta alguma coisa?" O funcionário respondeu: "Falta isto." E deu-lhe um cravo vermelho.

No Largo do Carmo, tudo lhe pareceu igual, inclusivamente o guarda republicano. Resolveu fazer um teste. Aproximou-se do guarda e disse: "Senhor guarda, viva o comunismo!" O guarda respondeu: "Biba!" Foi então que percebeu que tudo estava mudado.

O maestro não se considera um "panfletário", por isso, a sua música não ficou fortemente marcada pela revolução, a não ser o quarteto de cordas (uma peça com reflexões e tendências intimistas) chamado *Meditações Inquietas sobre um Dia de Abril* onde introduziu, à revelia do mais esperado, uma marcha revolucionária que desejava romper com a indiferença e a dorlência do quarteto que era triste e muito taciturno.

**Para o maestro, a memória mais querida desse período são as ideias de inocência, espontaneidade e generosidade. Mas a pior atitude que**



presenciou foi a “arrogância da indiferença” daqueles que não se comprometem com o mundo e, desse modo, não se comprometem com eles próprios. Foi por isso que, passados alguns anos, introduziu nos seus livros *Coca-Cola Killer* e *Tubarão 2000* uma personagem medíocre que sendo fascista acompanha a revolução em cima de um tanque. É que o maestro não é de participar em manifestações e, muito menos, de tirar partido musical delas. Não. Como dizia o seu avô, “as manifestações são como uma viola num enterro”. O maestro preza a discrição e não gosta de exageros. Mesmo sem cair em exageros, fez nessa altura um programa sobre a “indiferença”, retratando alguns homens que na sua altivez neutral eram pouco dignos e corajosos.

O dia 25 de Abril foi-se esfumando cada vez mais na sua consciência e na dos vienenses. Hoje, mantém intacta a sensação poética do evento que apelida de *naïve* e contribui para o seu fascínio pelos *Capitães de Abril* da sua filha Maria de Medeiros. Este filme é a sua memória mais gratificante daquela manhã de névoas e incerteza. E acha mesmo que este dia deve pertencer mais aos poetas do que aos políticos.

**NA NOSSA REDACÇÃO FORAM ONTEM INTERCEPTADAS VÁRIAS MENSAGENS TRANSMITIDAS PELOS VÁRIOS COMANDOS DA G.N.R., NAS QUAIS SE COMENTA O AVANÇO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS.**

**APRESENTADAS POR ORDEM CRO-NOLÓGICA, ESTAS MENSAGENS DÃO-NOS CONTA DO LENTO «ESTREBUCHAR» DAQUELA FORÇA MILITARIZADA, QUE APÓS A RENDIÇÃO DOS EFECTIVOS CONCENTRADOS NO QUARTEL DO CARMO ACABOU POR SE COLOCAR SOB AS ORDEM DO COMANDO DO MOVIMENTO. AQUI FICA O ESTRANHO DIÁLOGO.**

**12.30**

Agora o «jeep» está na porta da auto-estrada (Duarte Pacheco). Segue Calçada da Ajuda. Charlie Papa segue ao encontro de Oscar Papa Mike.

Romeo (Regimento): atenuar controlo.

**12.33**

Charlie Papa, aqui Oscar Papa Mike, Calçada da Ajuda, Cavalaria 7 – formação de esquadrão.

**12.35**

Oscar Papa Mike – aguarde um momento que o nosso governador quer falar. Romeo 60, chamada impedida de fazer.

**No Terreiro do Paço forma-se manifestação. Manifes-**

**tantes em cima de um carro blindado. Receamos envolvimento. É prudente sair deste sítio.**

Charlie Papa e Oscar Papa Mike, Ajuda, providências imediatas recolher de forças.

**12.50**

Charlie Alfa e Charlie Papa. Quartel-Mestre General completamente cercado na Artilharia 1. Posições Parque Eduardo VII.

Isolados dois quarteirões. Tropas dentro do Liceu Maria Amália.

**12.55**

Quartel-Mestre General. Liceu. Francisco Manuel de Melo. Eles estão a receber rações de combate e apoio militar do Hospital Militar. Neste momento há muitas viaturas civis atravessadas na Artilharia 1 e noutras artérias.

**12.58**

Ambulâncias do Hospital Militar seguem em direcção desconhecida. Várias viaturas seguem para a auto-estrada.

**O Chiado encontra-se fechado a todas as viaturas procedentes do Terreiro do Paço. No Largo de Camões há canhões apontados para o nosso quartel. Só dispo-nho de 2 pelotões. A Companhia da G.N.R. que se encontrava segue para baixo, direcção Rossio.**

### **13 horas**

As forças da G.N.R. da Artilharia 1 sobem já o Rossio aguardamos a todo o momento ligações com ele.

### **13.03**

Pedimos mais forças para esta zona. Elementos disponíveis: contactar capitão Martins.

### **13.10**

Há forças motorizadas na Rua do Alecrim. O trânsito está engarrafado no Chiado. Chegou neste momento uma coluna de blindados do exército.

### **13.17**

O nosso general deve seguir para a Rua do Alecrim, não sendo possível determinar o destino que o brigadeiro indicou há bocado.

Forças devem seguir para o Largo de Camões.

### **13.25**

Neste momento estamos totalmente cercados junto do Ministério do Exército. Em frente do portão encontra-se uma unidade de blindados.

### **13.35**

As nossas forças estão a ser apupadas pela população que canta o hino nacional. A 4.<sup>a</sup> Companhia da G.N.R. tem de seguir para a Rua da Trindade. Mais não se pode avançar.

### **13.38**

A Rua Nova da Trindade é um caminho possível. O Largo do Carmo, Misericórdia, Camões, tudo cheio de blindados.

### **13.40**

OK. Vou avançar. A 4.<sup>a</sup> Companhia não consegue avançar. Comandante da 4.<sup>a</sup> Companhia: resolvida a situação: regressamos ao quartel.

Charlie Alfa e Charlie Papa encontram-se na rua em posição defensiva. Uma viatura pessoal militar, sem escolta.

**Entusiasmo popular no Largo do Carmo, a dois passos da última e renitente trincheira do prof. Marcelo Caetano, que era o quartel da G.N.R.: num pequeno automóvel acaba de chegar o general Spínola.**

Agora tudo relativamente calmo, sem problemas. Há diminuição de trânsito nos sítios do costume. A companhia quer saber o que há-de fazer. Entretanto estão cortados os telefones particulares de algumas entidades, em especial comandantes de Romeos (Regimentos). Estudantes e rapazes estão a atirar à pedrada as forças. Resposta: segue a caminho do local o nosso coronel Romeiras. Segue uma viatura blindada da G.N.R.. As forças vão tentar infiltrar-se no Largo do Carmo.

### **13.45**

**Temos urgentemente de tomar providências.**

Vamos seguir em direcção a São Pedro de Alcântara. Estamos dentro de um carro de combate. Temos ajudado no que podemos. Vamos fazer reconhecimento no Largo de Camões.

Há muita população que julga que estamos «do outro lado».

**NOTA: Em todas as mensagens a G.N.R utiliza a expressão «outro lado» para designar o Movimento das Forças Armadas.**

**14.30**

Não se vê polícia nenhuma por aqui. Gostaria de saber por onde é que andam.

Estamos agora na esquina da João de Deus. É impossível o acesso das nossas forças ao Largo do Carmo e circundantes. O exército está servido por armas pesadas nessa zona.

**14.45**

L 2 B defrontam-se em R. Infantaria 1 e Escola Prática. Um capitão dos revoltosos entra em contacto com a G.N.R. dizendo que estão senhores da situação e aconselham rendição.

Estou no Largo de Camões e tudo OK. Estava na zona o brigadeiro Reis, das Forças Armadas.

**15.05**

Aquele «rapaz nosso vizinho» sugere junção das suas às forças do comunicado. Pergunta se obedece a esse ou a comando. Resposta: aguardo ordens para responder.

**15.15**

Chamo reforços da G.N.R. ao Largo do Carmo. Tem algum blindado disponível neste momento?

Resposta: Tenho dois, mas há uma coisa a definir-se, é que eu não sei ao certo o que é que se passa.

**15.20**

Chegou o «nosso vizinho» para junção de forças à G.N.R.. Houve agora uma explosão accidental na fábrica de explosivos de Pinheiro Cruz – Corroios às 14 horas. Houve um morto e um ferido grave. Eram ambos operários da fábrica.

**15.25**

Entra no Largo da Misericórdia uma força de Cavalaria 3 com três auto-metralhadoras.

**15.27**

A coluna encontra-se em contacto com o major Teotónio Pereira.

**15.35**

Estamos completamente cercados por forças de Cavalaria 3.

**15.36**

**Chamem urgentemente o comandante.**

**15.38**

O Carmo está completamente cercado. Deram-nos 10 minutos de ultimato. Continuam a chegar forças e neste momento já há tiros.

**15.40**

Patrão Maior: há um movimento de fogo horrível.

**15.45**

Recebemos ordens para fazer esforço. Temos de reforçar os efectivos a todo o custo.

As forças do B2. As outras pedem também ordens para recolher aos quartéis.

**15.55**

Comandante da G.N.R.: retirei para o Largo da Misericórdia. A Cavalaria 3 tomou posição no lugar onde eu estava. O capitão de Cavalaria aconselhou-nos a recolher aos quartéis.

**15.57**

O pessoal por enquanto deve manter-se no seu posto comandado pelo major Ferreira. Houve tiros no Largo de S. Pedro de Alcântara.

**16.00**

Estamos desligados do resto das forças. Eu acabei por ordem superior. Disseram-me no entanto para aguardar.

**16.07**

**O homem dos óculos não tem aparelho para comunicar connosco.**

**Continuamos a aguardar esta posição. Há cada vez mais auto-metralhadoras.**

**Só nos resta uma saída. Estamos numa situação um tanto ridícula.**

**16.15**

**Não estamos em condições de sair do Largo do Rato. Entrámos a negociar a rendição.**

**16.45**

Um momento: vou tentar contactar o Patrão Maior. Tentaremos a execução das ordens. Os militares aconselham a Guarda a abandonar o local. Aconselham-na a deixar.

**16.47**

Não contactarei comandante porque não posso. O comandante está perto duma peça e vem na nossa direcção.

**17.00**

**Não há nada a fazer. Os «Mikes» aqui estacionados não têm outra alternativa senão render-se. As viaturas que foram requisitadas devem deixar-se estar onde estão.**

**17.30**

Veja jornal «República», já saíram alguns...

**17.45**

Elementos da G.N.R. e G.F. da Cova da Piedade foram raptados, deixando as portas abertas. Elementos militares detidos na Trafaria estão a tomar conta da situação na Cova da Piedade.

**17.50**

A G.N.R. da Cova da Piedade cortou o trânsito para Lisboa. Apesar disso passou uma ambulância de Cav. 3 com dois feridos.

**18.00**

Trafaria, Posto da G.N.R. foi detido o comandante. Houve rusga no posto. Os militares ocuparam-se do armamento e do pessoal.

**BAPTISTA-BASTOS, 40 ANOS**

jornalista e escritor

O dia 25 de Abril de 1974 é o dia do meu coração.

Eram três e tal da manhã, tocou o telefone. Era o chefe de redacção do jornal *Diário Popular* onde eu trabalhava. Numa voz firme, disse-me: **"Salta da cama, Bastos, a revolução está na rua. Desta vez, não estás na revolução, tens de a escrever!"** Isto porque eu tinha participado em muitas manifestações anteriores falhadas e, embora tivesse sido convidado pelo embaixador Álvaro Guerra a participar como elemento civil na revolução do dia 25, disse que não, por achar que a minha presença nas manifestações dava azar e por já não acreditar na implantação de uma democracia em Portugal.

**De madrugada, saí de casa. Havia muita gente na rua, contrariando as advertências do Movimento das Forças Armadas, que pedia para as pessoas ficarem em casa.**

O dia era de grande tensão. Os olhos das pessoas tinham aquele sentimento de medo mas ao mesmo tempo de superação desse medo sem retorno. Recebi um telefonema do grande escritor Manuel da Fonseca a perguntar-me o que se passava em Lisboa. Disse-lhe: **"O fascismo acabou de cair!"** Ouvei um soluço de alguém que tinha deixado de acreditar na possibilidade de ser livre...

Passei o dia com os meus colegas a organizar o jornal. Houve um episódio que não esqueço. O chefe de redacção disse-nos que tínhamos que mandar as provas dos nossos artigos à censura e o jornalista José de Freitas rematou imediatamente: **"Não percebeste que a censura acabou de ir à merda!"**

Eu não sabia muito bem como é que as pessoas se comportavam em liberdade. Perguntava-me: "Como é escrever em liberdade?" Não é que eu tivesse escrito, alguma vez, de outro modo. Não. Eu nunca fiz censura a mim próprio. Eu escrevia, a censura cortava. Depois discutia com os que censuravam, na minha obrigação ética de ser fiel a mim e aos factos. Mas esta febre, este dia de febre exigiu-me um imponderável diálogo entre o singelo desejo de ser livre e o respeito pela dignidade dos homens no seu poder impetuoso. O poder impetuoso de uma panela a rebaratar... Talvez o sistema permanecesse o mesmo. Talvez hoje os homens sejam mais desunidos. As revoluções são como a frase de Lampedusa: "É preciso mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma." Onde estão os meus dois filhos? Em Abril de 74 tinha dois filhos. O terceiro nasceu em liberdade: 18 de Outubro de 1975. Onde está a minha mulher? As mulheres... Esta revolução é, sobretudo, a revolução das mulheres. As mulheres sempre foram um dos elementos mais importantes da cultura portuguesa. As mulheres portuguesas sempre



tiveram comportamentos admiráveis. Qualquer revolução é um acto cultural. As mulheres tinham de deixar de ser pessoas submissas. Havia nelas ressentimentos e rancores. Claro que havia. Todas as revoluções nascem de ressentimentos e rancores. E todas as revoluções provocam ressentimentos e rancores.

Os dias de paixão são dias de erros, não de excessos. Os melhores de nós cometeram injustiças na ideia de que as não estavam a cometer e na convicção de que estavam a ajudar a transformação radical da sociedade. Todos nós cometemos injustiças. "O grito é vermelho" (Fernão Lopes), as pessoas unem-se, congestionam-se pela pátria onde gostariam de ter vivido... "O caminho faz-se caminhando" (Antonio Machado). O caminho político faz-se através de uma práxis. Nós não sabíamos muito bem o que era o socialismo. Sabíamos só o que era o socialismo dos livros, um socialismo teórico.

**O 1º de Maio foi o espoletar de uma grande ternura. As pessoas aflagavam-se numa comunhão total. Olhava-se para trás e viam-se pessoas aos gritos. No 1º de Maio, a palavra liberdade rimava com a palavra felicidade. É um exagero dizer que houve exageros. As pessoas só queriam alterar o sistema. As pessoas beijavam-se muito no 1º de Maio.**

A fé é um dom, uma graça a que só alguns têm acesso. Os dias da revolução foram dias de fé porque havia mistério e o dom de acreditar.

O lisboeta é aquele homem que avança para a polícia. Eu avancei muitas vezes e apanhei com baldes de tinta azul.

As grandes revoluções portuguesas (ainda que falhadas) começaram quase sempre em Lisboa. Foram revoluções emocionais primeiro, só depois culturais. O lisboeta é muito emotivo. Os homens oscilam entre o racional e o irracional. A civilização é o polimento da bestialidade humana.

**Não foi uma revolução de sangue. Não se matou; ou, corrigindo, foram os pides que mataram jovens protestatários, nas horas subsequentes ao eclodir da Revolução. E é por isso que esta é uma revolução que, de certa forma, mudou o mundo.**



### **CATARINA MELO ANTUNES, 11 anos** 1º ano do ciclo preparatório

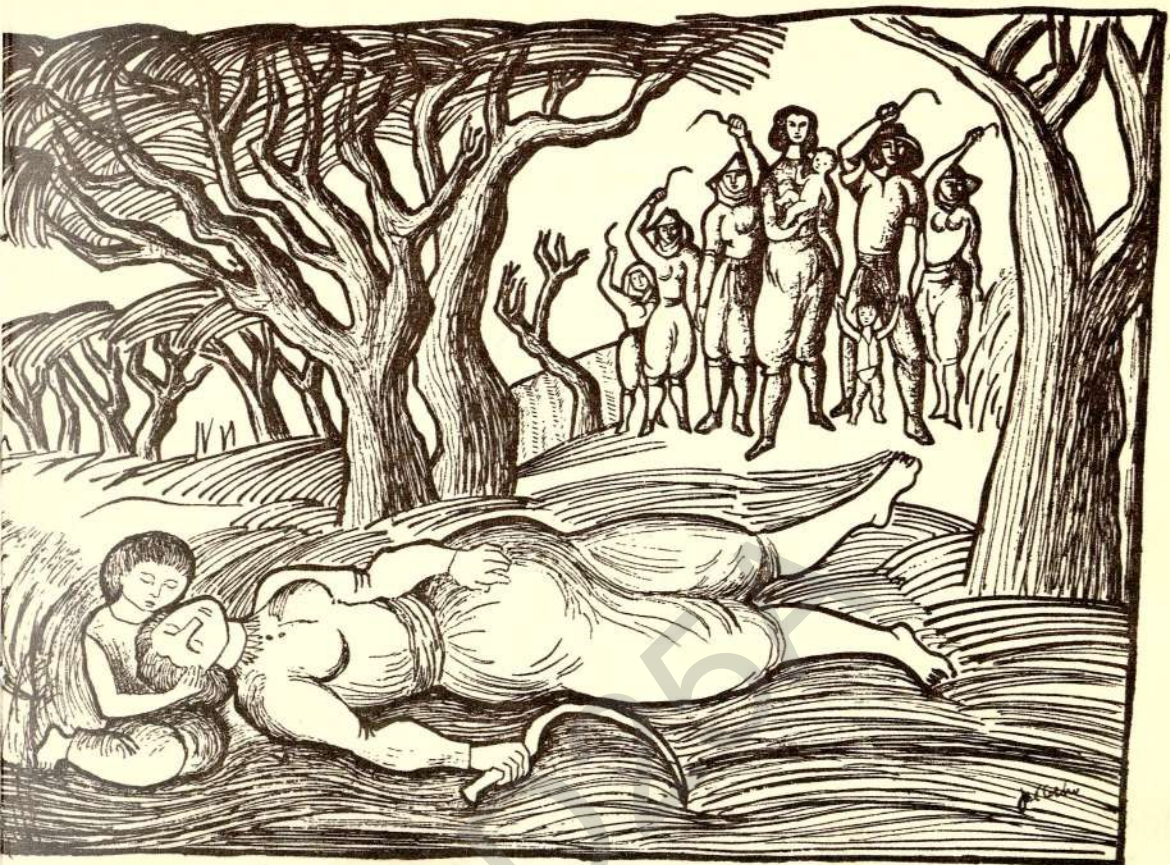
Quando era pequena e lhe perguntavam "Como é que te chamas?", a Catarina respondia, furiosamente, "Catarina Eufémia!".

Foi o pai que escolheu o nome por representar a "afirmação de um ideário", por ser um símbolo da combatividade contra o regime.

Esta menina, que na Revolução de Abril tinha apenas 11 anos, também se chamava assim por outro motivo. O avô materno queria que ela recebesse o nome da Catarina de Bragança, figura de quem ele tanto gostava.

Foi no isolamento insular, numa casa tradicional que mais tarde seria devorada pelas chamas, a "casa do Sr. Engenheiro", seu avô materno, que Catarina Melo Antunes viu muita coisa que insiste em dizer que não são memórias, são "falsas memórias", como tudo o que nos prende ao passado mas já tem o filtro crítico de uma consciência presente.

Um militar — o Vasco — passeava lá por casa desde o Golpe das Caldas e ensinava-lhe matemática com aquele zelo que nos leva à exaustão. Desse tempo, Catarina guarda em si a "avó Eduarda", a alegria de uma casa, o lado mais optimista de uma tragédia, a energia vital em carne e osso. Também o "Sr. Gabriel" que, na madrugada de 24 para 25, foi o único que escutou as batidas descontroladas de um soldado à porta de sua casa. Que estranheza, que espanto, estarem todos a dormir e só o dono da mercearia que lhe "mandava rebuçados para a janela" ter



ouvido este prenúncio de mudança. Para além de um telegrama cifrado que dizia "A tia Aurora parte para a América" e que era uma senha secreta, "coisas do Ernesto", como disse a sua mãe à sua avó ou vice-versa. Catarina não se lembra muito bem. Só sabe que a tia Aurora — extremosa dona de casa — não iria nunca partir para a América.

Fosse como fosse, Melo Antunes dormia profundamente, e talvez, como sempre, pensasse que o mais sensato seria conter a emoção, as ansiedades desenfreadas que não faziam o género do "Sr. Capitão" (já na altura major). Estaria mesmo a dormir?

Na manhã de Abril, disse, peremptoriamente, a toda a família: "Hoje não saem." E nem mais uma palavra. Olhou para a mãe da Catarina, sua mulher, e reafirmou a deixa dizendo, referindo-se aos pides: "Nunca se sabe do que é que estes sacanas são capazes!"

Na verdade, ninguém saiu. Ordens são ordens, e vindas de Melo Antunes eram ainda mais ordens. Melo Antunes desapareceu. No dia 25, todos, naquela casa, lhe perderam o rasto. Só ele tinha um objectivo: o quartel-general.

No 25 de Abril da Catarina não houve multidões desordenadas, não houve chaimites a imitar brinquedos, nem sequer uma televisão para dar cor ao cinzento insular. Não havia nada disso. Aliás, como me disse, "os açorianos são homens comedidos, fechados". São pessoas mais conformadas que os lisboetas. Neles há outra calma, outra interiorização da mudança, e depois, nesse tempo, as notícias chegavam às ilhas com outro ritmo.

Os dias seguintes foram vividos por Catarina "no mais absoluto turbilhão". Guarda, com consternação, a imagem do pai na varanda do edifício da PIDE e a mágoa da sua mãe perante um conjunto de cartas que tinham ficado retidas, pedaços das suas vidas afectivas que tinham sido devassados.

PORTUGUESA  
MARCONI  
VIA PORTUCALE  
COMPANHIA PORTUGUESA  
RADIO MARCONI  
VIA PORTUCA

COMPANHIA PORTUGUESA  
RADIO MARCONI  
VIA PORTUCALE  
COMPANHIA PORTUGUESA  
RADIO MARCONI  
VIA POR

078



NNNN  
ZCZC PAG5213 T880 12059 462  
LISBOA 19 24 1525

EDUARDA MOTA  
RUA GUILHERME POCAS 14  
PONTADELGADAACORES

TIA AURORA SEGUE EUA DIA 25 AS TRES DA MANHA ABRACOS  
ANTONIO

COL 14 25

CD25A

Na Escola Roberto Ivens, a menina do 1º ano do ciclo deixou de usar bata e tornou-se assunto de conversas, de olhares de admiração, de perplexidade. Afinal, o seu pai tinha passado de militar subversivo a herói; e os professores, de "homens austeros" a "seres eufóricos", com comportamentos, por vezes, algo estrambólicos e que discutiam assuntos proibidos. Era quase ridículo ver "um professor a meter-se dentro de um caixote, em plena sala de aula" ou um outro a dar "uma lição de sexologia improvisada". Assim de repente, assim desprevenidamente. Os professores queriam tornar-se modernos e muito abertos, custasse o que custasse, à força, sem discernimento.

Um dos episódios mais marcantes desse período, na vida de Catarina Melo Antunes, foi, sem dúvida, a entrevista em directo que deu para a rádio de Ponta Delgada. Numa voz segura, contou a história da "ceifeira chamada Catarina Eufémia" que tinha sido morta com uma criança no ventre e outra pela mão. Catarina sabia muito bem essa história que estava inscrita na imagem e nos versos de um cartão que o pai lhe dera a felicitá-la pela passagem da 1ª para a 2ª classe.

Também não era por acaso que no seu quarto havia um póster com a Catarina Eufémia e, no quarto do irmão, um "Che Guevara" de grandes dimensões. É que esta família conservadora era muito rica na sua diversidade. O que para uns era certo, para outros era errado. No entanto, "havia o respeito absoluto pela diferença", havia o convívio quase promíscuo entre "pessoas muito diferentes que passavam lá por casa". O António Borges Coutinho, o Jacinto Albergaria, o José Medeiros Ferreira e o Jaime Gama, entre outros.

Veio então o vento da mudança. Assistiu atónita às acusações feitas à mãe na sequência da sua entrevista. Familiares vários diziam que "a mãe estava a utilizar a inocência infantil com intuitos políticos". A Catarina sabia que a mãe era incapaz disso. O pai era "uma pessoa que não falava excessivamente, só dizia aquilo que era realmente preciso". Naquela casa com um oratório, havia da parte do pai a ideia firme de que não seria correcto comentar um golpe com a família, com os filhos, "não eram assuntos para crianças".

Foi com esta lisura que o pai lhe deu a enorme "capacidade de aceitação" que tem. E perante aquela "sucessão torrencial de

acontecimentos”, a perda da infância foi compensada por um pai maior, ao lado de uma mãe expectante e dedicada. Como foi que Melo Antunes — misterioso e enigmático — deixou cravada a semente da generosidade no coração de Catarina? Talvez pelos dias de alegria que ultrapassavam os de não alegria e de transtorno por ter um pai que não era igual aos outros pais e vivia em distâncias demolidoras. Ela pensava: “Será que o meu pai vai chegar?”, “O meu pai estará vivo?”, “Quanto tempo mais?” E numa chegada imprevisível, como o golpe de Abril de que foi ideólogo, o pai aparecia tão-somente.

“Era muito difícil deixar de ser uma pessoa anónima”, verificar que “ninguém conseguia ficar indiferente”. Mas valeu a pena o esforço, a tentativa de crescimento súbito e acelerado que nos pede uma vida. Em cada sequela está o seu pai, em cada sequela o pai diz-lhe, silenciosamente: “Filha, não te esqueças da capacidade de amar o próximo, de estar atenta ao sofrimento dos outros, às suas carências e dificuldades. Sem cair na caridadezinha, sem cair na falsidade.”

Delicados, “antimilitares”, discretos são os homens que nos ensinam que as revoluções se fazem em noites íntimas e por dentro. Com pudor. Muito pudor.



## **Preso por suspeita de pertencer à D.G.S.**

Cerca das 11 horas, na Praça D. Pedro IV, no momento em que se realizava um comício, um indivíduo, de cerca de 40 anos, voltou-se para os assistentes e oradores e gritou-lhes: «Vão cavar batatas, seus malandros, o que precisam é de trabalhar.»

Alguns dos presentes, depois de lhe terem chamado provocador, aconselharam-no a afastar-se, mas o homem não obedeceu, e várias pessoas pediram que se identificasse. O indivíduo pôs-se então em fuga, em direcção à entrada do metro, sendo perseguido pela maior parte das pessoas que assistiam ao comício. Foi apanhado, entregue a um grupo de marinheiros e conduzido às instalações da Mariinha, na Rua do Arsenal.

Mais tarde, os militares transportaram-no, numa camioneta, para outro local.

## **Um instrumento de tortura**

Entretanto, junto da sede da antiga D.G.S., na Rua António Maria Cardoso, logo de manhã, juntavam-se muitos populares, que vistoriavam os automóveis que se encontravam na Rua dos Duques de Bragança

Numa das viaturas foi encontrado, por volta do meio-dia, um instrumento de tortura: uma maça, constituída por uma bola de borracha maciça, com saliências pontiagudas de metal, ligada por uma corrente a um cabo.

O objecto andou «em procissão» pelo Camões, Chiado e ruas adjacentes.

Cerca das 14 e 30, vários populares avisaram a Polícia Militar que na Rua Poço dos Negros, 29, 1º, esquerdo, vivia um elemento da D.G.S..

Foi identificado aos militares como

sendo um mestiço de nome Licínio Sena, antigo *boxeur* do Ginásio Clube Portugêus.

Efectivamente, os vizinhos disseram aos militares que ali vivia aquele indivíduo e adiantaram que ele nunca se furtara a alardear quem era.

Uma multidão juntou-se à volta da casa, gritando «Assassino» e pedindo à Polícia Militar para assaltar o prédio.

Momentos depois o referido ex-agente policial foi preso.

Um indivíduo vestido com camuflado, sem distintivo, que se dizia ligado ao Movimento das Forças Armadas, tentava acalmar a população, afirmando que o *ex-boxeur* era um indivíduo referenciado e, por isso, deveria ser julgado e responder pelos seus crimes.

## **Entrincheirados no Liceu**

Às 15 horas, no Liceu D. Pedro V, três indivíduos suspeitos de pertencerem à D.G.S. barricam-se no interior daquele estabelecimento de ensino, onde se encontravam vários alunos. O edifício foi cercado com grandes cautelas, pensando-se que talvez houvesse alguns alunos retidos como reféns. Mais tarde, os três homens renderam-se e foram imediatamente levados em viaturas da P. M., com destino desconhecido.

Às 16 e 30, na Calçada do Combro, 21, 4º, foi detectado um outro elemento da D.G.S., inspector Rodrigues, que pouco depois se entregou às Forças Armadas.

Às 17 e 30, na Calçada da Bica, 10, foi denunciado pelos vizinhos, como tendo sido agente da D.G.S., um indivíduo de nome António Ribeiro, que é proprietário de uma loja de electrodomésticos naquele prédio. Depois de identificado, por um oficial da P.M., foi conduzido numa viatura da P.S.P.

## **Captura na Praça do Chile**

Também durante a manhã, num dos cafés



da Praça do Chile, diversos populares detectaram dois ex-agentes da D.G.S.

Um desses indivíduos ao ser reconhecido, tentou sacar da arma de que vinha munido, o que não conseguiu. Mesmo assim, porém, empreendeu uma fuga em direcção à Rua António Pedro.

Perseguido pela multidão, que entretanto se juntara no local, acabou por ser apanhado.

Os populares não exerceram qualquer sevícia sobre os antigos membros da D.G.S., que acabaram por ser presos pela Polícia Militar.

### **Presos cinco ex-agentes da D.G.S.**

Cinco indivíduos, que pertenceram à extinta D.G.S., foram presos, às 18 horas de ontem, num prédio da Avenida António Serpa, ao Campo Pequeno.

A operação, levada a efeito por elementos do Depósito Geral de Adidos, despertou viva curiosidade do público contido à distância.

Os ex-agentes da D. G. S. encontravam-se no segundo andar do edifício n.º26 daquela artéria e tinham sido referendados por populares.

Não houve troca de tiros, uma vez que as Forças Militares, depois de avisadas da presença dos antigos polícias, actuaram com a máxima eficiência e rapidez, colhendo de surpresa os citados indivíduos que estavam reunidos.

Julga-se que eles organizavam a sua fuga, tanto mais que lhes foram encontradas abrandes quantidades de dinheiro.

Além das armas de que os presos eram portadores, os soldados descobriram algumas pistolas «Savage» no interior de gavetas.

Ao que parece, os indivíduos presos tinham uma categoria elevada nos quadros da D.G.S.

Algumas dezenas de populares vaiaram os prisioneiros, quando saíram do prédio a fim de serem conduzidos, numa viatura militar, ao que nos disseram, para o forte de Caxias.

Entretanto, diversos soldados passaram uma busca ao edifício e ao telhado, na expectativa de se detectarem outros ex-agentes da D.G.S.

### **Refugiou-se num Liceu**

Cerca das 18 horas, as forças militares dirigiram-se para o Liceu Passos Manuel, onde se refugiou um elemento da extinta D.G.S.

Após as medidas operacionais que se impuseram, aquele antigo agente foi preso.

### **Buscas no Chiado**

Devido a suspeita de se encontrarem ainda agentes da extinta D.G.S. no telhado de uma igreja do Largo do Chiado, centenas de populares concentraram-se durante horas naquele local e imediações, denunciando com frequência possíveis colaboradores daquela polícia entre a assistência.

O facto motivou constantes correrias de todas as vezes que se ouvia o grito «este é pide», levando, naturalmente, a que alguns desses indivíduos, assim acusados, passassem um mau bocado. Na verdade, em alguns casos não se provou o seu compromisso com a D.G.S.

Fuzileiros tomaram posição no telhado daquela igreja, mas se alguém lá está ainda não foi detectado.

A população ali presente colaborou com as Forças Armadas, comprando comida e organizando peditórios.

**DIOGO FREITAS DO AMARAL, 32 anos**  
professor de Direito

No dia 25 de Abril, o Prof. Freitas do Amaral estava no Hotel do Mar, em Sesimbra, a escrever mais um capítulo de uma monografia que começara a preparar para as suas provas de agregação, na Universidade de Lisboa. O título do capítulo era "Conceito e natureza do recurso hierárquico". Era mais uma peça que o professor acrescentava ao seu currículo académico e à sua carreira de jurisconsulto e colaborador de dois gabinetes ministeriais.

Na noite de 24 para 25, estava a dormir quando recebeu um telefonema de Paulo Marques que lhe disse, repentinamente: **"A revolução está na rua. Desta vez, é a sério! Onde estão os seus filhos? Se fosse a si regressava rapidamente para casa."** O Prof. Freitas do Amaral, que tinha estado a dormir serenamente desde a meia-noite, acordou e não voltou a adormecer. Foi rapidamente com a sua mulher em direcção a Lisboa, em direcção aos seus filhos que estavam em casa com uma antiga empregada.

**Na Ponte Salazar, como então se chamava, a sua viagem foi acompanhada por chaimites que iam tomando posição no tabuleiro e no pensamento do professor de Direito.**

Ficaram para trás malas, roupas, objectos e, perante o rio e margens do rio, havia o fluxo da mudança...

Já em sua casa, na Alameda D. Afonso Henriques, ouviu a rádio e os filhos foram para a escola enquanto o pai lia todos os jornais. **À noite, a proclamação da Junta de Salvação Nacional, um "texto moderado, alterado, à última hora, pelo general Spínola. Uma versão menos radicalizada, porque tinham posto debaixo dos olhos do general uma primeira versão muito radical".**

No dia 26 de Abril, o Prof. Freitas do Amaral deu uma aula expondo e discutindo as teses do Prof. Marcello Caetano, sem haver nenhuma reacção. A sala estava cheia e garante que "não houve protestos".

Por volta das 11 da manhã, terminada a aula, regressou a Sesimbra. Ao empacotar no hotel os objectos ali deixados na véspera, não pôde deixar de pensar no regime, desfeito e refeito, tal como as suas malas, em pouco mais de 24 horas.

Não conhecia os militares de Abril, a não ser o general Costa Gomes, e mesmo este, só de nome. Não sabia nada. No 1º de Maio, deixou-se seduzir por aquele canto de pura intensidade de vida que era a adesão de populares. Mas inquietava-o a sombra de uma premonição: "O PCP tentaria empalmar a revolução." **Nas imagens transmitidas pela televisão, havia um excesso preocupante de "bandeiras de foice e martelo".** O professor pensava: "A liberdade é fazermos aquilo que é

melhor para nós e para terceiros. Para isso, é preciso aprender, sermos experimentados, saber a nossa história e a de outros povos nossos antepassados, conhecer experiências comparadas de outros países, indagar quais são os principais problemas de uma época.” A liberdade não é fazermos disparates!

A 2 ou 3 de Maio, o Prof. Freitas do Amaral recebeu um telefonema da Secretaria-Geral da Presidência da República que o convocava para uma reunião de trabalho. Que reunião? Nessa altura, Freitas do Amaral e Alberto Xavier eram os principais autores da página de economia e finanças do *Diário de Notícias*, onde há três anos vinham desenvolvendo uma doutrina de liberalização económica, razão pela qual os militares de Abril acharam que estes dois homens tinham um contributo importante no Portugal democrático a construir. Alberto Xavier chegou a perguntar ao colega: **“Será que é para nos prenderem?” O professor disse-lhe: “Se fosse para isso mandavam alguém a nossa casa, não nos mandavam ir lá...”**

Na sala de espera, a um canto, Álvaro Cunhal; num outro canto, Sottomayor Cardia, Francisco Balsemão e Sá Carneiro. E, entre cantos, Freitas do Amaral e Alberto Xavier, porque no entender dos militares “prefiguravam um partido liberal que viesse a ser construído”. Estavam lá, entre vários outros oficiais, Vasco Gonçalves e o coronel Almeida Bruno, que se tornaria um grande amigo seu. Queriam discutir as linhas gerais do Governo Provisório. No entanto, um dúvida obstruía o pensamento do professor: porquê a sua presença ali? Ele “não era um resistente antifascista, tinha escrito alguns artigos, antes do 25 de Abril, favoráveis à liberalização, e também não tinha nenhum partido formado ou em formação”. Antes de começar a reunião, resolveu dizer ao coronel Almeida Bruno: **“Eu não estarei aqui a mais? Eu não estou em nenhuma das situações das pessoas aqui presentes...”** O Prof. Freitas do Amaral “não queria participar em nenhuma reunião para a qual não tivesse legitimidade”, não queria passar de “professor a espião”. Eis uma estocada do coronel Almeida Bruno: “Senhor Professor, se se quer excluir da construção de um Portugal democrático, pode sair!” O professor ficou na reunião.

**“O maior erro político da minha vida, desde Abril até hoje, foi não ter iniciado a constituição de um partido desde logo e não ter entrado como ministro para o I Governo.” – observa, trinta anos depois, o Prof. Freitas do Amaral. E acrescenta: “Se tivesse feito isso, o CDS não seria um partido fora; ao estar por dentro beneficiaria de uma protecção que lhe teria dado outra força na sua implantação.”**





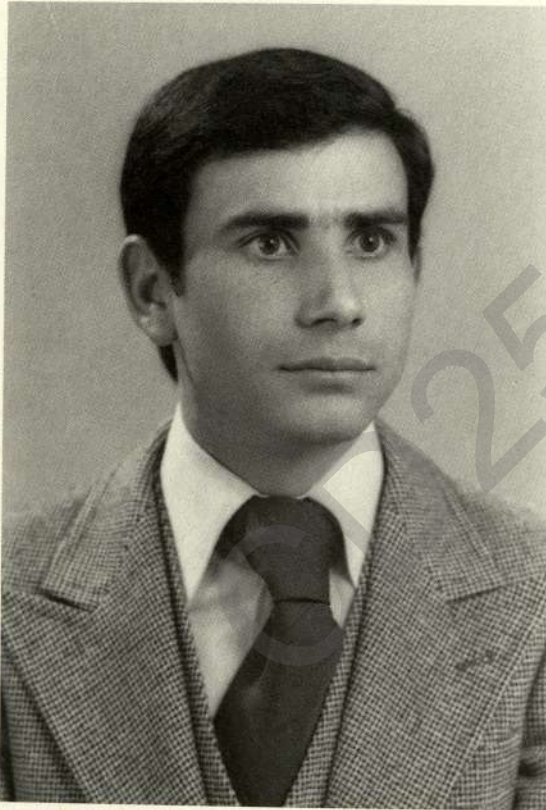
FOTOG. Rui Alves / JUL 74

# MIRANDA DO DOURO

**DOMINGOS DUARTE LIMA, 18 anos**

7º ano do liceu

Aos 18 anos, num dia muito claro em Miranda do Douro, no intervalo de uma aula e na pacatez de uma catedral, surgiu a notícia de uma revolução. Soube-se que as Forças Armadas estavam a tomar o poder,



soube-se de um golpe que parecia ser pacífico, soube-se de um convento, em Lisboa, a ser cercado.

Nessa altura, o aluno do liceu de Miranda do Douro já estava habituado a falar de política. Mas para este rapaz o mais importante era a sua formação académica, daí que tenha evitado a vertigem de uma participação mais activa nos acontecimentos. Era preciso continuar a estudar, ir para a Universidade, em Lisboa, o que sucedeu logo em Agosto de 74. No comboio, do Porto para Coimbra, estavam Manuel Alegre, Mário Soares, Almeida Santos, Tito de Morais... Ainda tentou dirigir-se a Manuel

Alegre, mas faltou-lhe a coragem. Mais tarde, Deus reservar-lhe-ia um encontro na Assembleia e uma amizade.

Para o melhor aluno do liceu de Miranda do Douro havia o sonho mas, acima de tudo, a responsabilidade de "não associar o regime liberal a um regime de balda". O tempo e o correr dos acontecimentos viriam a desfazer a ilusão, porque à alegria inicial sucedeu-se "o estado de degradação das universidades, os saneamentos, as expulsões de grandes professores, as passagens administrativas, a ribaldaria..."

Duarte Lima é um homem a quem a vida, por estar tão próxima da morte, trouxe uma dimensão mais humana até na política. Uma dimensão da qual ele já não se consegue desligar: **"A revolução de rua só é estável se tiver por detrás uma revolução interior. A única verdadeira revolução é a mudança que cada homem pode operar dentro de si."**



**CIDADE DA BEIRA**

**EUNICE MUÑOZ, 45 anos**  
atriz





A sua flor preferida é a rosa mas também gosta muito de cravos vermelhos

Em Moçambique, na cidade da Beira, Eunice Muñoz continuava o seu ciclo de representações quando o 25 de Abril se deu em Portugal. Foi através da rádio da Rodésia que soube da revolução. Ficou muito feliz e, ao mesmo tempo, experimentou aquele sentimento nostálgico de uma "liberdade tardia" porque sente que, durante muitos anos, lhe foram roubadas muitas personagens e que essa "perda" não pode ser compensada de modo nenhum.

Durante esse ano, prosseguiu com a *Fedra*, *A Maluquinha de Arroios*, o *D. Quixote*... Estava com Carlos Avilez, com o marido e com a sua filha mais nova.

Lembra-se de o irmão, Francisco Fernando Muñoz, após muitos anos de censura e suspensões várias da sua actividade de profissional da rádio, estar tão entusiasmado no dia 25 que decidiu pôr uma música do Zeca Afonso para festejar e ter tido, desde logo, um telefonema do governador civil a dizer-lhe: "Retire imediatamente essa voz, porque eu ainda estou aqui..."

Ao regressar a Lisboa, em Janeiro de 1975, teve aquela sensação de "chegar tarde", aquela mágoa de não estar presente no momento certo. E mais uma vez sentiu o desconforto da intrusão daqueles que, sem legitimidade para isso, lhe assaltavam o carro, revistando-lhe todos os seus objectos. Positivo e negativo conviviam nas ruas, nas almas dos homens saídos do movimento revolucionário.

O não estar perto, o ter o aperto no coração, o querer ter a proximidade física de tudo e estar a viver em diferido os acontecimentos, dão-lhe uma sensação de estranhamento e inquietação que nenhum tempo nem nenhuma vivência posterior puderam ultrapassar perante uma revolução que o calor e as águas de Moçambique tornavam mais cálida e premente.

Mesmo assim, para Eunice Muñoz, os homens nas revoluções não representam, antes estão munidos de um sentimento de verdade tão forte que os leva a fazer as melhores e as piores coisas. Mas sempre com genuinidade, porque acreditam. É fundamental acreditar.

A revolução é para si também o marco-memória entre o cancelamento de uma peça de teatro no ensaio geral, por motivos políticos e mesquinhos, e a abertura a uma possibilidade de representação livre de todos os repertórios, a interpretação não condicionada de todos os grandes dramaturgos e poetas. Porque "uma obra censurada é uma coisa amargurada".

## **TRÊS MANIFESTANTES MORTOS POR ELEMENTOS DA PIDE-DGS**

**Felizmente não há a registar grande número de feridos em consequência dos movimentos das tropas da Junta de Salvação Nacional que, nos seus comunicados, repetiu insistentemente que seria evitado todo o derramamento de sangue que não fosse estritamente necessário para o completo domínio das forças da reacção.**

**No entanto, elementos da PIDE-DGS, último reduto de resistência às tropas do Movimento, dispararam rajadas de metralhadora sobre um numeroso grupo de populares que desfilou junto à sede daquela corporação, na Rua António Maria Cardoso, quando percorria, ao princípio da noite de ontem, toda a «baixa» da cidade, manifestando o seu apoio às forças triunfantes.**

Do incidente resultou a morte de três manifestantes. Destes apenas se conhece a identidade de Francisco Carvalho Gesteiro, de 18 anos, empregado de escritório.

Ainda não foi apurada a identidade dos outros dois jovens que aparentam as idades de 18 e 20 anos.

É A SEGUINTE A IDENTIFICAÇÃO DOS MANIFESTANTES FERIDOS, QUE RECOLHERAM AO HOSPITAL DE S. JOSÉ: MARIA DOS ANJOS AFONSO SANTOS MARTINS, DE 21 ANOS, RESIDENTE NA RUA PADRE JOSÉ DE ALMEIDA, 132, NA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO; FRANCISCO JOSÉ DA SILVA RAMOS, MORADOR NA RUA BERNARDIM OLIVEIRA, 9, R/C; RUI EDUARDO ALVES MORAIS, DE 19 ANOS, RESIDENTE NA RUA ARTUR LAMAS, 40-1.ª, DT.º; AARÃO DE ALMEIDA, DE 44 ANOS, MORADOR NA TRAVESSA DO CALADO, 30-2.º; MARIA DA CONCEIÇÃO NETO, DE 20 ANOS, MORADORA NA ESTRADA DA LUZ, LOTE N.º 1; ARMANDO DE JESUS LOPES AFONSO, DE 17 ANOS, DA RUA DOS FANQUEIROS, 39-4.º; ANTÓNIO MARIA DA CRUZ, DE 18 ANOS, DA RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 112-2.º; JOAQUIM INÁCIO RUIVÃES CRISTO,

DE 19; MARIA MANUELA CORTES FLORES, DE 23; ANTÓNIO RIBEIRO, DE 20, ANTÓNIO JOSÉ SANTOS LIMA, DE 17; JOSÉ LUÍS GUTIERRES, DE 19; JORGE SALGUEIRO COSTA, DE 24; FERNANDO SIMÃO MARTINS, DE 16; ARMINDO FERNANDES DE OLIVEIRA, DE 16; CAMÉLIA FERREIRA PIMENTA, DE 23, RESIDENTE NO BARREIRO; JOSÉ LUÍS BERNARDES FERNANDES, DE 19, MORADOR NA ALAMEDA CONDE DE OEIRAS, 4, NOVA OEIRAS; ANTÓNIO PEREIRA ESTEVES, DE 35, RESIDENTE NA RUA JOSÉ FALCÃO, 31-3.º, ESQ.; ROGÉRIO PAULO OSÓRIO, DE 18; LUÍS DE OLIVEIRA, DE 20; MANUEL PEREIRA ALVES, DE 24; JOSÉ DINIS PEREIRA, DE 26, MORADOR NA RUA MANUEL SOARES GUEDES, 98-1.º; AGOSTINHO MANUEL SOARES, DE 18.

Seis outros feridos, que também deram entrada no Banco do Hospital de S. José, não foram ainda identificados.

Ainda durante os acontecimentos da Rua António Maria Cardoso foi morto um agente da PIDE-DGS quando tentava pôr-se em fuga. Chamava-se António Lage, e contava 32 anos de idade.

Entretanto, na manhã de ontem ficaram feridos respectivamente nas zonas do Cais do Sodré e da Praça do Comércio: CARLOS ALBERTO CARVALHAS PARREIRA, DE 35 ANOS, EMPREGADO NO COMÉRCIO, RESIDENTE NA CALÇADA DO TIJOLO, 58, PORTA 6 E MARIA EMÍLIA ESTRONCA MARQUES, DE 32 ANOS, TAMBÉM EMPREGADO NO COMÉRCIO, MORADOR NA PRAÇA GIL VICENTE, 12-2.º, EM ALMADA. TAMBÉM FERIDOS, EM CONSEQUÊNCIA DE ACONTECIMENTOS VERIFICADOS NAS IMEDIAÇÕES DA RUA GARRETT, RECOLHERAM AO HOSPITAL DE S. JOSÉ: JOAQUIM SILVA GUERRA, DE 20 ANOS, ESCRITURÁRIO, MORADOR NA RUA FILIPE DA MATA, 27-3.º; FERNANDO JOSÉ VENÂNCIO PEREIRA, DE 15 ANOS, RESIDENTE NA AVENIDA DOS COMBATENTES, 127-1.1, ESQ., EM ALGÉS; MARIA FERNANDA DE JESUS, DE 18 ANOS, MORADORA NA AZINHAGA DO VALE DE CAVALOS, 3; ARNALDO JOÃO MARQUES, DE 16 ANOS, SERRALHEIRO, RESIDENTE NO PRAGAL, ALMADA; E JOSÉ MORGADO RODRIGUES, DE 21 ANOS, ESCRITURÁRIO, MORADOR NA ESTRADA DAS BARROCAS, 61, FRENTE, EM ALMADA.

## **INCIDENTE NO LARGO DE CAMÕES COM DISPARO DE TIROS E RAJADAS. UM FERIDO**

Às 17 horas de ontem gerou-se um incidente no Largo de Camões, que poderia ter tido graves consequências. Felizmente, saldou-se por um ferido apenas, por causa ainda não identificada.

Desciam o largo, pelo lado sul, três carrinhas das forças de choque da P.S.P. A multidão aglomerada na praça (muitas das pessoas, para assistirem à capitulação da D.G.S., na Rua António Maria Cardoso), correu em direcção às viaturas da Polícia. Certamente temendo qualquer assalto, os elementos que se faziam transportar naqueles carros sacaram das suas pistolas e, num acto desesperado, dispararam alguns tiros, cujas marcas se podem ver nas duas igrejas à entrada do Chiado. À altura a que estão os indícios das balas, faz supor que a pontaria foi feita sobre as cabeças dos circunstantes.

Os fuzileiros e a Polícia Militar, estacionados na mesma praça e que faziam parte do cerco aos quarteirões vizinhos do antigo quartel da Direcção-Geral de Segurança, mal ouviram os tiros tomaram as suas posições de abrigo e dispararam, para o ar, rajadas de metralhadora, em jeito de intimidação e de presença. Rapidamente, as carrinhas tomaram o caminho do Governo Civil. E tudo voltou à calma, depois do alarme que fez debandar muitas pessoas pelas ruas do Bairro Alto.

Entretanto, descendo a Rua da Misericórdia, um "jeep" do Exército conduzia dois presos – pareceram-nos membro da Legião Portuguesa –, sendo vitoriado pela multidão.

Uma bala estilhaçou o vidro da Papelaria Camões.

## **FRANCISCO LOUÇÃ, 17 anos**

1º ano do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras

No dia 25 de Abril, Francisco Louçã tinha 17 de anos de rebeldia. Sempre que vai à procura de alguns momentos de memória, só lhe ocorre dizer: "É um dia difícil de esquecer!" Porque o jovem, já revolucionário, nunca adormeceu a sua vida com nenhum éter ou líquido asséptico. A imagem do rapaz que avança pelo mato de uma Assembleia com palavras fatais é corroborada por um tempo de "exaltação", "fascínio" e "euforia".

Francisco Louçã, em jeito de memorização, explica: "Nesses tempos, fazia parte de uma organização política, a Liga Comunista Internacionalista (LCI), que reunia muitos jovens." Esses jovens foram avisados por oficiais afectos a essa organização de que haveria um golpe. Por integrar a "coordenação" da luta política em Lisboa, esteve com uma equipa na Rua da Beneficência para verificar se se confirmavam, ou não, os acontecimentos anunciados.

Durante a manhã do 25 de Abril, contrariou o apelo para que as pessoas não saíssem de casa e esteve na rua. Durante todo esse dia,



colaborou na "edição de cartazes sobre a guerra colonial" e juntou-se a manifestações e outras actividades.

A sua única razão de queixa da revolução é "a morte de quatro pessoas pelos pides, quando podia não ter havido sangue". Noutra plano, expressa, no olhar, aquela alegria de uma revolução que era "diferente de tudo o que sentia antes. O mundo político estava a mudar completamente!".

São várias as euforias que conta, de forma exaltada: "A descoberta de que um povo analfabeto, desprezado por 48 anos de fascismo, podia, rapidamente, aprender a viver, ter opiniões. Decidir!" Tudo em nome de se "fazer da revolução o código genético da democracia". Tudo em nome de "um 1.º de Maio que era o culminar de um movimento ascendente. O maior 1.º de Maio de toda a história portuguesa!".

Assim sendo, não se cansou de acompanhar, nesse dia, "as manifestações marcadas pelos sectores de esquerda, com uma voz clara contra a guerra colonial". Explica: "Cortejos que tinham como temas específicos acabar com a guerra, acabar com os embarques da tropa, estabelecer a paz, destruir a ditadura." Acrescenta também: "É difícil isolar as coisas". Nas vésperas do 1.º de Maio, participou em grandes comícios na Voz do Operário e no Coliseu. E, durante todo esse Verão, foi fazer sessões políticas a Salvaterra de Magos, a Alpiarça, ao Alentejo, ao Pinhal Novo...

Debates. Contradições fortes. A contra-revolução no Norte. Sedes de partidos atacadas. Como Zeca Afonso dizia: "O melhor período das nossas vidas!" O olhar de Francisco Louçã emite uma luz enquanto reafirma: "O espantoso da Revolução de Abril é só essa revolução permitir a destruição de um governo de ditadura." E, afinal, "a liberdade portuguesa ser uma liberdade revolucionária". Nesse processo, que caracteriza de "lento e doloroso", o mais fascinante, para este homem que diz haver "continuidade política" entre o rapaz de 17 anos e o rapaz com mais 30 anos acrescidos, foi "a imensa vontade de mudar a vida. Vida triste. Vida isolada. Pessoas fechadas na sua tristeza".

E, apesar de um olhar revoltado, o seu coração guarda uma noção de liberdade: "A invenção de um país com uma rede de comunicação nova, uma solidariedade, a sensação de uma sociabilidade nova." Com responsabilidade. Porque "liberdade também é responsabilidade. É pluripartidarismo, sindicatos livres, destruição de censura".

Agora, passados 30 anos, diz ainda: "Eu só tenho mais razões, hoje, para ser radical! Conheço melhor os podres do país, a exclusão social brutal que existe". E fala de uma "sociedade de privilégio", de "apartheid social", de um país que "deita para o caixote do lixo aquelas mulheres dos têxteis que nos seus olhos sabemos não voltarem a ter emprego".

Rebelde? Revolucionário? O dicionário pode dar uma ajuda se procurarem o nome de Francisco Louçã.

**FRANCISCO PINTO BALSEMÃO, 36 anos**  
director do *Expresso*

O dia 25 de Abril de 1974 é, por si, um grande marco a assinalar, com tudo o que imediatamente representou de realidade e esperança, com o fim da PIDE e da censura, com a possibilidade de criar partidos políticos, a restauração dos direitos individuais e sindicais."

O grande impulsionador da institucionalização, em Portugal, de uma democracia do tipo existente nos países da Europa Ocidental esvazia-se



dum tom moralista e assume um tom que ameaça qualquer beatice política hipócrita. Foi através dele que outras vozes se abriram. O seu início de vivência da Revolução dos Cravos e de todas as flores cabe num sorriso largo de um homem de perspectivas largas: **“Recebi a notícia em casa, às quatro e tal da manhã, através de um telefonema de Jorge Galamba Marques, então director comercial do *Expresso*. Certifiquei-me, pelo Rádio Clube Português, de que era verdade, telefonei a alguns amigos e a colegas do jornal. Vesti-me e pus-me a caminho de Lisboa. Fui directamente ao Terreiro do Paço, onde confirmei que havia uma revolução em marcha. Fiquei descansado quando, ao ser reconhecido por um dos oficiais subalternos, este disse qualquer coisa como: ‘Deixe passar, que este é dos nossos.’ Segui para o *Expresso*, onde começavam a aparecer outros jornalistas. Ali fiquei até às 11 da noite, a preparar a edição de sábado, 27 de Abril, entre angústias de que o golpe falhasse, celebrações à medida que a vitória se consolidava e recepção de visitas das mais variadas, de Jorge Sampaio a Manuel Baulosa. Jantei no Flórida, do outro lado da Rua Duque de Palmela, com minha mulher e Pedro Feytor Pinto, que me contou em primeira mão os acontecimentos do Carmo e da partida de Marcello Caetano, por ele directamente vividos.”**

E Francisco Pinto Balsemão acrescenta:

**“Mas nada se esgota num só dia. Para mim, por exemplo, o 1º de Maio de 74 foi um dos dias mais felizes e completos que vivi. E o dia 6 de Maio, quando, com Sá Carneiro e Magalhães Mota, anunciámos a criação do PPD, adquire natural relevância.**

Depois, há uma sequência eleitoral notável: a realização de eleições para a Constituinte em 25 de Abril de 1975 (e os respectivos resultados, apesar da tremenda pressão das forças políticas dominantes e da quase totalidade dos media), a possibilidade de concluir e votar a Constituição (apesar de todas as barragens civis e militares, que incluíram sequestros do Governo e dos deputados em S. Bento), a realização, em 1976, das primeiras eleições para o Parlamento, a Presidência da República, as Regiões Autónomas e as autarquias locais. Difícil será não associar a esta sequência o 25 de Novembro (e factos que lhe estiveram na origem, como o Documento dos Nove).

Do mesmo modo, o momento histórico da assinatura do tratado de adesão de Portugal à CEE, em Junho de 85, não é dissociável das fases cruciais das negociações com Bruxelas que a antecederam, nem da ratificação de Maastricht em 92 nem, claro, do processo que conduziu Portugal ao euro e a tudo que ele significa económica e politicamente.”

É assim que o advogado, guardião de jornais e espectáculos, explica a expulsão de um reino antigo pelo universo novo de muitas surpresas e avanços imediatos de um país.

Ficção científica? Não. A história de Portugal exige a leitura atenta de todos os volumes que a retratam...

## **Centenas de manifestantes exigiram o assalto à D.G.S.**

Ao fim da tarde, mais de um milhar de pessoas reunidas no Rossio dirigiram-se pela Rua do Ouro ao Terreiro do Paço, concentrando-se em frente dos Ministérios do Interior e do Exército, aos gritos de «Guerra do povo à guerra colonial» e de «Morte à P.I.D.E., assassinos.» Depois, cerca de 600 populares subiram a Calçada de São Francisco, em direcção à sede da D.G.S..

**Verificando que esta ainda não se encontrava cercada pelas forças do Exército, aproximaram-se ameaçadoramente do edifício. Então (eram 19 e 42), de uma das janelas da D.G.S. partiram várias rajadas de pistola-metralhadora que atingiram algumas pessoas, duas das quais vieram a falecer.**

Pouco depois, aclamado pela população, um esquadrão de Cavalaria 3 (Estremoz), comandado por um capitão, marchou a duas colunas com dois tanques, tomando posição nas ruas de acesso à sede da D.G.S. (Rua António Maria Cardoso e Rua dos Duques de Bragança), apontando as armas para aquele edifício.

Entretanto, a iluminação nas duas ruas tinha sido cortada. A população continuou a crescer ameaçadoramente e insistiu com os soldados para que assaltassem a D.G.S..

Às 21 e 25, um agente desta Polícia saiu para a rua com as mãos no ar e dirigiu-se em direcção aos soldados. Imediatamente encostado a uma parede começou a ser revistado, enquanto a multidão, em gritos altos, pedia que o matassem. Perdendo a calma, completamente apavorado, procurou fugir, correndo desesperadamente, e foi logo abatido pelos soldados que o haviam revistado. A multidão não permitiu que os bombeiros fossem retirar o cadáver, gritando: «Os PIDES morrem na rua.» O agente chamava-se, ao que parece, António Lage.

Às 21 e 35, mais três agentes saíram da D.G.S. com as mãos no ar e foram imediatamente detidos e revistados pelos militares, enquanto alguns populares tentavam arrancar pedras da calçada para as lançar contra os referidos agentes policiais.

Às 21 e 50, um indivíduo que se encontrava abrigado numa porta do antigo cinema Chiado-Terrasse fez o movimento suspeito de sacar de uma arma, no que foi imediatamente denunciado pelos populares mais próximos que de seguida o procuraram identificar, verificando que ele tinha,



efectivamente, uma arma de guerra e que caía em contradições a respeito da sua identidade. Conduzido ao comandante do esquadrão, foi preso.

A certa altura, quando a multidão, avançando pela Travessa dos Duques de Bragança, gritava palavras de ordem contra os agentes da D.G.S., um oficial da P.S.P. interveio com um megafone. Comandava forças de choque, colocadas junto do Governo Civil e prontas a avançar. Os manifestantes englobaram, então, nos seus objectivos, os agentes da P.S.P.. Chegaram mesmo a atribuir ao comandante da força o nome de capitão Maltês, especialista na repressão de massas. Choveram gritos de «assassino, assassino».

**O oficial afirmava que a P.S.P. tinha acabado de aderir ao movimento militar e que o general Spínola havia encarregado a Polícia de «limpar» as ruas de Lisboa.**

Cerca das 23 horas, o trânsito estava interrompido nas proximidades da Rua António Maria Cardoso. Graduados das forças militares que mantinham o cerco à Direcção-Geral de Segurança afirmaram que os agentes já se estavam a render e que,

possivelmente, ficariam detidos ali mesmo, até nova ordem.

Entretanto, receberam tratamento, no posto de socorros dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, várias pessoas, feridas pelas balas dos agentes da D.G.S.. Entre outras, contam-se: Júlio Caetano; António José Rocha Araújo, morador nas casas prefabricadas, n.º 95 – A (Aeroporto); Augustinho Martins da Cruz, Rua Alberto de Oliveira, 17, 2.º; e Carlos Manuel Ramos dos Santos, Avenida Prof. Reinaldo dos Santos.

### **Continua o cerco**

**À meia-noite, o cerco à D.G.S. continuava, mas alguns dos militares tinham sido retirados, incluindo o capitão que comandara o esquadrão quando este ali chegara, ao fim da tarde. Acontece, porém, que o cerco era aparente, por ser possível aos agentes da D.G.S. escaparem-se pela Rua Vitor Cordon, que não se encontrava guardada pelas tropas.**

Assim, alguns membros da D.G.S. puderam ser vistos a escapar-se. Perante o aviso dos populares junto do alferes que comandava as forças militares, este pediu reforços, que somente chegaram à l e 45. Então, o tanque que se encontrava à entrada da Rua dos Duques de Bragança avançou para a Vitor Cordon, a fim de fechar, finalmente, o cerco.

**JOÃO SOARES, 23 anos**

4º ano de Direito

Para João Soares a democracia começa no dia 25 de Abril de 1974, quando se pôs termo à ditadura de decénios.

Mas crê que há mais “dois dias 25” que constituem marcas decisivas na afirmação dos valores democráticos na nossa terra.

Refere-se ao 25 de Abril de 1975, data em que se realizaram as primeiras eleições livres em Portugal depois de 1926, apesar de todos os constrangimentos a que estiveram sujeitas: e ao 25 de Novembro de 1975, que pôs cobro aos desvios antidemocráticos do processo revolucionário. Por isso, em sua opinião, é pertinente alargar o âmbito da pergunta “Onde estava no 25 de Abril?” a estes dois outros dias 25, de modo a saber-se também qual o lado da barricada em que cada um se encontrava nestas datas.

Contudo, o dia 25 de Abril de 1974 continua a ser para João Soares um dos dias mais felizes da sua vida.

A 16 de Março tinha vibrado ao lado do pai, exilado em Paris, com a primeira brecha provocada no regime. Regressado a Portugal, tomou conhecimento, através de amigos ligados aos militares, como Raul Rêgo e Álvaro Guerra, de haver preparativos para a execução de um golpe militar, acentuando-se mais ainda essa convicção quando Spínola publicou o livro *Portugal e o Futuro* e foi demitido, juntamente com Costa Gomes. Sabia que era inevitável acontecer alguma coisa, só não sabia quando...

Com este pano de fundo, um telefonema da sua tia Teresa, por volta das 6 da manhã, acordou-o para um dia de vertigem em que acompanhou na rua a movimentação dos militares, desobedecendo aos avisos lançados pela rádio para que a população ficasse em casa.

**O seu primeiro destino foi o jornal *República*, que se situava na Rua da Misericórdia, bem perto do Largo do Carmo, onde se fez a rendição do regime. No final da manhã, assistiu a uma cena bem curiosa: uma discussão dentro do gabinete do director Raul Rêgo, em que participaram também Gustavo Soromenho, Salgado Zenha e Sousa Tavares, para decidir se o jornal, que ia para a rua ao princípio da tarde, devia ou não ser enviado à censura, porque “os tipos da censura pediam as provas”. Apesar de não se saber “como as coisas iam correr (Marcello Caetano ainda não se tinha rendido)” acabaram por tomar a decisão de não enviar o *República* à censura e, por volta das 3 da tarde, João Soares e Pedro Coelho pegaram cada um num braço de jornais, os primeiros sem censura prévia, e foram distribuí-los na rua.**

Dirigiram-se, então, ao Largo do Carmo, que estava ocupado pelos militares do Salgueiro Maia a cercar o Quartel da Guarda Nacional Republicana, onde Marcello Caetano estava refugiado e se iria decidir a queda do regime.

**Não esquece ter sido o facto de andar a distribuir o *República* que lhe deu a possibilidade de transpor o cordão militar e conhecer Salgueiro Maia, de**



**quem guarda a recordação de um militar tranquilo e determinado, imagem essa que nunca mais esqueceu.**

Assistiu e foi protagonista do crescendo "daquele movimento todo", a ponto de "um movimento corporativo de natureza militar se transformar numa revolução popular pelo entusiasmo, gestos de simpatia e generosidade das pessoas para com os militares".

Das inúmeras peripécias que ocorreram entretanto, recorda duas: os militares de Cavalaria instalados nas ruas do Alecrim e do Arsenal que ainda não "se tinham definido" e que ajudou a "convencer a passarem-se"; **a intercepção das comunicações entre os GNR que estavam no Largo de Camões e o Comando do Carmo em que reconheciam que não estavam a ser hostilizados pela população porque a ideia era que já estavam do lado dos revolucionários e que o Rádio Club Português lançou no ar.**

Mas, só na noite do dia seguinte, teve a imensa alegria de ver os seus amigos prisioneiros políticos – o Palma Inácio, o Lamego e outros colegas da Faculdade de Direito – serem libertados da prisão, se bem que à distância, pois "só o [Francisco] Sousa Tavares e o Jorge Sampaio foram autorizados a ir recebê-los ao Reduto Norte do Forte de Caxias".

**E, dias depois, vê regressar ao País tantos amigos e recebe o seu pai na Estação de Santa Apolónia.**

Foi este o 25 de Abril de João Soares, que diz ter sido uma "coisa bonita" pelas seguintes cinco razões principais: **"Não ter havido perda de vidas humanas", "Não ter havido interferência ou ajuda exterior", "O povo espontânea e genuinamente ter transformado um movimento corporativo militar numa verdadeira revolução popular democrática", "O respeito pelos vencidos" e "A singeleza de ser simbolizado por uma flor – um cravo – que, ainda por cima, cheira bem".**

# Ou todos ou nenhum

## -decisão tomada pelos 22 presos políticos de Peniche

todos ou nenhum — eis a decisão que, a partir de agora, colocaram os 22 detidos de Peniche, ao saberem

as famílias em presença dos agentes da D. G. S., que ainda lá se encontravam dentro no lugar de carcereiros: segundo, ao aceita-

nha exige o Forte para viver... ou não para viver... ou os mais felizes, esta hora da liberdade.



**AUTOMOBILISTA  
DISTRIBUI  
«REPÚBLICAS»  
GRÁTIS**

Cerca das 18 horas, um eufórico automobilista demonstrando das mais expressivas maneiras a sua satisfação distribuía gratuitamente aos transeuntes um molho de «Repúblicas» adquiridas por sua conta... e risco.

**de maarguuu**  
**LIBERTADOS  
OS PRESOS  
DE PENICHE**

As 0 e 23 de hoje, foi libertado o primeiro dos 22 presos políticos detidos no Forte de Peniche era ele Dinis Miranda. D. comissão do Movimento que se deslocou àquela vila fazia parte o capitão-tenente Machado Santos, o major Azevedo (de Pupilos) e os advogados Artur Cunha Leal, Nuno Rodrigo dos Santos e António Gouveia. Com estes últimos vieram para



o movimento vitorioso dos militares cor

# LOGIA DO ACC

## Exílio na Madeira

# AMÉRICO THOMAS E MARCELLO CAEL CHEGARAM AO FUNCHAL

## SITUAÇÃO DRAMÁTICA NA PRISÃO DE CAXIAS

FUNCHAL — O almirante Américo Thom...

Não existem, até agora, quaisquer informações de que as instalações do Forte de Caxias tenham sido libertadas.

O Movimento C. D. E. de Lisboa declara que a permanência da prisão de quantos nela se encontram, na mão da Pide / D. G. S., constitui um problema cuja solução é dramaticamente urgente. A possibilidade de tudo o que possa acontecer nesses dois Castelos.

O Movimento C. D. E. de Lisboa declara condico primario para o prosseguimento do processo agora encetado a imediata resolução da situação dos presos no Forte de Caxias.

(N. da R.) — As 2 horas, após a situação na prisão

# AVISO REPETIDO À POPULAÇÃO

O Movimento das Forças Armadas tendo conhecimento de elementos da Guarda Nacional Armada e elementos amigos, avisa de que tais elementos aconselha a população a abandonar os Camões.

# LIBERDADE

República

Pedro Oom

Pedro Oom, por assim dizer, nasceu no Café Herminius, onde, também, em Portugal nasceu o pouco que houve, neste País, de Dadaísmo. Pela vida fora, ficou Poeta. Não só pelo que publicou na «Pirâmide», na «Grifo» e, há dias, no livro colectivo que circula com o nome de «Coisas». Mas também e fundamentalmente pelo que lhe deve o Movimento Surrealista, com as suas (as mais corrosivas e lúcidas) intervenções na defunta JUBA.

É um pormenor dizer que tinha 47 anos, e foi vítima da emoção democrática que rodeou os últimos acontecimentos, no nosso País.

## LIBERTADOS OS PRESOS DA TRAFARIA

As 17.45 a rede de rádio da G. N. R., com exploração em frequência modulada, dava conta de haverem sido libertados os elementos militares detidos na Trafaria, no número dos quais, segundo se pensa, estariam vários implicados no levantamento de 16 de Março. Ao mesmo tempo a corporação constatava que tinham sido «raptados» (o verbo utilizado foi este mesmo) elementos da G. N. R. e da Guarda Fiscal em serviço na Cova da Piedade. Os postos — ouviu-se também na rede — ficaram «desertos».



# LIBERDADE

de maior circulação em Portugal

# SEculo

—Manuel Figueira

dia no Poder

# PRESOS POLI



**JORGE DE MELLO, 53 anos**  
empresário



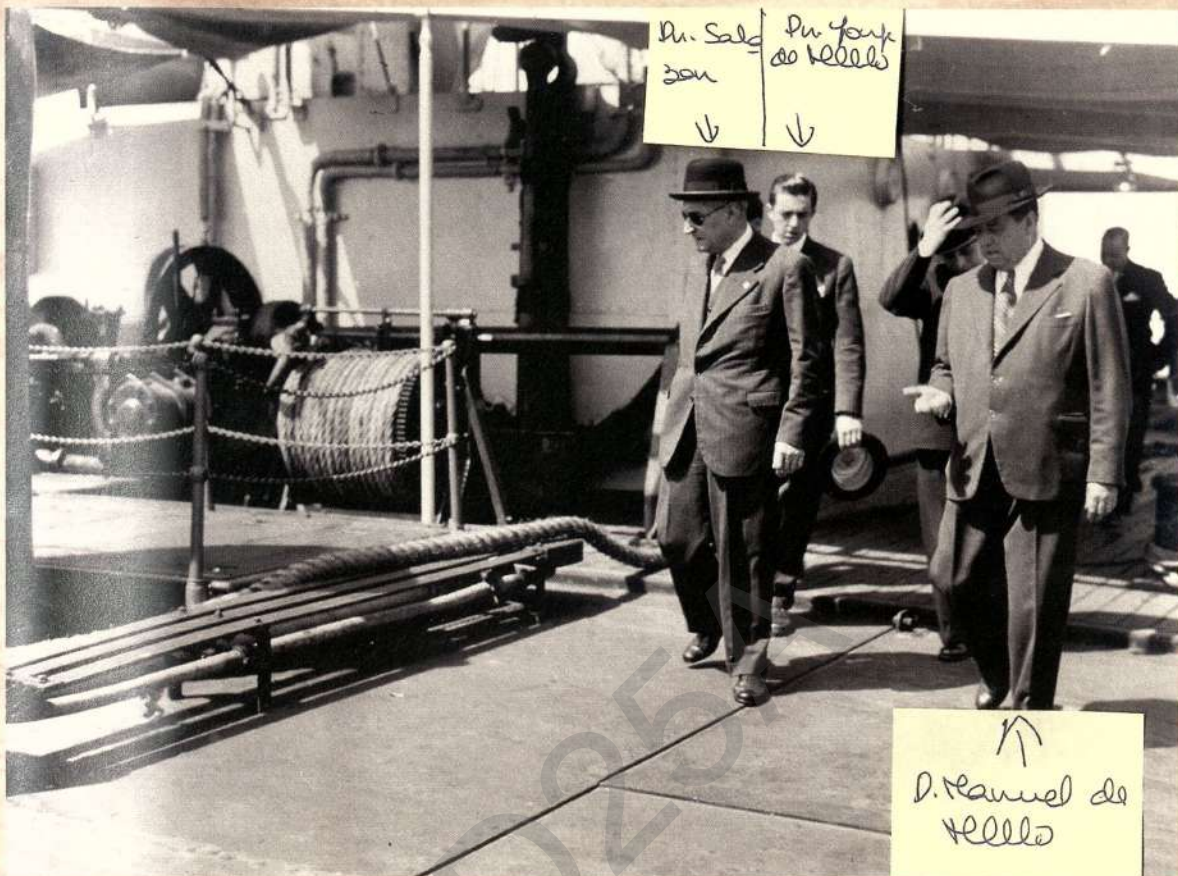
“É preciso sofrer com as nossas convicções”, assegura Jorge de Mello nos seus 82 anos, que se definem numa dignidade de “não virar a casaca e ser fiel aos princípios até ao resto da vida”. Princípios fortes.

Princípios inabaláveis, porque ninguém ainda lhe demonstrou o contrário.

É assim que começa a história de uma família que sempre teve preocupações sociais. Conservadora só nos princípios, muito inovadora no restante.

Às 4 da manhã do dia 25 de Abril, Jorge de Mello tentou falar com militares seus amigos mas nenhum estava em casa. Meteu-se no carro e foi à Tabaqueira, foi ao Barreiro e, por fim, ao seu escritório na Infante Santo, onde “começaram a chegar pessoas do Totta”. É que ninguém trabalhava naquele dia, e uma empregada da sua nora dissera peremptoriamente: “Sr. dr., ouça isto! Ouça estas conversas de tanques para tanques.”

À noite, jantou, recebeu um telefonema de um militar chamado Humberto Durão (chefe da segurança da PIDE) que dizia: “Sr. dr., sabe onde está o Chefe de Estado?” Jorge de Mello disse que não. O militar adiantou: “Temos aqui o presidente do Conselho e não temos o Chefe de Estado.”



E assim passou o 25 de Abril. E assim o irmão fez futurologia: "Tudo aquilo de que gostamos no Alentejo, as caçadas..., tudo... Nunca mais pense nisso!" Mas não foi isso que lhe fez mais pena. O que lhe fez mais pena foi "a destruição do tecido económico do País. Um país decapitado. Em Espanha, não houve nacionalizações. Por isso, eles estão bem!"

Jorge de Mello, como presidente da CUF, começou a ver "a indisciplina" porque "os portugueses confundem democracia com anarquia".

O mais avassalador, mas mesmo assim encarado com alguma serenidade, foi a sua prisão, a 12 de Março de 1975. "O chamado 11 de Março", que para Jorge de Mello foi a 12 de Março... O ser tratado como presidiário, não faltando a fotografia da ordem. Tudo começou num almoço com o pessoal, onde se ouvia "música do *Avante*" e Jorge de Mello "puxava os fios" das telefonias, afirmando adorar música, embora não bem daquele género.

A prisão foi o menos de um sentimento acutilante em direcção à morte quando cercaram a CUF e o meteram num carro no qual o oficial falava em Caxias como sendo o destino a prosseguir. Uma semana em Caxias. Uma semana de prisão não totalmente surpreendente, porque já tinha



falado com o Presidente Giscard d'Estaing, seu amigo, pedindo-lhe que, quando fosse preso, falasse com o embaixador francês e este tratasse com o Governo português "da retenção dos financiamentos em Portugal".

Dolorosa também foi "a destruição da família", foi partir para fora "para arranjar meios para a família viver". Primeiro, na Suíça, depois, três anos no Brasil, e, posteriormente, a Suíça de novo.

Na Suíça, teve um escritório onde fazia negócios. No Brasil, "uma empresa que era uma espécie de Compal" e "uma outra empresa de tabacos". A primeira empresa à distância de 90% da segunda, simplesmente. E ainda a "Fertisol: uma empresa de adubos".

Perante toda esta história de vida, Jorge de Mello reafirma: "Não acredito no socialismo! Veja-se a Bélgica, veja-se a Holanda – são ricos... Por que há-de ser?"

Não vale a pena perguntar muito mais a quem só insiste na resposta global a tudo: "Como é que este país pode ressuscitar das cinzas, se





não há capital?!" Sem rancores, Jorge de Mello explica: "Faço o que posso. Faço o que posso. Vendi a casa, em Sintra, onde nasci. Vendi a casa do Estoril, uma propriedade no Alentejo..."

E não admite que se confundam os planos dos livros com os planos das vivências. Porque "uma coisa é saber o que se passou, outra coisa é sentir". E sentiu. E tem nos olhos a doçura de quem acha que "o País antes de Abril era simpático. Estava a crescer... Saberão os mais jovens que "antes da Revolução de Abril, pouco tempo antes, o crescimento do PIB era de 8%! Um número único em toda a Europa, segundo Jorge de Mello. Era muito esse crescimento e agora não há capital. Não há quase nenhuma esperança nos olhos que fixaram Abril num coração febril mas não derrotista. No entanto, há aquela espécie de graça de Deus que o faz esquecer todos os sacrifícios pessoais e familiares em prol de um país. "O não ter angústia, nem me lembrar dessas coisas, só pode ser a prova da existência de Deus", reitera a quem não acredite na palavra felicidade conjugada com a palavra perda.

**JORGE SAMPAIO, 35 anos**  
advogado

A Revolução de Abril não foi bem uma revolução à inglesa, nem teve aquela frieza que não condiz com a "torrente dos muitos erros" de quem diz ter "um coração aberto".

Jorge Sampaio já antecipara um golpe quando esteve "activo nos anos 60 até 1974". Como acrescenta, numa espécie de comedimento, "é difícil tocar uma sinfonia em favor de uma participação individual. Não foi uma participação individual que fez Abril. Foi cada um fazer aquilo que entendia dever fazer" nesse princípio... Princípio de um golpe que foi, já depois de formado, ser "presidente da RIA (uma espécie de federação académica de Lisboa)", ser muito interveniente no movimento estudantil dos anos 60, 61, 62... Tudo isto foi importante: "a greve académica", "jovens exilados", "quebrar-se a certos jovens a frequência no ensino superior".

Teve expectativas de haver mudança quando Marcello Caetano assumiu o poder, porque em 61, como reitor, tinha-se demitido em protesto pela entrada de forças policiais na universidade, mas depressa percebeu que não seria capaz de ultrapassar uma direita ultramontana que o espartilhou. O regime estava definitivamente esgotado e caiu. **"Ao fim de 30 anos... É muito tempo, mas também é pouco! Não são 30 anos de indigestão de felicidade mas são 30 anos que nos motivam a fazermos melhor!"**

Melhor? O que houve de melhor nesta revolução? Jorge Sampaio, num começo tímido, avança para uma explicação concreta:

Antes de mais, o único sinal que teve, meses antes da revolução, foi ter-lhe sido pedido um desenho, que improvisou, para um amigo e médico comum de Otelo Saraiva de Carvalho, delineando a dureza do Reduto Norte de Caxias onde, como advogado de presos políticos, tinha ido várias vezes. A cerca exterior e a parte interior.

Nesta profecia estranha, feita e diluída, percebeu mais tarde o que se predizia. Na madrugada do dia 25 de Abril, pelas 4, 5 da manhã, um amigo seu (César Oliveira, já falecido) telefonou-lhe dizendo haver uma revolução em curso.

Jorge Sampaio fez naquele dia "aquilo que mais ninguém fez", pois, até nesses momentos, foi um homem disciplinado quando obedeceu ao apelo do Movimento das Forças Armadas e ficou em casa parte do dia. Parte, mas não todo o dia.

**Passou a manhã entre o café Flórida, o *Expresso* e a esquina da Duque de Palmela (onde se situava o seu escritório).** No caminho enfrentou com o olhar a coisa mais séria daquele começo que **"era um tanque em frente ao Quartel-General, apontando para Palhavã..."**

Outras formas e sinais viriam, mas Jorge Sampaio não viu. Ainda hoje, sente aquele arrependimento de tanta disciplina dizendo: **“Não vivi o Carmo!”**

Para o advogado, de 35 anos na altura, **“era muito difícil perceber como é que num país pequeno poderia haver outra coisa que se opusesse a algo que parecia ter raízes sólidas, mas afinal não tinha”**. A Revolução de Abril não se desprende de uma religião: a religião da liberdade. E a liberdade, para Jorge Sampaio, é: “A possibilidade de sermos aquilo que gostaríamos de ser, num contexto de responsabilidade. Uma emancipação plena, em que cada um poderá mostrar-se como é, desde que haja as condições para as pessoas poderem ser efectivamente mais livres.” É por isso “uma causa”, um “instrumento” esta liberdade do Presidente que mal conhecia os capitães de Abril, a não ser ter já uma profunda admiração por Melo Antunes, o “militar mais intelectualmente conhecido”, e a coincidência, algo peculiar, de conhecer o general Spínola desde miúdo, porque o seu pai era médico do pai dele.

Por vezes, as revoluções que fazem mais sentido são as que estão mais longe da perfeição. Jorge Sampaio descobre essa imperfeição na “energia de contradições, na combinação entre descolonização e a passagem para a democracia na Metrópole, num processo difícil, contraditório e único.”

Única. Esta revolução é única, tal como os portugueses e “Portugal que, não tendo petróleo, nem diamantes, deve apostar nas suas inteligências para fazer algo de importante”.

Agora, Jorge Sampaio, igual a si próprio, diz que **“a revolução é a liberdade”**. Tolerante, reconhece: “Falhámos uma transição à espanhola. E acrescenta: “Fizemos o que fizemos, com erros claro!”. Optimista, afirma quanto ao futuro: **“O balanço é muito positivo, mas para a frente devemos ser mais exigentes. Devemos comemorar estes 30 anos como um estímulo que nos motive a fazermos melhor.”**

E as últimas palavras que diz são: “A função do Presidente é não abrandar na sua proposta, na sua capacidade interventiva.” Por isso, continua a proclamar aquilo que acredita poder melhorar a situação dos portugueses, muito embora, por vezes, julgue não ser escutado. Mas o apelo não esmorece... Porque um apelo também é uma revolução.



**CONHECE-SE JÁ A IDENTIDADE DOS TRÊS INDIVÍDUOS ASSASSINADOS POR ELEMENTOS DA D. G. S. QUANDO DO CERCO À SEDE DAQUELA CORPORAÇÃO NA RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO.**

**SÃO ELES: JOSÉ JAMES HARTELEY BARNETTO, DE 37 ANOS, CASADO, NATURAL DE VENDAS NOVAS E MORADOR NA AVENIDA JOÃO BRANCO NÚNCIO, 7, 1.º DT.º NA FLAMENGA, VENDAS NOVAS; FERNANDO LUÍS BARREIROS DOS REIS, DE 24, NATURAL DE LISBOA, SOLDADO, DA L.ª COMPANHIA DISCIPLINAR, EM PENAMACOR; E JOÃO GUILHERME REGO ARRUDA, DE 20, ESTUDANTE, NATURAL DOS AÇORES, MORADOR NA AVENIDA CASAL RIBEIRO, 21, 5.º.**

**OS FUNERAIS REALIZAM-SE EM DIA E HORA A DETERMINAR.**

**POR OUTRO LADO, ENCONTRAM-SE AINDA INTERNADOS NA SALA DE OBSERVAÇÕES DO HOSPITAL DE S. JOSÉ, DEPOIS DE TEREM RECEBIDO ASSISTÊNCIA NO BANCO, TREZE DOS POPULARES ALVEJADOS A TIRO PELA D.G.S. NA MESMA OCASIÃO. AS IDENTIDADES DOS FERIDOS SÃO AS SEGUINTEs: CARLOS ALBERTO CARVALHAIS PARREIRA, DE 36 ANOS, CALÇADINHA DO TIJOLO, 56, PORTA 6, ANTÓNIO DOS SANTOS LIMA, DE 18, CARPINTEIRO, RUA 31, C, 1.º ESQ., BAIXA DA BANHEIRA: ROGÉRIO PAULO RITTER OSÓRIO, DE 20, ESTUDANTE, RUA CASIMIRO FREIRE 6, R/C DT.º; ARMANDO JESUS LOPES AFONSO, DE 17, EMPREGADO NO COMÉRCIO, RUA DOS FANQUEIROS, 39, 4.º ESQ.; RUI EDUARDO ALVES MORAIS, DE 19, ESTUDANTE, RUA ARTUR LAMAS, 40, 1.º DT.º; ANTÓNIO MARIA DA CRUZ, DE 18, RUA PRESIDENTE ARRIAGA 112, 2.º ESQ.; ANTÓNIO RIBEIRO CASSEMANO, DE 21, TRAVESSA DOS SURRADORES, 9, 1.º, ESQ.; ADRIANO EDUARDO SILVA NEVES DE CARVALHO, DE 37, JORNALISTA, PRACETA DOROANA, 8, 1.º DT.º, PAREDE; ARMANDO DO NASCIMENTO FERREIRA REIS, DE 26, RUA ALMEIDA E SOUSA, 45, 1.º; E JOAQUIM INÁCIO RUIVAIS CRISTO, DE 19, RUA ANTÓNIO LUÍS MOREIRA, 61, 3.º.**

**PELO MESMO MOTIVO, ESTÃO INTERNADOS NO SERVIÇO 4, SALA 2, DO HOSPITAL CURRY CABRAL, HOSPITAL ORTOPÉDICO DE LISBOA E HOSPITAL DE S. JOSÉ, SERVIÇO 3, SALA 2, RESPECTIVAMENTE, MARIA DA CONCEIÇÃO NETO, DE 20 ANOS, ESTUDANTE, ESTRADA DA LUZ, PRACETA 1, LOTE 8, 1.º ESQ.; JORGE SALGUEIRO DA COSTA, DE 25, PRACETA MANUEL NUNES MANIQUE, 3, 1.º, E MARIA EMÍLIA ESTRONCA MARQUES, DE 32, EMPREGADA NO COMÉRCIO, PRAÇA GIL VICENTE, 12, 2.º ESQ., ALMADA.**

**ATINGIDOS COM TIROS**

**RECOLHEU AO HOSPITAL DE S. JOSÉ, MUITO TRAUMATIZADO, DOMINGOS BRÁS BARROS, DE 30 ANOS, CONTÍNUO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, RUA DA BENEFICÊNCIA, 38, 2.º, QUE FOI ATINGIDO COM UM TIRO NA CABEÇA, NA PRAÇA D. PEDRO IV.**

TAMBÉM RECEBEU TRATAMENTO A FERIMENTOS NO HOSPITAL DE S. JOSÉ, FRANCISCO AMARO CARDOSO, DE 18 ANOS, SERVENTE, RUA DOS POIAIS DE S. BENTO. 70, 1.º, QUE, NO LARGO DO CHIADO, FOI ATINGIDO COM UM TIRO NUMA DAS MÃOS.

FUNERAL DE UM AGENTE DA D.G.S.

REALIZA-SE AMANHÃ, ÀS 9 E 30, DO INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL, PARA O CEMITÉRIO DE VIDAGO, O FUNERAL DO AGENTE DA D. G. S., ANTÓNIO LAJE, DE 32 ANOS, QUE FORA MORTO A TIRO, JUNTO DA SEDE DAQUELA EXTINTA CORPORAÇÃO, NA RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, COMO FOI NOTICIADO.

APONTADOS (POR ENGANO) COMO AGENTES DA D.G.S.

ESTIVERAM NA REDACÇÃO DE *O SÉCULO* OS SRS. JOSÉ DA FONSECA, CASADO, DE 42 ANOS, INDUSTRIAL DE ELECTRICIDADE, RESIDENTE NA RUA JOSÉ FALCÃO, 14, 1.º DIREITO, EM LISBOA, E FERNANDO RIBEIRO FRAGOSO, CASADO, DE 33, VENDEDOR DE MÁQUINAS, RESIDENTE NA RUA SABINO DE SOUSA, 40, 2.º DIREITO, EM LISBOA, QUE, FOTOGRAFADOS QUANDO ERAM REVISTADOS POR UM OFICIAL DE CAVALARIA, APARECERAM NUMA GRAVURA PUBLICADA NA NOSSA EDIÇÃO DE ONTEM.

CONFORME NOS DISSERAM, QUANDO, ACOMPANHADOS DE JOÃO SARAIVA, MOÇO DE DESCARGA NO INTENDENTE, A RESIDIR PRÓXIMO DA AMADORA, SAÍAM DO CARRO CONDUZIDO POR FERNANDO FRAGOSO, NO LARGO TRINDADE COELHO, UM MILITAR OS MANDOU ENCOSTAR À PAREDE E ALGUNS POPULARES COMEÇARAM A GRITAR: «SÃO DA P.I.D.E.! SÃO DA P.I.D.E.!» AO MESMO TEMPO QUE OS APE-DREJAVAM.

FORAM REVISTADOS RIBEIRO FRAGOSO. TINHA CONSIGO UMA PISTOLA DE FULMINANTES, QUE DIZ SER DE UM FILHO, ENQUANTO JOSÉ FONSECA POSSUÍA UMA NAVALHA DE PONTA E MOLA QUE USA HABITUALMENTE NO AUTOMÓVEL.

O RESTANTE NÃO TINHA NENHUMA ARMA.

FORAM CONDUZIDOS PARA UM CARRO-METRALHADORA E, POSTERIORMENTE, PARA A SEDE DA D. G. S., ONDE, DEPOIS DE SE VERIFICAR QUE NÃO PERTENCIAM ÀQUELA POLÍCIA, NEM TEREM SIDO RECONHECIDOS PELOS ELEMENTOS DA D. G. S. ALI DETIDOS, FORAM RESTITUÍDOS À LIBERDADE.

**JOSÉ MÁRIO BRANCO, 31 anos**  
músico de intervenção

No dia 25, nas águas-furtadas de um pequeno hotel em Paris, ouvindo notícias, lendo o jornal *Le Monde*, conversando com o sr. Goldberg (*préfet de région*, um género de governador civil), seu patrão, José Mário Branco sabia o que queria e o que não queria. Nesse mesmo dia fez um recital para estudantes portugueses e espanhóis, numa universidade parisiense, e foi surpreendido por um cartão de Mário Soares que dizia: "José Mário Branco, desculpe não estar presente mas a situação que se vive em Portugal obriga-me a deslocar-me para a República Federal Alemã. Mário Soares." Iria Mário Soares falar com o Helmut Kohl? Não sabemos.

Exilado 11 anos em Paris (desde Junho de 1963), José Mário Branco colocou duas condições para o seu regresso. Por um lado, um posição inequívoca por parte das autoridades portuguesas acerca do direito das colónias portuguesas à sua total autodeterminação. Por outro lado, a libertação incondicional de todos e quaisquer presos políticos que houvesse em Portugal e em países sob a sua administração.

Tomou a decisão de regressar na noite de 29 de Abril. Aceitou o convite de uma amiga que tinha uma agência de viagens, em Paris, e integrou o *charter* da TAP que transportava Álvaro Cunhal e outros refugiados políticos. Nesse voo, de calafrios e atmosfera tensa, estavam muitos dirigentes do PCP.

Não foi uma viagem fácil. Sentia-se uma ameaça de ruptura entre corredores, janelas e nuvens. O "perigoso maoísta" cumprimentava friamente e era correspondido na mesma moeda, sob o peso estranho de uma mútua desconfiança.

Ao fundo do avião, Álvaro Cunhal. A meio, canções tímidas de Lopes-Graça e, um pouco mais à frente, por entre máscaras de oxigénio e coletes de salvação, aquelas vozes de "Viva!" que uniam a diferença dos viajantes.

Os rostos tinham a densidade fina de pressões atmosféricas alteradas. Estava lá o Luís Cília e, mesmo atrás do José Mário Branco, uma mão no seu ombro dizia: "Mário, já não me conheces?!..." Era o Cláudio Torres.

Por entre tentativas de cantar o Hino Nacional, José Mário Branco disse a Marques dos Santos: "Ó Marques dos Santos, agora, como é que vais cantar 'contra os canhões marchar, marchar', se são os canhões que estão a libertar Portugal do fascismo?"

O calafrio maior foi quando o avião aterrou. José Mário Branco tinha dificuldade em aceitar que os dois soldados, junto à escada de desembarque, eram "libertadores e não soldados do regime".

Álvaro Cunhal saiu em primeiro lugar. Estava sereno. Era sobre ele que

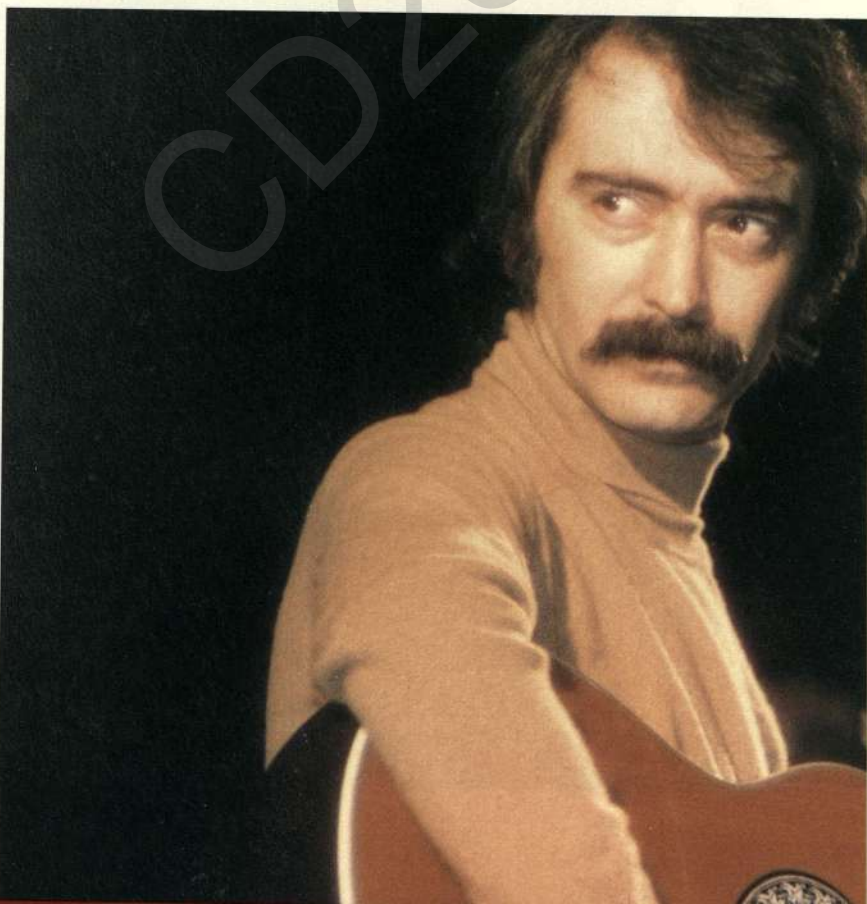
se focavam as maiores atenções... Mas também lá estavam, à espera de José Mário Branco, o seu pai, a sua mãe, o José Duarte (que era funcionário da TAP), o Adriano Correia de Oliveira, o "Zeca" (José Afonso), o José Jorge Letria, num grito que unia palavras e sons numa canção chamada *Grândola*.

Sentia-se aquele lastro novo de "ambiente libertário" que lhe lembrava o Maio de 68, em Paris. Dois acontecimentos distintos (25 de Abril, em Portugal, e Maio de 68, em França) e comportamentos similares: "a abertura, o tudo ser possível".

Na noite de 30 de Abril, houve uma reunião onde se estruturou um grupo de cantores que passariam a estar ao serviço da revolução. Era o GAC (Grupo de Acção Cultural).

Para este homem "a música é um acto de vida como outro qualquer", a música de intervenção é "a maneira de a canção reflectir as lutas sociais do seu tempo".

As revoluções são "momentos em que as pessoas sentem mais do que pensam e se dá a fusão de todos os conceitos — liberdade, libertação, amor, solidariedade, realização pessoal, auto-estima colectiva" — sem grandes meditações nem preparativos, como o lençol que José Mário Branco ergueu, no 1º de Maio, em Lisboa.



# JOSÉ MÁRIO BRANCO: OS TEMPOS MUDARAM A LUTA CONTINUA





José Mário Branco, finalmente entre nós. Não apenas a voz que os Portugueses conheciam através das suas canções (nem todas). Exilado em Paris, as portas do seu país abriram-se-lhe, agora, como para muitos outros a quem a ditadura impusera o abandono do seu povo. "Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades" e "Margem de Certa Maneira" foram dois dos seus principais trabalhos realizados em terras de França. Ao fim de onze anos na situação de desertor do Exército português José Mário Branco, com 31 anos, casado e pai de dois filhos, continua a luta de reivindicações das massas populares, na metrópole e no seio da emigração, com novas perspectivas de actuação que a instauração das liberdades democráticas no País permite e exige.



Onze anos depois do regresso a casa, o fim de um exílio imposto e a serena alegria da mãe.



**N**A manhã do dia 25 de Abril José Mário Branco deixou a sua casa para se embrenhar no movimento frenético das ruas de Paris. Poderia ter sido um dia como tantos outros. Não foi. A milhares de quilómetros de distância, uma das últimas ditaduras da Europa Ocidental estrebuchava às mãos de soldados e povo, unidos na mesma ansia da conquista da Liberdade. A notícia chegou-lhe por um camarada. Agora em Lisboa, e ainda com a alegria brotando das palavras, ele conta como aconteceu:

*Quando saía de casa, às oito e meia da manhã do dia 25, um camarada informou-me que estava a decorrer um golpe militar, que seria um movimento mais ou menos inspirado nas teses já expostas do general Spínola. A minha primeira reacção foi... sem dúvida, de grande alegria pela queda do Governo de Marcelo Caetano. Mas, confesso, pus certas reservas quanto aos resultados do golpe, como certamente faziam todos os portugueses nas minhas circunstâncias que não estivessem bem ao corrente do que se estava a passar. Desejei, sobretudo, ter informações mais precisasxxxxxxxxx dos acontecimentos. De repente, senti uma enorme vontade de estar aqui, de vir imediatamente, que tentei reprimir pensando todas as coisas.*

José Mário Branco saiu de Portugal motivado essencialmente por uma recusa ao cumprimento do serviço militar. Em última análise, como ele próprio frisa, foi "uma recusa de participar numa guerra de opressão fascista e colonialista dos povos africanos". Em 1963, com uma experiência de prisão relativamente recente, e depois de ter consultado alguns camaradas, decidiu juntar-se a outros companheiros de exílio. Aproveitou o passaporte anterior à sua prisão, ainda válido por quinze dias, e passou despercebido na fronteira juntamente com familiares que, no dia 10 de Junho, se dirigiam para Vigo. Tomou imediatamente o rumo de Paris, onde residiu até hoje. Anos mais tarde, iniciou a actividade musical de luta no seio da emigração. O valor do trabalho do artista popular veio a ser reconhecido em Portugal através da atribuição do Prémio da Imprensa. Um período de actividade artística que decorreu, portanto, sob determinados condicionalismos.

*Como artista popular, a minha actividade*

*foi condicionada, durante o tempo de exílio, por uma tomada de consciência política quanto ao papel que pessoas como eu poderiam representar na luta política ao nível cultural e, ao mesmo tempo, informado por uma grande modestia quanto à competência e possibilidades de fazer qualquer coisa nesse plano. Modéstia que é o congregar de duas ideias: um certo número de certezas ao nível ideológico e político, certezas que não são nossas apenas, mas de muita gente, e incerteza quanto à minha possibilidade de traduzir, a todo o momento, dentro da melhor forma possível, essas coisas ao nível da música popular. Verifiquei que existia um grande vazio ao nível popular e que homens como o Zeca Afonso, por exemplo, a um nível ou o Fernando Lopes Graça e Michel Giacometti a outro nível, se encontravam muito sozinhos, embora fossem desde há muito tempo pioneiros. Era tempo, portanto, de que gente como nós fosse na esteira deles. Tentando alarmar e tornar mais actuaentes, talvez, todas as suas propostas. A partir daí, comecei a compor com uma série de hesitações normais, pois as pessoas vão evoluindo e aprendendo tanto ao nível da fabricação dos produtos culturais como ao nível ideológico e de uma prática política. Tentei, sobretudo, integrar-me directamente naquilo a que poderamos chamar movimento associativo democrático e popular no seio da emigração portuguesa, muito numerosa, pois que só em França há 800 mil trabalhadores portugueses. É nesse plano e a esse nível que, desde há cinco anos, tenho tentado funcionar de uma forma prioritária.*

*O trabalho de discos, especialmente os que passaram a ser conhecidos em Portugal, foi importante, na medida em que constituiu uma experiência que me pôde ajudar e também a outros camaradas a compreender um certo número de coisas, a utilizar meios que, doutra*

# PRISÃO DA TRAFARIA

**MANUEL MONGE, 36 anos**  
militar



Manuel Monge estava preso no dia 25 de Abril de 1974, no Presídio Militar da Trafaria, mas fez o 25 de Abril.

Fê-lo, a exemplo dos muitos que, com o seu gesto de revolta com a situação, arriscaram o necessário para que o impossível acontecesse.

Mas foi mais longe. Fê-lo com a coragem própria dos que não enjeitam pôr as suas vidas ao serviço das causas em que acreditam porque é muito ténue a linha que separa a vida da morte num confronto militar.

Manuel Monge é o rosto mais visível dos militares que, a 16 de Março de 1974, saíram do quartel das Caldas da Rainha para fazerem... o 25 de Abril.

E que percurso até aí!

Já em 1973, na Guiné, para onde fora mobilizado por vontade própria, porque acreditava no espírito novo que o general Spínola tinha criado e que culminara no Congresso do Povo, em que as populações foram ouvidas, Manuel Monge tomava parte em reuniões do Movimento dos Capitães, tendo mais tarde sido escolhido pela Arma de Cavalaria, juntamente com os capitães Salgueiro Maia e Germano Simões, para a Comissão Coordenadora do Movimento.

Daí que, a 5 de Março de 1974, na reunião de Cascais do Movimento, Manuel Monge tenha sido indicado para a sua Comissão Militar, de que



também faziam parte Otelo Saraiva de Carvalho e Garcia dos Santos.

E, a partir de então, não mais parou nos seus propósitos.

A Comissão reunia-se todos os dias com vista a preparar a ordem das operações, que deveria estar pronta no dia 12 de Março.

Manuel Monge recorda os encontros com Spínola visando saber quem seria o rosto visível da acção militar, se Spínola, se Costa Gomes, e a sua resposta pronta de que seria indiferente, uma vez que "estavam de braço dado".

Lembra, ainda, o pedido que Spínola lhe fez para que o "golpe" não se realizasse enquanto ele e o "Chico" (Costa Gomes) estivessem na chefia do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

E recorda outros factos que constituem verdadeiras revelações, como seja a existência de negociações directas entre Marcello Caetano e um membro da Comissão, o que, na sua opinião, explica que Spínola quando, no Carmo, se dirigiu a Marcello Caetano lhe tenha dito: "Isto poderia ter sido evitado."

Outros episódios fazem parte do seu registo pessoal de recordações, como o que ocorreu a 8 de Março, quando a PIDE ou os Comandos Militares iniciaram um processo de neutralização de capitães. Manuel Monge "guardou" um dos perseguidos num apartamento da família, em Algés, tendo acabado por tornar a sua filha mais velha, a Maria de

Jesus, numa participante na revolução, pois foi ela, com os seus dez anos, que serviu de correio das mensagens trocadas com esse capitão escondido, para não levantar suspeitas.

E tanto era o entusiasmo que, em 15 de Março, numa reunião em sua casa, já depois de Spínola e Costa Gomes terem sido demitidos, dando assim o impulso necessário para o início das operações, alguém sugeriu que Spínola fosse raptado e levado para as Caldas, para liderar o golpe.

O certo é que no dia seguinte, 16 de Março, os Comandos de Lamego anteciparam-se a tudo e a todos e saíram da unidade e os capitães do quartel das Caldas fizeram outro tanto com o seu pessoal, acabando a operação por abortar e resumir-se à prisão dos principais responsáveis, entre eles Manuel Monge e Casanova Ferreira, que tinham ido de Lisboa ao encontro dos amotinados das Caldas para apoiá-los face à recusa dos majores da unidade em aderir.

Por isso, Manuel Monge despertou às 7 horas do dia 25 de Abril preso na Trafaria, a ouvir as notícias da acção militar transmitidas pelo Rádio Clube Português.

Foi um dia de alvoroço à espera que o fossem buscar, o que tardou, porque o Esquadrão de Estremoz, quando se dirigia para a Trafaria, teve necessidade de mudar de percurso para ir em auxílio de Salgueiro Maia que, no Carmo, tinha sido cercado pela Guarda Republicana.

Só por volta das cinco da tarde, o capitão Mira Monteiro, dos Artilheiros de Vendas Novas, acabou por se dirigir ao portão do Presídio, a fim de libertar Monge e os seus companheiros. A partir daí, foi a saída e a inesquecível viagem numa camioneta de caixa aberta, até à Pontinha, vitoriados pelos populares e a saborear a brisa fresca da liberdade.

Mas, depois, algumas recordações amargas sucedem-se: ter sido esquecido o dever sagrado a que se tinham comprometido de não haver protagonistas, nem promoções, nem graduações; a adulteração e o não cumprimento do Programa do Movimento; os camaradas de armas que "saltaram dos braços do Tenreiro para os do Cunhal"; a descida de uma "cortina de ferro" sobre o País, o clima de medo, os saneamentos selvagens, as listas de fuzilamentos.

Manuel Monge não guarda rancores. Como militar e cidadão, limita-se a dizer ter cumprido o seu dever. Recorda os camaradas que viajaram consigo na camioneta de caixa aberta: o Bruno, o Casanova, o Freitas, o Ramos, o Varela, o Gil, o Faria e o Carvalho, mas, sobretudo, companheiros de outras viagens como o soldado "Mercedes", velho chefe de tabanca do Congresso do Povo, os Zés e as Marias, e os "olhos vivos da sua filha Maria de Jesus".





## **Exército e o Povo**

**Nove horas da noite, numa transversal à Rua Sampaio Pina, muito perto do Rádio Clube Português. Diálogo de três soldados de Caçadores 5 com um casal de meia-idade instalado à janela de um primeiro andar.**

**A voz feminina: «Subam no elevador e toquem para o primeiro esquerdo. A sopa já está quentinha».**

**Um dos soldados «Muito obrigado, minha senhora. Tem que ir um de cada vez porque estamos de serviço».**

**Este foi apenas um dos muitos episódios do que aconteceu entre o Exército e o Povo em Lisboa. Que o exemplo de ontem frutifique. Hoje e sempre.**

## **MARCELO REBELO DE SOUSA, 25 anos** professor de Direito e jornalista

Na quinta-feira, 25 de Abril de 1974, o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa não deu aulas e foi a missão jornalística que o conduziu ao longo desse dia de chuva.

Na noite anterior assistiu a um jogo de futebol internacional em casa de uns amigos no Restelo e de cujo resultado não se lembra. Por volta das 00.15, regressou a Lisboa no seu *Fiat 127* branco para prosseguir as suas tarefas no *Expresso*. Esteve a trabalhar até às 4.30. Mais ou menos a esta hora, saiu do jornal em direcção à sua casa na Rua de S. Remo, no Monte Estoril. Ao passar pelo Marquês de Pombal, viu movimentos militares que o encheram de dúvidas e inquietação.

Ao chegar a casa, telefonou, rapidamente, a um conjunto de amigos: em primeiro lugar a Francisco Balsemão, depois a João Salgueiro, António Guterres e Francisco Sá Carneiro. Telefonou também ao pai (na altura, ministro do Ultramar) que já tinha saído para o Ministério.

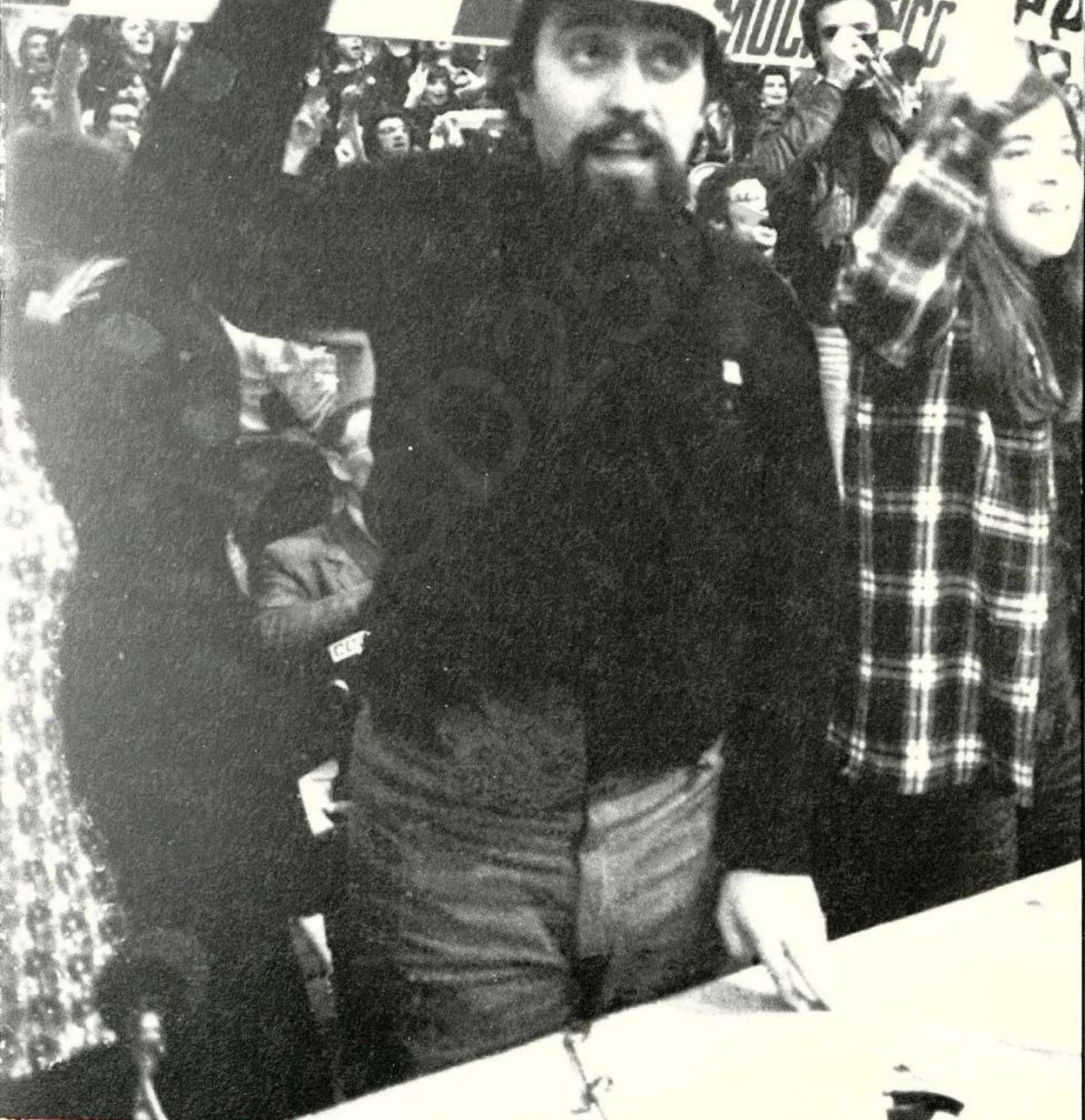
Na manhã cinzenta do dia 25, lembra-se de ter passado pelo *Expresso* o deputado Mota Amaral com a sua "gabardina no braço", a saber novidades para levar à sessão da Assembleia Nacional, cumprindo o seu mandato oficial apesar da mudança de regime. Também passaram pelo jornal os vizinhos de escritório Jorge Sampaio e José Manuel Galvão Telles.

Era necessário prosseguir com a preparação da edição do jornal para o dia 27 (sábado) com o maior grau de actualidade possível. No entanto, não resistindo ao apelo da história no momento em que ela se fazia, alguns jornalistas, entre os quais o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, abandonaram o jornal e percorreram zonas estratégicas da cidade. No Largo do Carmo, o jornalista Jorge Galamba Marques ia narrando, telefonicamente, o que se passava ao Prof. André Gonçalves Pereira, que nesse dia tinha feito também uma incursão pelo *Expresso*. Havia um calculismo e uma espécie de precaução que só permitiram o engrossar da multidão nas ruas conforme o dia ia avançando. A verdade é que o enorme cerceamento de liberdades do passado era o maior desafio à "aprendizagem dos limites" da liberdade e à sua exposição.



**PPP** PARTIDO  
POPULAR

MOC...CC





Mais tarde, o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa contactou novamente o pai que, por sua vez, já tinha falado com o Prof. Marcello Caetano relatando-lhe as informações do *Expresso* (dadas pelo seu filho, afilhado do Prof. Marcello Caetano) de que o regime iria mesmo cair. Ao que este respondeu: "Aquele Marcelo Nuno é sempre a mesma coisa. É uma ave de mau presságio." E assim foi. Cumpriu-se o presságio.

Para o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, o dia 25 de Abril não começou uma revolução. Foi apenas o início de algo que, mais tarde, poderia adquirir contornos de uma revolução. Na verdade, "houve vários 25 de Abril". Tantos quantos "os graus de radicalismo que faseadamente se sucediam". Foi uma revolução rica, de desfecho rápido. Única. Distinta. Não fora o nosso um país suave e de revoluções "familiares" que evitam certos graus de gravidade. Naqueles dias o professor lembra-se de assistir a um sonho ideológico pouco pragmático que dava ao acontecimento aquela grandeza de "coisa de trazer por casa". Recriar o país em total liberdade sem se saber os condicionalismos práticos, estar perante homens que descobriam o seu pensamento político naquele preciso momento a partir de um saber livresco era como ver uma nascente a partir do seu caudal.

Se o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa pudesse concentrar numa palavra a revolução, pensaria em "cravos". Se lhe fosse pedida uma só expressão diria: "A revolução feita pelas Forças Armadas quando se cansaram de ser a guarda pretoriana do poder" ou "A democracia chegou de África".

## Blindado em família

Já depois da meia-noite as pessoas que não dormiam puderam ver, através da R.T.P., a reportagem (infelizmente sem som) da queda de um regime. Realizador: Alfredo Tropa. Locutores: Fialho Gouveia e Fernando Balsinha. A preceder a «histórica emissão» – como lhe chamou Fialho – passaria um velho «show» de Vinícius de Moraes, Marília Medaglia e Toquinho. Era o fascismo despedido com batida de bossa nova.

Como trabalho de rua, a reportagem foi o máximo que a «casa» deu. «Casa» relativamente defraudada de pessoal. Mas reaprendendo uma coisa que, a bem dizer, nunca tinha tido: humor. Imagine-se que Fialho, com o Balsinha a debitar os seus papéis, ria e sorria e fazia gestos em direcção à câmara e torcia-se na cadeira e voltava a rir, a sorrir, a mexer-se, cheio de bichos carpinteiros! Percebeu-se lindamente que a liberdade de movimentos estava a saber-lhe a ginjas.

Para o telespectador habitual não houve «Meditação» no fecho. Paciência, medita de outra maneira.

O senhor que apareceu empoleirado num plinto de pedra é o dr. Francisco Sousa Tavares, advogado. Visitou o nosso jornal, onde conta amigos, demorou-se a ouvir as últimas notícias (penúltimos: o Largo do Carmo aconteceu a seguir) do movimento, e às tantas, também ele cheio de bichos carpinteiros, avançou para diante do quartel da Guarda, a tempo de pegar num megafone e dialogar com os manifestantes. Nos arquivos da R. T. P. não havia com certeza o perfil deste orador. Um doce a quem adivinhar porquê.

A rubrica mais notável foi o inabitual «Blindado em Família». Expliquemos ao leitor não informado: dentro de uma autometralhadora seguia (ia, foi-se, sem rosto visível) o ex-chefe do ex-governo. É aqui que sinceramente lamentamos a reportagem insonorizada. Tanta «conversa» em directo às horas nobres do Telejornal, tantos «banhos de multidão» por esse País fora, tantas presenças em inaugurações, brilhos, cerimónias, e sair assim por uma bambinela.

Não tomamos mais espaço, hoje precioso. Aos nossos camaradas em serviço no Lumiar mandamos um abraço pelo grande plano do blindado e pela tentativa de «furar» aquele vidro grosso por trás do qual o prof. Marcello Caetano, reduzido ao nome civil, fazia o seu último acto.

Sem palavras.

## A Legião não ofereceu resistência

Depois de dominada a G.N.R. – completamente impossibilitada de exercer a brutal acção repressiva e uma vez que a Legião, outro bastião do regime, não ofereceu resistência ao Movimento, apenas a PIDE-DGS foi o problema.

Já de noite, agentes da sinistra instituição todo-poderosa e fiel vigilante da mais brutal e selvática das repressões sobre o povo português, dispararam sobre manifestantes das janelas da sua sede, na Rua António Maria Cardoso.

Aliás, milhares de populares reuniram-se nas imediações daquela rua, sendo bem patente no grupo o ódio acumulado contra aquela polícia política. Disparando rajadas de metralhadora sobre a população civil, e depois saindo num «raid» para a rua, semearam cinco mortos e numerosos feridos nas imediações do Largo de Camões.

A notícia foi transmitida telefonicamente para o Posto de Comando do Movimento, no R.C.P.. Pouco tempo depois, cerca das 22 horas, a mesma emissora revelava que efectivos militares se dirigiam ao local para dominar a situação. A PIDE-DGS foi cercada. Um agente, que tentara fugir, foi abatido imediatamente e outros entregaram-se voluntariamente, sendo presos. A luta continuou toda a noite, acabando, já esta manhã, com a rendição dos focos de resistência da PIDE-DGS: a sede e a prisão política de Caxias.

*República,*

Lisboa, sexta-feira, 26 de Abril de 1974



Além do apoio popular, o Movimento Armado contou com a participação de milhares de portugueses que se juntaram ao movimento.

Não houve resistência da Legião Nacional, outro bastião do regime, que se rendeu ao movimento. Apenas a PIDE-DGS foi o problema. Já de noite, agentes da sinistra instituição todo-poderosa e fiel vigilante da mais brutal e selvática das repressões sobre o povo português, dispararam sobre manifestantes das janelas da sua sede, na Rua António Maria Cardoso.



O general Spínola, líder do movimento, foi preso e detido no momento em que se apresentava para a rendição da Legião Nacional. A PIDE-DGS foi cercada. Um agente, que tentara fugir, foi abatido imediatamente e outros entregaram-se voluntariamente, sendo presos.

Os generais Costa Gomes e Spínola em prisão.

## MARIA DE LOURDES PINTASILGO, 44 anos

presidente da Comissão das Políticas Sociais relativas à mulher

“L'éphémère Première Ministre, como me dizem os franceses”, não corresponde à verdade de um tempo “em que em horas se viviam anos”. Em que as reuniões pela noite dentro eram um misto de sedução e jogo, e nessa sedução, que Helder Macedo diz ser “a componente erótica do 25 de Abril”, tomavam-se muitas decisões. Por entre “copos de leite de que Álvaro Cunhal não prescindia”, sanduíches e “aquela sintonia perfeita com Melo Antunes”, num paroxismo em que “cada flor estrangulada seriam milhões de flores a florir”.

Foi assim que Maria de Lourdes Pintasilgo — uma mulher do mundo e do sagrado — resolveu intervir na revolução que antevia como o “rebentar do abcesso” num país que, por volta de 71/72, era conhecido como *the absent delegation* na Assembleia Geral das Nações Unidas. Um país descomprometido.

No dia em que “rebentou o abcesso”, Maria de Lourdes Pintasilgo encontrava-se a 10 km de Cluny, numa colina rodeada de árvores e com uma igreja chamada a Igreja da Reconciliação. Era Taizé, este lugar pacífico e de inquietação, o local onde recebeu a notícia de uma revolução, na missa das 7.30 da manhã. Nessa comunidade de monges, onde levava a cabo um trabalho em que era responsável por um movimento internacional — o Graal —, Maria de Lourdes Pintasilgo passou o dia a falar com jovens. A sustentar “um movimento em que cada pessoa é livre”. Nesse movimento, tal como na Revolução de Abril, “as mulheres podem e devem convergir para uma mudança da sociedade, uma transformação cultural, social, política”.

A revolução, para Maria de Lourdes Pintasilgo, já tinha começado há mais tempo... Afinal, revolucionária era a sua acção nos anos 60/70 num movimento que pretendia que cada um dissesse a sua palavra.

Os valores do Graal? Liberdade de expressão e cumplicidade. A coesão. O não fazer as coisas de forma justaposta mas una.





Era esta a revolução premonitória que Maria de Lourdes Pintasilgo fazia num "trabalho a nível das mentalidades".

Também antecipou a revolução numa conversa em que disse a Marcello Caetano: "Senhor Professor, se isto continuar assim, rebenta..."

Em duas horas e meia, quis demonstrar que "não havia razão para Américo Tomás ser nomeado outra vez". Foi afirmativa mas não o suficiente quando o Prof. Marcello Caetano "na sua fidelidade legalista" se levantou e contrapôs: "Mas como é que quer que eu nomeie outra pessoa e ponha de lado a pessoa que me nomeou a mim?"

Foi assim que Maria de Lourdes Pintasilgo buscou, mais uma vez, o Graal "nessa aventura de cavaleiros que também é uma aventura de mulheres".





Para Maria de Lourdes Pintasilgo, qualquer revolução é sempre “uma busca por cada pessoa onde ela está e conforme ela é”.

O Graal. A Revolução de Abril. A relação entre procura e encontro.

E o 25 de Abril correspondeu a uma procura ou a um encontro?

“O 25 de Abril correspondeu a uma procura...”

Como as conversas com Mário Soares em que sentia que “aquilo que a gente faz, neste mundo, é já a trama da nossa eternidade”.

Como Santa Teresa de Ávila. Como Simone Weil, que trocou os tratados de filosofia pela indústria metálica pesada, “numa presença ao acontecimento”.

Porque o acontecimento é o que lhe interessa. Não como espectadora mas partilhando as situações, “o estar no mundo”.

Foi assim. E não duvida que “uma revolução é uma coisa providencial” em que profetas e militares se misturam, porque “o texto do MFA é um texto profético”, e no conjunto de palavras, na “alfabetização”, todas “as palavras são etapas de consciencialização”.



# AVARIAS NOS TELEFONES E FORNECIMENTO DE ELECTRICIDADE

A partir do meio da manhã, começaram a verificar-se falhas de energia eléctrica em alguns bairros de Lisboa. Algumas zonas da cidade também se viram privadas do funcionamento de telefones.

**PAGINA 8**

---

ESTE JORNAL NÃO FOI VISADO POR

# Ultimam-se preparativos para reabrir o Aeroporto

Ao iniciarem-se, ontem, as reuniões na Cova de Moura, os representantes da Junta de Salvação transmitiram aos jornais a informação de que as fronteiras terrestres tinham sido abertas até às 18 horas e que se ultimavam os preparativos para a reabertura do Aeroporto.

Alguns pontos fronteiriços já ontem funcionaram, durante vá-

em Vila Formosa e no Caia tal se verificou das 16 às 20 horas e em Vila Real de Santo António entre as 14 e as 18, esperando-se que hoje já possam ser cumpridos os horários normais que nesta época do ano são, em relação aos dois primeiros locais, das 8 à 1 hora e no último das 8 às 21 horas.

ESTE NÚMERO  
DE O SECULO  
TEM 20 PÁGINAS

DIÇÃO DE MARCE  
ADA MOMENTO  
HOMEM QUE

A JUNTA EXISTE  
"NÃO PARA DESRESPEITAR  
OS MORTOS, MAS PARA  
DEFENDER OS VIVOS"

Correu a noticia, ontem á tarde, em determinados circulos da capital, de que ao fim do dia se iria realizar, por iniciativa de um movimento que se denomina G. A. P. — Comissão de Acção Popular —, uma cerimónia na portagem sul da ponte sobre o Tejo, a fim de alterar o nome daquela ponte de «Salazar» para «25 de Abril». Para fazerem a cobertura

jornalística do acontecimento chegaram a deslocar-se ao local representantes de vários órgãos de Informação, mas nada aconteceu.

Conforme assinalou a este respeito, ao «Diário de Notícias», um oficial da Junta de Salvação Nacional, no Palácio da Cova da Moura, «estamos aqui, não para desrespeitar os mortos mas para defender os vivos.»

QUALQUER COMISSÃO DE CENSURA

A Revolução dos Cravos "foi muito menos viril do que possa parecer". Na lembrança de Maria João Seixas foi uma "revolução de água" na sua vertente ligada ao Ultramar e enquanto "possibilidade de uma nação ser livre". Noutra perspectiva, representou "a confirmação de que se pode ser absolutamente generoso".

Foi também este imperativo de amizade e generosidade que fez com que passasse o dia 25 de Abril em casa de um grande amigo – José Maria Caetano, filho do Prof. Marcello Caetano –, dando-lhe apoio e tentando "refrear a sua própria alegria".

Nessa madrugada, acordada pelo telefonema de um conhecido do marido que trabalhava n' *O Século*, Maria João fora imediatamente para o jornal.

Alguns meses antes, tinha conversado em sua casa com o único amigo militar de então – o major (hoje tenente-coronel) Vítor Alves. Num serão amigável, este deixara-lhe pistas para uma expectativa de que iria acontecer algo "pelo lado dos militares bons".

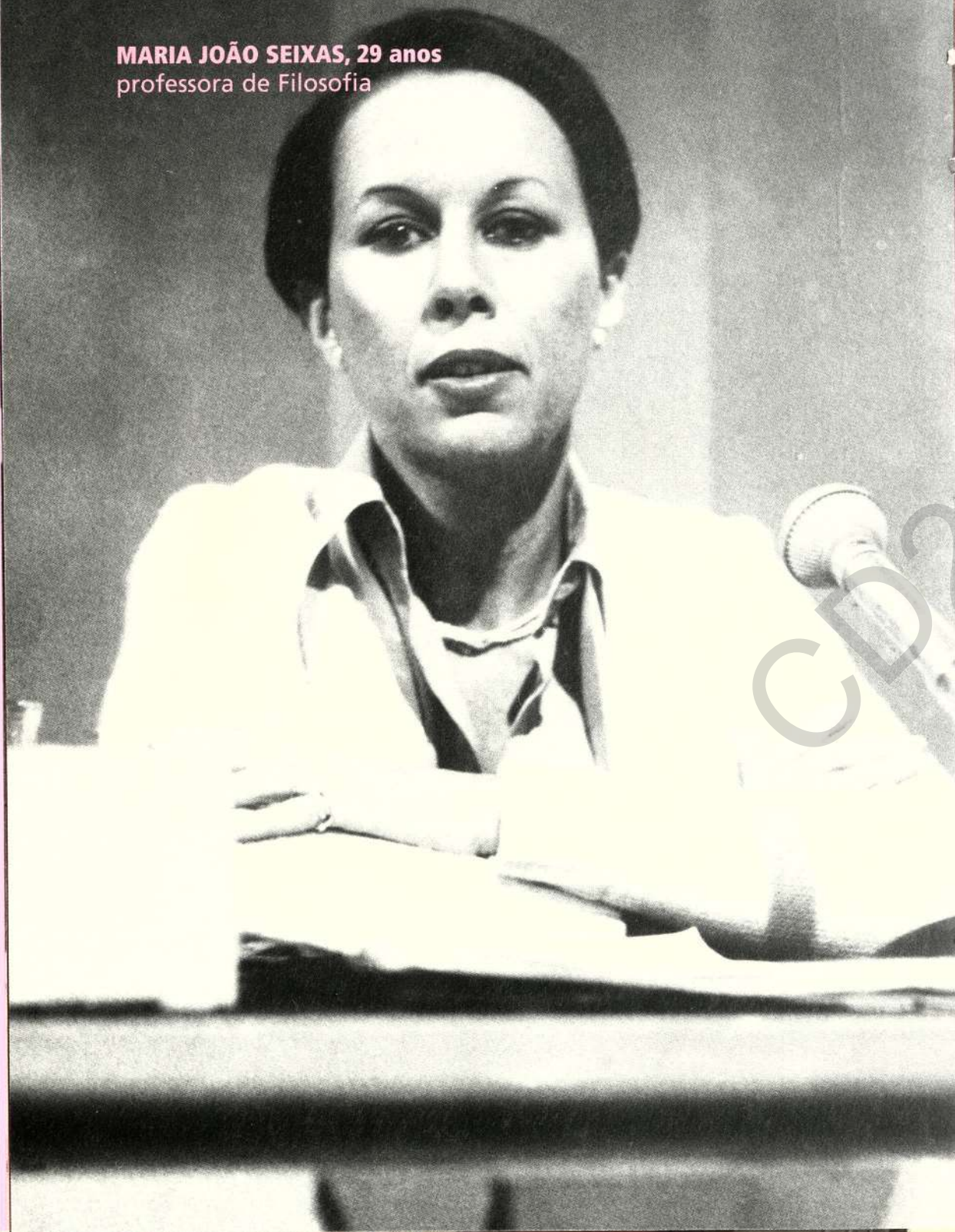
Às seis ou sete da manhã, apenas confirmou o prenúncio já mais ou menos conhecido. Telefonou à mulher do major: "Diz-me se o Vítor está nisto." Ela disse que sim... Maria João Seixas foi ao quartinho do seu filho de 2 anos e segredou-lhe: "Já não vais ter de fazer a guerra colonial."

No 1º de Maio, mais uma vez, a sua alegria imensa foi abafada pelo imperativo da amizade sincera e devotada aos amigos. Ficou, em sua casa, com José Maria Caetano, vendo apenas, através dos vidros de uma janela da Av. dos EUA, o cromatismo de um evento que lhe dava uma felicidade esfuziante e o dever acrescido de preocupação com aqueles para quem "tudo aquilo seria duro".

É que uma revolução, além de um profundo gesto, também é um acto cultural que "introduz rupturas tão grandes na vida da sociedade que implicam uma mudança radical de mentalidades". Maria João tem um sorriso muito bonito. Quando era miúda, dizia ao pai que "queria estar numa esquina da vida a conhecer pessoas". Talvez por isso Deus lhe reservou, uns meses após o 25 de Abril, a "experiência gratificante" de conviver com muitas pessoas, trabalhando com o major Vítor Alves, "um homem de uma inteligência delicada e de um grande sentido diplomático". Viveu intensamente. No ritmo febril dos preparativos para a instauração de um poder democrático, sentiu nos seus dedos o virar das páginas, as inquietações, as dúvidas sobre os mecanismos que regem o exercício do poder. Esteve atenta. É atenta à "coisa pública" embora não tenha uma vocação política *stricto sensu*.

Para Maria João Seixas a palavra liberdade é "um imenso luxo" e viver em democracia não é um dado absolutamente adquirido. É preciso "temperá-las todos os dias" – liberdade e democracia. E, para quem não saiba, podemos ser nós mesmos os seus maiores inimigos.

**MARIA JOÃO SEIXAS, 29 anos**  
professora de Filosofia



A Revolução dos Cravos "foi muito menos viril do que possa parecer". Na lembrança de Maria João Seixas foi uma "revolução de água" na sua vertente ligada ao Ultramar e enquanto "possibilidade de uma nação ser livre". Noutra perspectiva, representou "a confirmação de que se pode ser absolutamente generoso".

Foi também este imperativo de amizade e generosidade que fez com que passasse o dia 25 de Abril em casa de um grande amigo – José Maria Caetano, filho do Prof. Marcello Caetano –, dando-lhe apoio e tentando "refrear a sua própria alegria".

Nessa madrugada, acordada pelo telefonema de um conhecido do marido que trabalhava n' *O Século*, Maria João fora imediatamente para o jornal.

Alguns meses antes, tinha conversado em sua casa com o único amigo militar de então – o major (hoje tenente-coronel) Vítor Alves. Num serão amigável, este deixara-lhe pistas para uma expectativa de que iria acontecer algo "pelo lado dos militares bons".

Às seis ou sete da manhã, apenas confirmou o prenúncio já mais ou menos conhecido. Telefonou à mulher do major: "Diz-me se o Vítor está nisto." Ela disse que sim... Maria João Seixas foi ao quartinho do seu filho de 2 anos e segredou-lhe: "Já não vais ter de fazer a guerra colonial."

No 1º de Maio, mais uma vez, a sua alegria imensa foi abafada pelo imperativo da amizade sincera e devotada aos amigos. Ficou, em sua casa, com José Maria Caetano, vendo apenas, através dos vidros de uma janela da Av. dos EUA, o cromatismo de um evento que lhe dava uma felicidade esfuziante e o dever acrescido de preocupação com aqueles para quem "tudo aquilo seria duro".

É que uma revolução, além de um profundo gesto, também é um acto cultural que "introduz rupturas tão grandes na vida da sociedade que implicam uma mudança radical de mentalidades". Maria João tem um sorriso muito bonito. Quando era miúda, dizia ao pai que "queria estar numa esquina da vida a conhecer pessoas". Talvez por isso Deus lhe reservou, uns meses após o 25 de Abril, a "experiência gratificante" de conviver com muitas pessoas, trabalhando com o major Vítor Alves, "um homem de uma inteligência delicada e de um grande sentido diplomático". Viveu intensamente. No ritmo febril dos preparativos para a instauração de um poder democrático, sentiu nos seus dedos o virar das páginas, as inquietações, as dúvidas sobre os mecanismos que regem o exercício do poder. Esteve atenta. É atenta à "coisa pública" embora não tenha uma vocação política *stricto sensu*.

Para Maria João Seixas a palavra liberdade é "um imenso luxo" e viver em democracia não é um dado absolutamente adquirido. É preciso "temperá-las todos os dias" – liberdade e democracia. E, para quem não saiba, podemos ser nós mesmos os seus maiores inimigos.

## MARIA JOSÉ NOGUEIRA PINTO, 22 anos

3º ano de Direito

No dia 25 de Abril, Maria José Nogueira Pinto tinha uma ama cujo marido, por ter pertencido à Carbonária, lhe explicou o que era uma revolução. Também estava a ler *A Revolução*, de Jesús Pavón. Estas duas circunstâncias levaram-na a "ir buscar latas de conserva", para o que desse e viesse...

Naqueles dias, Maria José Nogueira Pinto sentiu que "por detrás daquele filme estava outro filme" e qualquer calma que se instalasse seria perigosa.

Em fins de Maio, acompanhou o marido, Jaime, que, estando a cumprir o serviço militar, foi destacado para Angola.

Aí, assistiu ao início do "processo de descolonização, com a substituição do general Silvino Silvério Marques pelo almirante Rosa Coutinho, a tomada das rádios pelos revolucionários e o recurso aos radioamadores como única maneira de se saber o que se passava".

Em 28 de Setembro, Maria José Nogueira Pinto estava no Uíge (Norte de Angola), quando alguém lhe disse: "Foram à sua casa de Lisboa para a prender." Perante essa situação, e mesmo sem poder contactar com a família, decidiu fugir com o marido para a África do Sul, antes que fosse executado o mandado de captura. O plano, todavia, não se afigurava fácil, porque nenhum deles sabia conduzir, não tinham carta de condução (como ainda não têm) e "não queriam envolver outras pessoas em coisas perigosas" e acabaram por ser dois conhecidos, que se tornaram seus grandes amigos, que os levaram.

Dias antes do 5 de Outubro, puseram-se a caminho e atravessaram os 8 000 km que percorrem Angola de norte a sul, quase sem comer, aproveitando a noite, através da demolidora imensidão africana.

Acabaram por chegar a uma terriola de nome Katekero, onde uma prima do sr. Esteves, do Uíge, debruçada à janela, os acolheu e encaminhou para o marido. Este, por sua vez, levou-os à plantação do sr. Banana que, fazendo fronteira com o Sudoeste Africano, deu possibilidade de a atravessarem "a salto", no dia 5 de Outubro.

Na África do Sul, as autoridades recolheram-nos numa base militar e, com muitos outros refugiados, meteram-nos num avião militar, levaram-nos para Pretória e depois internaram-nos num campo de refugiados.

Maria José Nogueira Pinto recorda, sem azedume, o recinto guardado por soldados e cercado de arame farpado, antigo campo de concentração da Segunda Guerra Mundial, onde uma sopa era a única refeição diária servida aos refugiados que faziam fila com uma lata de fiambre vazia na mão. Uma laranja, atirada por pessoas que passavam para lá do arame farpado, era disputada com cenas de pancadaria. E o anúncio, pelas seis



horas, do nome dos refugiados que saíam nesse dia, por lhes ter sido encontrado emprego, constituía o sonho da noite e a desilusão do dia.

Finalmente saíram. O marido arranjou emprego como tradutor e Maria José, com um vestido amarelo de malmequeres, pediu emprego no *coffee shop* do Hotel Carlton. Vendeu as jóias, mas nunca largou o retrato da mãe e o crucifixo que sempre a acompanha, e com o dinheiro recolhido, em Novembro, foi a Madrid buscar o filho Eduardo que tinha passado a fronteira averbado no passaporte da mãe, como se fosse seu sobrinho.

Com a ideia de que nunca mais poderia voltar a Portugal, rumou posteriormente ao Brasil. Durante um ano, vendeu enciclopédias e, mais tarde, materiais de construção.

O seu percurso acabou em Madrid, onde, exausta, teve vontade de conhecer cada vez melhor os píncaros poderosos da verdadeira amizade.

E muito mais se poderá ler no trajecto do olhar da provedora da Santa Casa da Misericórdia, que gostaria de, no final da vida, esquecida a sua missão, "ficar junto ao mar".

Quando Maria José Nogueira Pinto diz que "tudo o que Deus manda faz sentido", isso faz todo o sentido com o seu percurso de vida... porque, "mesmo sem dinheiro, é bom passear num jardim" de Joanesburgo. E a caridade é "amar o próximo pelo menos como te amas a ti", é "ir além da solidariedade", é "um grau superior de inquietação em relação ao próximo".

Ainda hoje, a provedora pergunta a si própria, olhando para trás: "Porquê dar a casa a um estranho?" Porque "o fascínio de Cristo é o fascínio da condição humana".

Maria José Nogueira Pinto provou o doce e o amargo. Daí, a sua fé, a sua missão, em cada curva auscultando o resto da sua vida... Um compromisso.

Uma revolução também é um compromisso.

### **MARIA TERESA HORTA, 35 anos** jornalista e escritora

Maria Teresa Horta "no 25 de Abril estava no 25 de Abril". Não escreveu. Esteve o tempo todo na rua em manifestações que, muitas vezes, não sabia o que eram mas, com certeza, valia a pena participar, sem caneta, sem papel, só com o corpo e o caldeamento de um sentimento de esperança.

A co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, a "Maria Alcoforado" submetida a um processo por um livro que era considerado um atentado à moral pública por obscenidade e pornografia, considera o 25 de Abril de 74 um dos dias mais felizes da sua vida. Para ela "o sonho passou a ter verdade".

A recuperar de uma tuberculose, sentia que essa nova etapa podia ser um grande adjuvante na sua cura. E foi.

O filho, de 9 anos, avisou-a desde logo que, se ficasse em casa, nunca lhe perdoaria essa falta. Maria Teresa Horta não pensou duas vezes, levou o filho para a festa. Nesta festa, as cores iam ficando cada vez mais intensas a caminho de um Verão que "foi mais Verão que todos os Verões". Porque tinha sido "trazido pelo 25 de Abril" e porque, "ao mesmo tempo que crescia o sentido de liberdade, crescia a sensação única de que o que se estava a passar não era fantasia".

Maria Teresa Horta nunca estava cansada. Juntou-se a marinheiros, a soldados, olhou com carinho uma menina que pedia insistentemente ao pai para a colocar "às cavalitas" para ver melhor a cor da liberdade. E as mulheres, que não tinham ficado em casa, serviam cafés e sanduíches aos soldados e iam encetando a sua passagem, ainda a medo, do enclausuramento e falta de identidade para um estado novo de cidadãs sem achincalhamentos. As mulheres, finalmente, estavam nas ruas com





os homens “lado a lado, não estavam uns metros atrás”, tinham os filhos pelas mãos, colocando riso e espalhafato na sua fala silenciada durante tanto tempo.

Foi inesquecível, vergonhosa, a única manifestação feminina do MLM (Movimento de Libertação das Mulheres), no Parque Eduardo VII, pela humilhação, espancamento, violação de mulheres que apenas “queriam queimar os símbolos da submissão feminina”. Maria Teresa Horta desmente o “anunciado strip-tease”, o “queimar de soutiens”. Isso não sucedeu. Não esquece como foi brutal a avalanche, ao local, de homens furibundos, bestas irracionais, que só deixaram intacta a “noiva”, todas as outras máscaras foram agredidas e esfarrapadas. Eram os farrapos de uma violência desoladora que subsistia, denunciando a mentalidade machista ainda latente. Por algum motivo, o jornalista Adelino Gomes disse que “nesse dia, teve vergonha de ser homem”. Ódio, raiva, “uma fome sem atributo” nessa manifestação contrastaram com o “maravilhamento” das outras manifestações do período revolucionário ou do 1º de Maio em que tudo que “era matéria de sofrimento passou a ser matéria de alegria”.

O 25 de Abril foi um tecido em que “novos, velhos, homens, mulheres, crianças coabitavam unidos sem diferença”. Sem armas. Sem humilhações. Só com a sabedoria e o rosto de Salgueiro Maia, que é “o herói puro, incorruptível, quase tão belo como o Che Guevara”.

Lisboa cheirava a flores. Para a mulher conhecida como “uma das três Marias” (ela, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno), “o 25 de Abril é um chão juncado de flores”. Um chão onde germinou a Mariana Alcoforado — uma mulher enclausurada pelo pai — e a Maria Teresa Horta, filha de uma mãe monárquica, um pai reservado e conservador e, a crescer a isto, um padrasto fascista. Uma menina que, aos 14 anos de idade, já distribuía, à revelia dos pais, e à porta do liceu, panfletos onde a liberdade era a palavra a anunciar.



# LISBOA

**MIGUEL COUTINHO, 9 anos**  
**4ª classe**



*Miguel Coutinho*

A capacidade para compreender uma revolução existe já na infância. A percepção de uma revolução, aos 9 anos, é uma escolha livre e Miguel Coutinho retrata-a não como um tempo de violência mas antes como o tempo da inocência, no qual florescem todas as condições necessárias para que uma criança seja mais criança, embora com uma consciência adulta. Talvez porque as crianças, mesmo sendo tão vincadamente crianças, retêm uma qualidade universal: a percepção pura do mundo. A verdade é sempre apanágio das crianças, que não negoceiam jogos de poder nem alianças de cinismo.

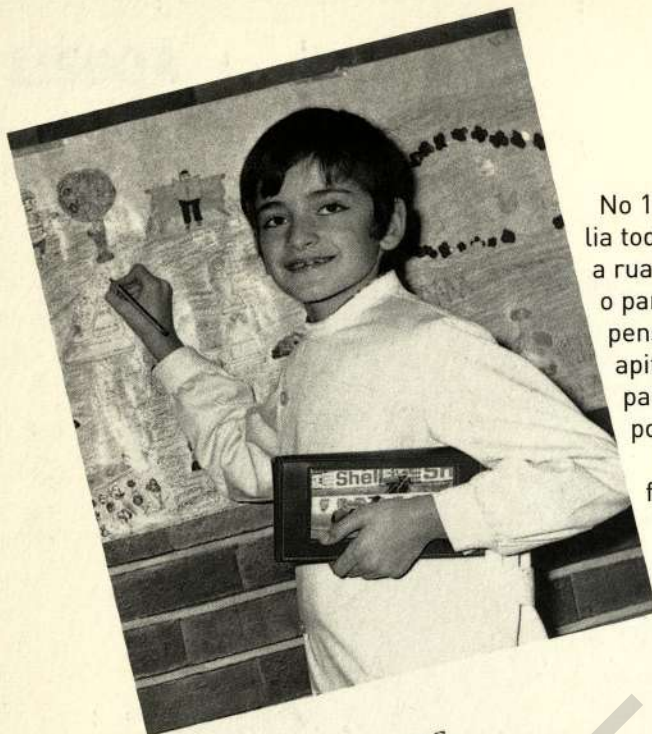
No 25 de Abril, um miúdo de 9 anos teve como mais marcante desse dia o facto de não ter ido às aulas, não ter a noção do que estava a acontecer.

Em sua casa, às 3 da manhã, um tio ligou, anunciando uma revolução à família. O pai, que gostava de confusões, dirigiu-se para o Carmo, de onde ia relatando à família tudo o que se ia passando. Era através da cabina telefónica, ou a partir de um café do Carmo – os locais mais famosos desse dia – que pai e filho diziam palavras de fantasia e absurdo e acreditavam que algo de muito forte se iria passar. O pai de Miguel Coutinho, “não sendo uma pessoa de esquerda, tinha, no entanto, uma relação difícil com o antigo regime. Desligava a televisão sempre que nela aparecia o Prof. Marcello Caetano”. O filho, por sua vez, não tinha a noção de que vivia numa ditadura. Só sabia que tinha uma turma composta apenas por rapazes e um professor austero de reguadas rijas e ímpetos de antigo regime que, nos dias seguintes, resolveu, também ele, libertar-se dessa dor de ser rígido e “partir a fotografia do Prof. Marcello Caetano, em plena sala de aula”.

Foi então que o pequeno Miguel não mais duvidou da relação entre aquela revolução e os livros do Tintim e as aventuras de *cowboys* e índios em que se perdia no seu percurso da escola até casa. Apenas uma diferença: “Nas histórias de aventuras havia muitos mortos, havia muito sangue e tiros, e aquela revolução parecia tranquila.”

Um dilema semelhante foi na sua televisão, de repente, aparecerem “homens com barbas”, “gente despenteada”, militares, “tanques com cravos”.

Miguel sentia que estava num filme em directo, mergulhado no seu imaginário de menino que “gostava de escrever” e de “falar com os colegas sobre as discussões políticas”. Lembra-se de, no ecrã, que para si era o mundo, haver um “conjunto de pessoas em que nunca tinha reparado. Um mundo paralelo”. Lembra-se de ficar preso aos “discursos encantatórios e hilariantes do Vasco Gonçalves”, aos “abraços”, à festa de nascer outra coisa.



**BOAS FESTAS  
E  
FELIZ ANO NOVO**

Nenhuma criança escapava. E até se lembra de usar "um autocolante com a imagem de Eanes" e de "nas listas para delegados de turma todos serem candidatos de vários partidos".

No 1º ano do ciclo, um ano depois da revolução, Miguel Coutinho era o menino mais interventivo do jornal da escola. Lia todos os jornais que o pai comprava e "nos discursos de Spínola o filme continuava a correr", entre real e irreal. Entre revolução e contra-revolução.

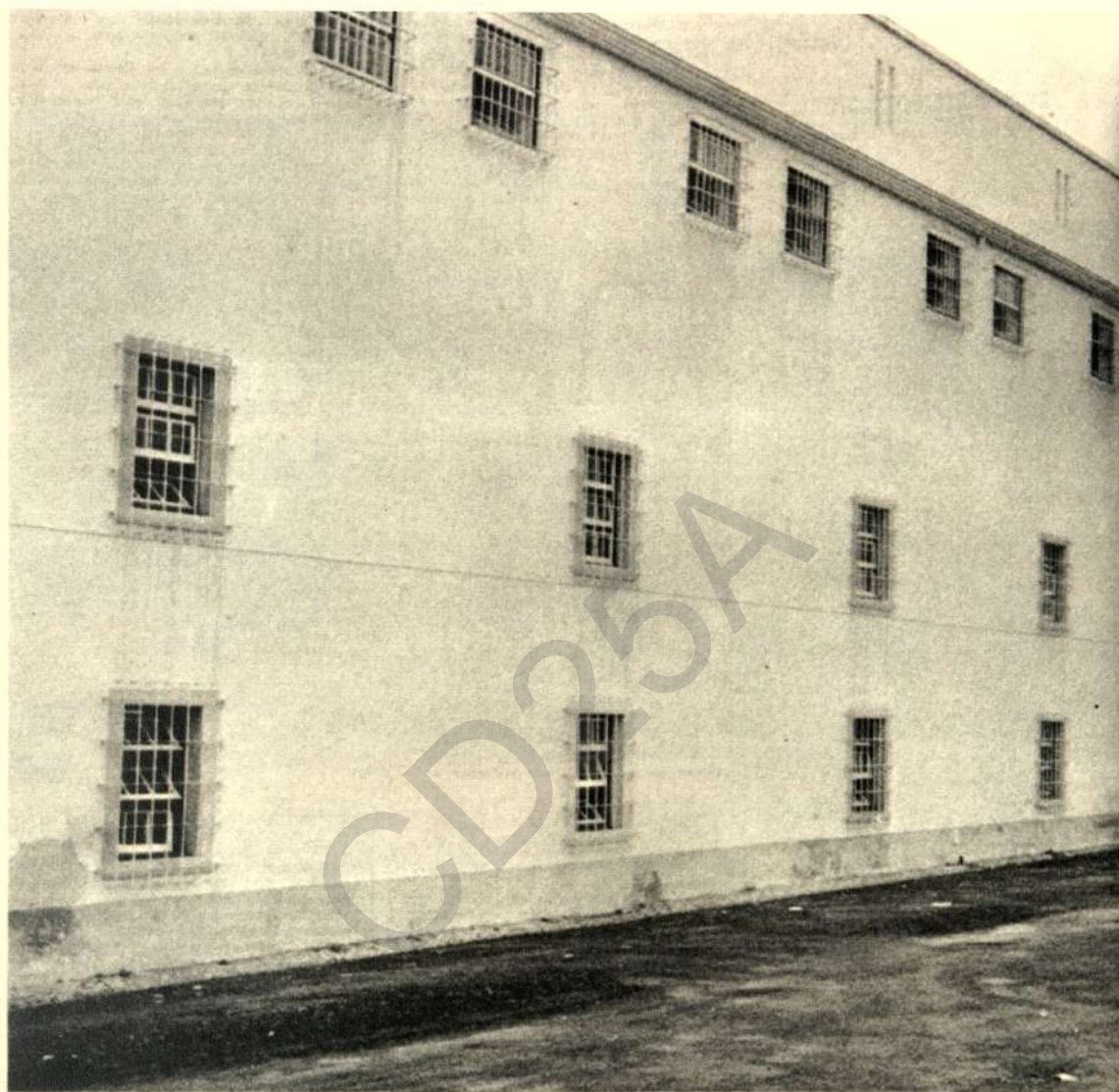
Nos seus dedos, e na linguagem rápida de parágrafos feitos de muitas linhas, estava "um mundo a mudar", o "começar a viver, a partir de 74, os anos 60" em Portugal.

No 1º de Maio, o menino "que lia todos os jornais" correu para a rua com o pai e ninguém mais o parou! Não teve medo. Só pensava: "Todos os carros a apitarem para o carro do meu pai. O meu pai deve ser muito popular e eu não sabia..."

Recorda aquela sensação fantástica de indagar "Porquê libertar pessoas que estavam na prisão?! Não eram criminosos?" Presos políticos. O tal "mundo paralelo". A tal consciência política que Miguel Coutinho já tinha.

Na avalanche, ninguém escapava.

*Deseja o Miguel aos tios  
com muitos beijinhos  
Natal de 1974*



# **FORTE DE CAXIAS: QUARTEL-GENERAL DA TORTURA**



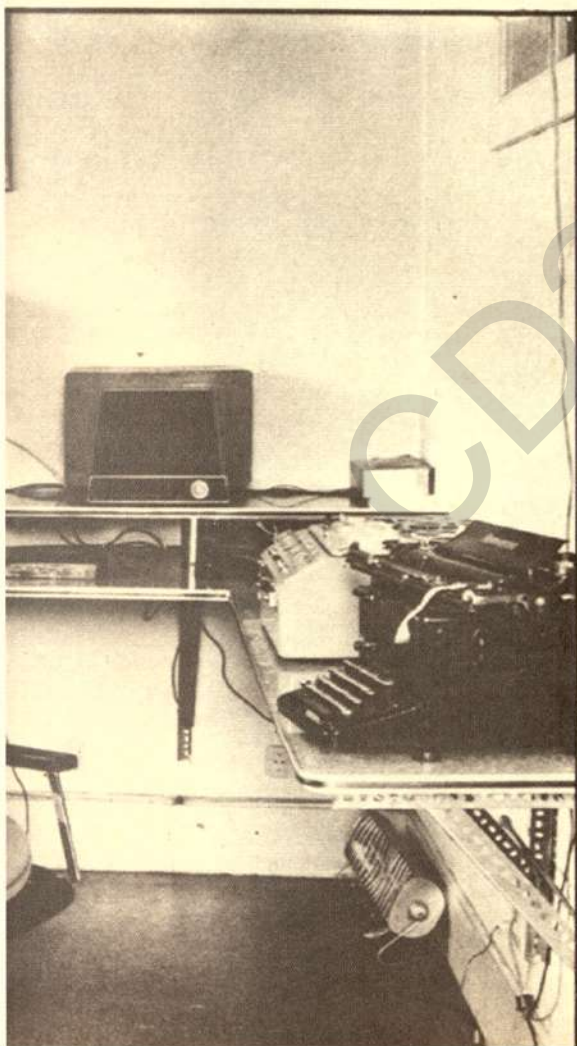
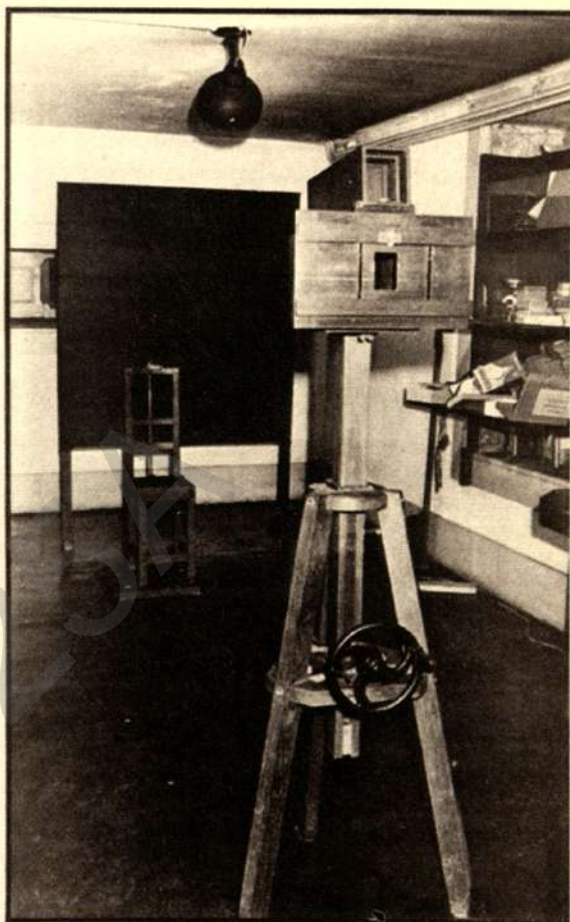
# MUSEU DO TERROR NA RUA DO HEROISMO

Um dos últimos documentos arquivados na pasta era um "telex", de 22 de Abril, sobre a homenagem ao dr. Óscar Lopes: "Tenho a honra de informar V. Exa., em síntese, que o jantar de homenagem ao dr. Óscar Lopes, que teve lugar no dia 20 do corrente, no Restaurante Parque da Aguda, com a presença de 250 pessoas, começou às 22 horas, e terminou às duas da manhã. Falaram cerca de vinte pessoas (oradores) iniciando-se os discursos mesmo antes de ser servida a sopa, discursos esses, na sua maioria, caracterizados em estilo agressivo. Sempre que se falava num correligionário falecido ou preso, havia gritos de 'assassinos', 'abaixo a P. I. D. E./D. G. S.' e 'amnistia'... Foi lido e aprovado um documento a enviar a Sua Excelência o Presidente do Conselho relativo aos presos políticos. O homenageado, no seu agradecimento final, evocou o nome dos vivos e dos mortos, sem esquecer 'Álvaro Cunhal e Mário Soares'. O chefe da delegação, Manuel Cunha."



Texto de PINTO GARCIA  
Fotos de AMÉRICO DIEGUES

Esta foi a cela (à esquerda) onde esteve preso Palma Inácio. As grades, de uma espessura impressionante, terão sido colocadas após a evasão mais espectacular realizada do edifício do terror da Rua do Heroísmo. EM BAIXO — Numa sala da cave os detidos eram fotografados nas mais diversas posições.



Aparelhagem de escuta telefónica e de rádio equipava a P. I. D. E. da Rua do Heroísmo, no Porto. As conversas telefónicas dos cidadãos eram facilmente desvasadas, servindo como argumentos para monstruosos arquivos da organização policial.

**E**STE relatório era um dos milhares guardados nos implacáveis arquivos da delegação portuense da P. I. D. E./D. G. S. Todos os passos dos cidadãos que a polícia política considerava suspeitos eram rigorosamente registados. Agentes e informadores formavam a teia de aranha que agarrava o suspeito como uma mosca. E tudo servia para isso, desde a observação directa até à escuta telefónica, passando pela violação da correspondência ou por qualquer pretexto. O edifício da Rua do Heroísmo (coincidência de nome!), um antigo palacete do século XIX, paredes-meias com o Cemitério do Prado do Repouso, transformou-se numa casa de tortura, de violência, de perseguição, de opressão, de crime. Foi essa casa cuja história ainda está por fazer, e que antes de 25 de Abril era

## **MIGUEL SOUSA TAVARES, 22 anos** estudante-trabalhador

Miguel Sousa Tavares, no seu olhar perfeito e incisivo, ajuda-nos a compreender o que é ser coerente quando agarrou o 25 de Abril com as duas mãos.

Nessa altura, já estava casado. Tinha inaugurado uma nova casa onde não havia campainhas. Talvez por isso tivessem sido as batidas fortes na porta por parte de um amigo que agitaram a sua consciência com uma revolução.

"Acabou no Largo do Carmo", onde estava o seu pai em cima de uma guarita frágil e um cunhado seu que fazia parte da coluna de Salgueiro Maia como "atacante".

Ainda hoje guarda cápsulas de G3 de tiros disparados para o ar, nesse dia radical todo passado na rua, "atrás das tropas, de um lado para o outro". O homem de 22 anos "só conseguia chorar", num êxtase ao qual se entregou de alma e coração.

Decidiu comprar uma televisão, objecto adiado muito tempo na sua casa por "odiar a televisão do Estado Novo".

No dia seguinte, o pai, Francisco Sousa Tavares, telefonou-lhe e disse: "Vamos libertar os nossos clientes a Caxias!" É que pai e filho trabalhavam num escritório de advogados e tinham clientes que eram presos políticos. Foram a Caxias, pai, mãe (Sophia de Mello Breyner, na altura presidente da Comissão de Presos Políticos) e filho. À porta do quartel, o sentinela perguntou: "O quê é que querem?" E eles responderam: "Vimos libertar os presos!"

Apesar das aspirações e projectos do dia 25 de Abril, Miguel Sousa Tavares teve uma premonição muito forte e já não foi ao 1º de Maio. Ele sabia que "o Partido Comunista ia tomar conta daquilo tudo".

Outra coisa que lhe causou arrepios de raiva foi "no 1º de Maio parecer que havia 10 milhões de antifascistas". E, na verdade, sempre ter havido poucos. "O ver na rua pessoas que eram democratas há três dias e que nunca o tinham sido durante todos aqueles anos anteriores!"

É indicado pela Juventude Socialista para ir para a Comissão de Extinção da ex-PIDE/DGS, em Caxias, no fim de Maio ou princípio de Junho. Vê-se então enredado em papéis para instruir "processos contra os pides que tinham cometido barbaridades" e que se tornava imperioso levar a julgamento. Estranhamente, era o único com preparação jurídica no meio de "oficiais da Marinha do PC que tinham Caxias nas mãos". As coisas passavam-se mais ou menos assim: entrava de manhã, ficava fechado à chave no Forte e só saía à noite. Um dia, tocou-lhe interrogar o inspector que, uns anos antes, tinha interrogado o seu pai. O inspector, entre suores frios, insistia em que o conhecia. Estava profundamente intrigado.







Mas Miguel Sousa Tavares não lhe revelava o seu nome.

A sua prestação em Caxias não acabou aqui. Lembra-se, por exemplo, de, a meio de um interrogatório, um oficial dizer-lhe que o pido tinha a família lá fora, à sua espera para a aguardada visita semanal. O oficial disse: "Como não temos guarda, talvez seja melhor a família regressar para a semana." Miguel Sousa Tavares, que sabia o valor de uma visita semanal por ter tido o seu pai preso, recusou essa solução. Agarrou uma pistola nas suas duas mãos, livres e corajosas, e ficou encostado a uma janela, de frente (não o fossem atacar se se virasse de costas) para a "família do pido", numa sala fechada à chave, a fingir que não ouvia a conversa deles.

Essa estada pungente em Caxias durou até meio do Verão. Logo a seguir, quando "os membros do Partido Comunista juntamente com os MFA's vedaram o acesso à ala principal, onde estavam os processos que investigara", percebeu que era altura de sair. Para ele, era muito desconcertante verificar que "todas as manhãs eram estacionadas camionetas à porta do Forte e carregados *dossiers* de civis comunistas para dentro do Forte". Essa razão foi suficiente para a sua saída. Imediatamente, percebeu que o PC tinha assaltado a Comissão de Extinção da ex-PIDE/DGS.

Nesses episódios contagiantes, Miguel sabia muito bem o que era a liberdade. Como disse: "O conceito de liberdade não nasceu comigo por ser filho de uma poetisa. Nasceu já comigo. Eu sempre fui uma pessoa revoltada contra a autoridade. Os meus pais apenas exacerbaram isso." A grande lição de vida dos pais foi "o ser livre. As pessoas aprenderem a pensar pelas suas cabeças e não terem medo de fazer aquilo que pensam que está certo". E acrescenta: "Ainda hoje acho que não há melhor valor que a liberdade. E digo e hei-de morrer a dizer que o dia mais feliz da minha vida foi o 25 de Abril de 74."

Porque tudo até então era desespero: "os *gorilas* na Faculdade", "a polícia de choque a bater nos estudantes", "a guerra em África". Para além de outras coisas inimagináveis: "o telefone eternamente sob escuta", "o ser perseguido pela PIDE, durante 15 dias, ao sair de casa", "o não se poder comprar revistas e jornais estrangeiros", "o não se poder ver filmes, e os que se viam serem cortados". Tudo isso. E ainda: "o não se poder sair para o estrangeiro sem uma autorização do Exército e com informação da PIDE. O sufoco de sair do País e quando regressava ser como um preso em liberdade condicional que regressava à cela".

Perante todas "estas coisas extraordinárias" que viu, só lhe resta iniciar um desfecho para o seu depoimento que represente o seu grau crescente de indignação: "Na verdade, o 25 de Abril, primeiro, foi a liberdade. Depois, a tentativa de a confiscar imediatamente!"

Coisas que começou a escrever num diário que deixou a meio.





### **MIGUEL VEIGA, 37 anos** advogado

No dia 25 de Abril, o grande advogado social-democrata e humanista estava no "deprimente Outono marcelista" e, especialmente falando, encontrava-se no seu "poleiro na Av. Brasil, no Porto", ou seja, em sua casa. Miguel Veiga preparava-se para um julgamento em Vila Nova de Gaia quando foi surpreendido por um comunicado que "era um texto equívoco" e que o levou a pensar que "as coisas iam mudar para pior".

Interpretou aquelas palavras a medo, em conformidade com o seu estado de alma. Para Miguel Veiga, estaria em curso, provavelmente, uma "reação de direita ainda mais radical, ainda mais coercitiva das liberdades individuais e colectivas". Pensou: "Isto vai de mal a pior! Onde é que vamos parar?!" Telefonou ao pai e disse: "Pai, estamos tramados!" O pai disse-lhe: "Estamos tramados, porquê? Vai calmamente para o julgamento. Depois falamos..."

Miguel Veiga seguiu o conselho do pai. No carro, ia sentindo uma euforia crescente por se aperceber de "um comunicado cada vez mais explícito", na telefonia. O mais estranho foi o trajecto de solidão absoluta em direcção ao tribunal de Gaia. Nem um carro! O que se passaria? Pensava: "Isto deve haver bernarda!"

Dirigiu-se ao gabinete do juiz falando da sua perplexidade e o juiz disse:

replicou:

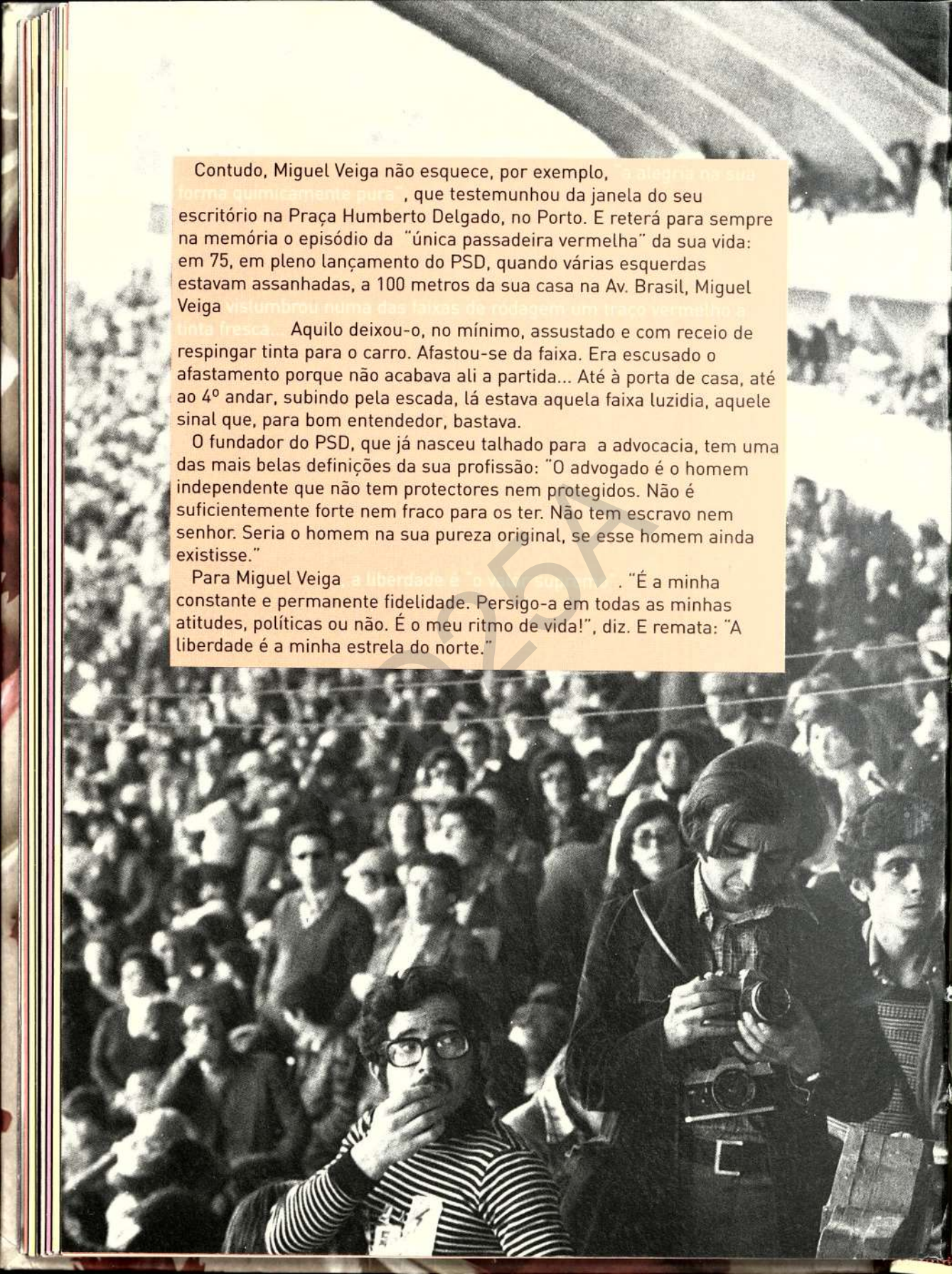
E o juiz respondeu:

Miguel Veiga não ficou totalmente satisfeito com a resposta e rumou à casa do pai onde havia uma garrafa de champanhe.

Nos dias que se seguiram "trabalhei pouco, os clientes desapareceram...".

E o Porto? "O clima no Norte era muito menos revolucionário, não havia o bulício militar, nem de rua, que se via em Lisboa. O Porto é o barco que nunca partiu. Lisboa é a cidade de Ulisses, a cidade viajadora... O Porto é mais ensimesmado, discreto, contido, reservado. Não gosta do aparato. Não se espaventa, nem se deslumbra com facilidade."





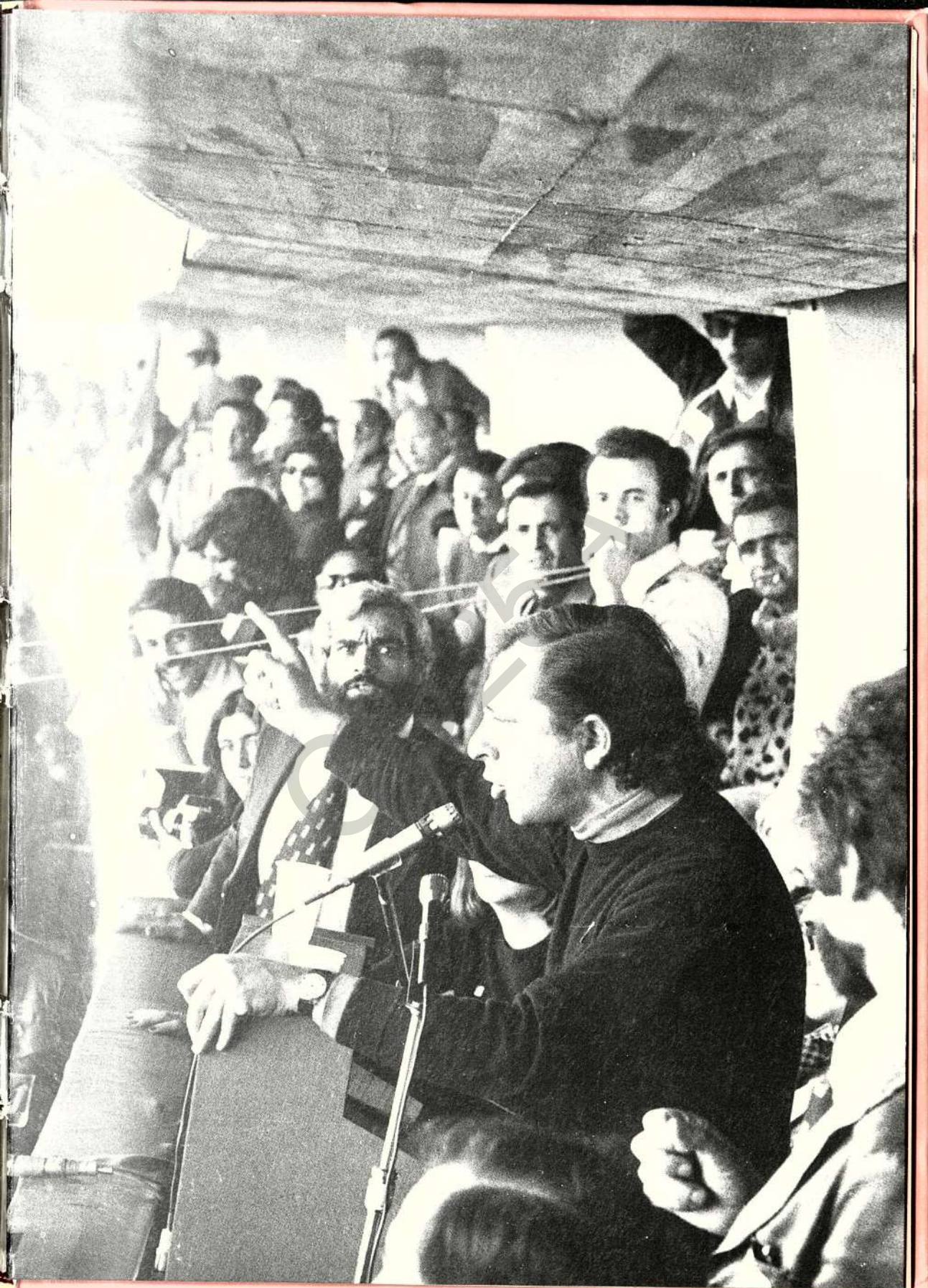
Contudo, Miguel Veiga não esquece, por exemplo, *a liberdade* na sua forma quimicamente pura, que testemunhou da janela do seu escritório na Praça Humberto Delgado, no Porto. E reterá para sempre na memória o episódio da "única passeadeira vermelha" da sua vida: em 75, em pleno lançamento do PSD, quando várias esquerdas estavam assanhadas, a 100 metros da sua casa na Av. Brasil, Miguel Veiga vislumbrou numa das faixas de rodagem um traco vermelho e

tinta fresca. Aquilo deixou-o, no mínimo, assustado e com receio de respingar tinta para o carro. Afastou-se da faixa. Era escusado o afastamento porque não acabava ali a partida... Até à porta de casa, até ao 4º andar, subindo pela escada, lá estava aquela faixa luzidia, aquele sinal que, para bom entendedor, bastava.

O fundador do PSD, que já nasceu talhado para a advocacia, tem uma das mais belas definições da sua profissão: "O advogado é o homem independente que não tem protectores nem protegidos. Não é suficientemente forte nem fraco para os ter. Não tem escravo nem senhor. Seria o homem na sua pureza original, se esse homem ainda existisse."

Para Miguel Veiga a liberdade é "o meu ritmo". "É a minha constante e permanente fidelidade. Persigo-a em todas as minhas atitudes, políticas ou não. É o meu ritmo de vida!", diz. E remata: "A liberdade é a minha estrela do norte."





## Muitos feridos em manifestações

PORTO – À tarde, o movimento no centro da cidade começou a intensificar-se espectacularmente, especialmente na Avenida dos Aliados, onde às 17 e 20, surgiu um capitão do Exército acompanhado de 7 militares, que deu ordem ao guarda da P.S.P., ali em serviço, para se retirar, dizendo: «Isto não é nada com vocês.»

O povo tomou o partido dos militares e os agentes da P. S. P. tiveram de retirar, em corrida, perseguidos à pedrada, por populares.

Alguns ficaram feridos e caíram junto da porta central da estação ferroviária de S. Bento.

O incidente provocou grande confusão.

Centenas de pessoas puseram-se em fuga sem saberem do que se tratava, mas receando o pior.

Os populares levaram, seguidamente, os militares em triunfo, alguns aos ombros durante dezenas de metros.

Tropas do Regimento de Caçadores de Viana do Castelo ocuparam o aeroporto de Pedras Rubras.

Na Via Norte, no desvio para as estradas de Braga e Viana do Castelo, soldados que mandavam parar os carros pediam a identificação dos condutores e passageiros e revisstavam as malas.

O Rádio Clube Português (Miramar) foi ocupado por soldados «rangers», de Lamego.

Em vários pontos registaram-se manifestações de jovens, com agressões à pedrada. Também se ouviam tiros.

No Hospital de Santo António receberam tratamento, devido a essas manifestações:

Francisco Telmo Seabra do Amaral, de 18 anos, estudante, Rua Aníbal Cunha, 37, com uma bala numa perna; Aristides Meireles Aguiar, de 13, Rua 9 de Abril, da Obra do Padre Gil, com um tiro na face; Augusto Afonso Pinheiro, de 39, ajudante de motorista, Marmeleiro (Guarda), com fractura exposta do úmero esquerdo; António Francisco Fernandes Moutinho, de 32, padeiro, Rua do Monte do Arco, 51; Isaura Pereira de Almeida, de 66, Rua Faria Guimarães, com um tiro na perna esquerda; Fernando Jesus Trigo, de 14, Alameda do Cedro, Gaia; José Maria Silva Azevedo, de 16, empregado de mesa, e António José de Sousa, de 25, casado, empregado comercial, Rua da Bouça, 99, Porto, com ferida perfurante do tórax, por ter sido atingido com um tiro. Estado grave.

Ficaram, também, feridos os seguintes agentes da autoridade: Ilídio Queirós Mota, de 42 anos, comissário da P. S. P., com ferida na cabeça; Serafim Ribeiro Pinto, de 34, Rua General Torres, 119, Santa Marinha (Gaia); Joaquim Pinto, de 52, Calçada da Corticeira; Adelino Freitas Ribeiro, de 39, casado, Rua das Oliveiras, 129, Rio Tinto (Gondomar), todos guardas da mesma corporação; Augusto Martins Lobo, de 40, casado, 1.º subchefe da P. S. P., Rua Central de Francos, 89, Porto, e, ainda, os civis José Luís de Almeida, de 18, técnico dos telefones, Rua da Ranha, 10, e António Araújo de Jesus, de 19, Rua 9 de Abril, que ficou internado, por ter sido atingido por uma bala numa perna.

Ao fim da tarde, ao ter-se conhecimento da rendição do Governo, redobram as ma

nifestações no centro da cidade, por parte de centenas de pessoas, enquanto dezenas de automobilistas tocavam os seus «claxons» em sinal de regozijo.

#### Entusiasmo popular

A determinada altura, deixou de se ouvir o posto do Rádio Clube Português no comprimento de onda em que foi anunciado o comunicado, supondo-se inicialmente que se tratava de qualquer avaria técnica. Porém, tal ficou a dever-se ao facto de o engenheiro Manuel Vieira, da empresa fornecedora de energia do posto de Miramar, ter feito desaparecer a chave do seccionador e ter mandado o pessoal embora. Por essa razão, o posto deixou de se ouvir, tendo entrado em funcionamento ao fim da tarde.

A população do Porto aceitou disciplinadamente as instruções do Movimento das Forças Armadas, encerrando os estabelecimentos ao meio da tarde e dispensando o respectivo pessoal. Também os restaurantes, cafés e estabelecimentos de diversão nocturna e cinemas adoptaram a mesma medida.

Logo que se espalhou a notícia da rendição incondicional do ex-presidente do Conselho, a população, em face do acontecimento, encheu-se de entusiasmo, percorrendo em grupos as ruas da cidade, dando vivas a Portugal e às Forças Armadas.

Uma multidão de muitas centenas de pessoas afluía à Praça da República, onde está situado aquele quartel,

ovacionando as Forças Armadas. Esse entusiasmo redobrou no momento em que um oficial, da varanda do quartel, informou a multidão da rendição do Chefe do Governo. Os vivas às Forças Armadas e a Portugal prolongaram-se durante largo tempo.

Grupos de manifestantes estilhaçaram montras de estabelecimentos bancários e partiram vidros de várias repartições e do Município.

À noite, pouco antes das 22 horas, chegou à Praça da Liberdade, onde estacionou, uma coluna com tropas de vários regimentos que foi recebida pela multidão que abraçou e cumprimentou os soldados. Mais tarde, chegou nova coluna motorizada, esta com um maior número de viaturas e à frente da qual circulava um jipão com um oficial, o qual, munido de um megafone, instruía a população para se conservar calma e regressar às suas residências onde deveria manter-se para evitar quaisquer incidentes.

Enquanto isto se passava, outros grupos insurgiam-se contra as forças da D.G.S., ameaçando-as. As colunas militares circularam, durante largo tempo, pelas principais artérias da cidade, precedidas por automóveis particulares, cujos condutores faziam ouvir estridentemente «claxons» e buzinas, enquanto outros, especialmente jovens, tentavam saltar para as viaturas militares, a fim de abraçar os elementos do Exército.

Antes dos estabelecimentos encerrarem, a população esgotou todas as reservas dos supermercados, mercearias, etc., receando que as medidas preventivas demorassem e não se pudessem abastecer para o fim-de-semana. Já depois da meia-noite a cidade voltou à sua calma normal.

## **ODETE SANTOS, 32 anos** advogada

Como seria o palco da revolução encenado por Odete Santos? É peculiar mas simples: "Foices, enxadas, forquilhas, porque simbolizam a força do trabalho."

No dia 25 de Abril, Odete Santos levantou-se cedo, passou pelo escritório antes de se dirigir a um julgamento que se resolveu por acordo. Ao entrar no carro ouviu, no Rádio Clube Português, o final de um comunicado do MFA apelando à calma e relacionou-o com as questões ligadas à guerra colonial da Guiné.

Às 10 da manhã, encontrou um juiz alvoroçado que, aquando da formalização do processo de indemnização por parte de uma companhia de seguros ao cliente de Odete Santos na sequência de um acidente de viação, não conseguia parar de ouvir as notícias e lhe ia dando pistas. Odete Santos tinha ganho a causa e continuava na incerteza. Para ela, tratava-se de um movimento de direita.

A meio da tarde, já tinha certezas. Participou, desde logo, numa manifestação em Setúbal. À noite, "o Fialho Gouveia em mangas de camisa, todo satisfeito e descontraído", prendia-a à televisão.

Na "cidade vermelha", a revolução tinha chegado para continuar. Havia uma sensação de ebulição no espaço sem direcção determinada. Lembra-se, por exemplo, de os seus colegas da vereação lhe terem contado que, um dia, quando ela saía para ir jantar, um conjunto de pessoas que viviam nas barracas ocuparam a Câmara, entre elas uma rapariga que dizia insistentemente a palavra "burguesia" mas queria uma casa toda alcatifada... Lembra-se de uma manifestação, na Praça do Bocage, de construtores civis que numa meia dúzia de carros



transportavam os seus trabalhadores para darem a entender que se tratava de uma manifestação popular. Odete Santos resolveu rapidamente o equívoco colocando o seu carro entre duas camionetas e quebrando, assim, a fila.

Os tempos eram de conturbação assumida e a "cidade vermelha", decomposta nas diferentes cores garridas que a constituíam, dava sinal disso. Recorda-se, ainda, de uma história que considera mais ou menos infeliz. A propósito de um pedido, por parte da comissão administrativa da Câmara de Setúbal, de transferência do feriado municipal do dia de Santiago para o dia do Bocage, um ministro do Governo Provisório, alta autoridade para o combate à corrupção, de cujo nome não se recorda, disse que "o Bocage não era assim tão significativo"... E como o Governo é que marcava os feriados municipais, nada feito. Mais tarde a lei foi revogada e fez-se justiça ao Bocage!

No 1º de Maio é que foi. Ocorreu a explosão maior. A Praça do Cais encheu completamente, transbordaram todos os percursos até às Fontainhas. No ar, fervilhavam vozes e frequências, o ruído era ensurdecedor.

No 25 de Novembro, em contraste, havia aquele silêncio típico das armas que se preparam para disparar. Aquele silêncio dos estados de sítio e de emergência... Numa das salas da Câmara, o Comité de Luta, que era formado por comissões de moradores e trabalhadores de sinal esquerdista, estava reunido para ficar. Havia que tomar medidas. Odete Santos tomou as suas. Disse-lhes muito prontamente que Setúbal estava ocupada por chaimites vindas do Alentejo. Desapareceram todos!

Em Setúbal, cidade vermelha para uns, menos para outros, havia aquela magia alquímica da "subversão de um caminho, da apropriação das estruturas num caminho diferente".

Mas, nos tempos que correm, "na Assembleia da República está apenas gizada uma aparência de democracia". Odete Santos pensa que o 25 de Abril "não se soube defender das consequências de uma nova classe exploradora".

Mesmo assim, para a deputada do PCP, o Parlamento não deixa de ser uma arma que continua a construir lá fora uma revolução: "Nos debates parlamentares é fácil descortinar duas ideias em luta: uma que vem no seguimento de regras instituídas (a linha conservadora) e que pretende a manutenção da classe exploradora; a outra (mais audaz) é a linha da subversão do estabelecido. Esta é a linha revolucionária!"

# O AEROPORTO DE LISBOA REGRESSA À NORMALIDADE

- JÁ ONTEM HOUVE MOVIMENTO DE AVIÕES DA TAP
- ELEMENTOS DA BASE AÉREA I CONTROLAM AS ENTRADAS
- PREVISTA RIGOROSA INSPECÇÃO A TODA A BAGAGEM

Um grupo de pe Afurada (Gaia) di tem, ao jardim fron dos Pescadores e, um busto do cont Henrique Tenreiro para a marginal. E mento, esses mesm colocaram uma bóia do «contra-almiran ram o busto ao rio

Agora, devido à bóia, presa em ten corda, no meio do se vê a cabeça a t

O insólito tem a curiosidade dos p. passam nas duas

## DIA A DIA

### Comemoração que acabou mal

Carlos Manuel das Neves, de 39 anos, e Joaquim Paulo Falcão, de 16, penetraram, durante a madrugada de ontem, num estabelecimento do Parque Mayer, a fim de «festejar a vitória do movimento militar». Comeram e beberam até ficarem em tal estado que foram encontrados ali inconscientes.

Uma ambulância dos Serviços de Emergência da P. S. P. transportou-os para o Hospital de S. José, onde o primeiro ficou

### Da Banca ao banco de jardim

Os grandes nomes Banca também desfila na tarde de ontem, pelo lácio da presidência: pertino de Miranda, J de Melo, José Manuel Melo e Jorge de Brito.

A contrastar, um gr de moradores de barra na área de Carnide, lev do consigo os filhos de ra idade, foi ao encontro Junta de Salvação Na nal para pedir casas:

— Receberam-nos mu bem e disseram-nos para mos agora à Câmara — o se-nos uma das morador após ter sido atendida.

— Nós vivemos em b racas, e eu tenho sete lhos. Agora a Câmara

## ALGES, NA

JUDANTES — 3.900\$00/mês

ERVENTES — 3.750\$00/mês

RATICANTES — 3.450\$00/mês

PRENDIZES — 2.190\$00 a 3.000\$00/mês

— Revisões de ordenado ao fim de 2 meses de  
— Semana de 5 dias.  
— 13.º mês, etc.

# O TERCEIRO DIA

A moderação dos animos e a concentração de todos os recursos individuais e colectivos na caminhada que o País iniciou na madrugada de 25 foram as coordenadas do apelo ontem dirigido pelo presiden-

e significativamente, representantes de diversos sectores politico e diálogo a firmeza e minuíram

## CASA AFRICANA SEMANA DAS 44 HORAS

INFORMA OS SEUS EX.<sup>mos</sup> CLIENTES QUE, A PARTIR DE HOJE, DIA 27, ATÉ AO ÚLTIMO SÁBADO DE SETEMBRO INCLUSIVE PASSA A ENCERRAR OS SEUS ESTABELECIMENTOS, AOS SÁBADOS, ÀS 13 HORAS.

NOS MESES DE OUTUBRO A JANEIRO, ENCERRAREMOS À SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ, REABRINDO ÀS 15 HORAS.

## COMUNICADO

JOÃO MARTINS SIMÕES, o conhecido «JOÃO PADEIRO», proprietário de dois célebres restaurantes de Cascais, vem por este meio desmentir a notícia posta a circular, segundo a qual teria sido preso por «ser um conhecido informador da «PIDE».

João Martins Simões nunca esteve preso, jamais pertenceu a qualquer facção política e nunca prestou quaisquer serviços informativos ou de carácter político-social.

Cascais, 29 de Abril de 1974.

a) João Martins Simões

## MORREU

o assaltante do bar do Parque Mayer

Faleceu no Hospital de São José, para onde entrara antontem, como noticiámos, Carlos Manuel Neves, de 39 anos, cuja moradia se ignora, o qual assaltara um estabelecimento, no Parque Mayer, onde ingeriu bebidas alcoólicas em demasia

## Preso ao tentar uma fuga de divisas

Na fronteira de Vilar Formoso, registou-se, ontem, o primeiro caso de tentativa de desvio de capitais para o estrangeiro, desde o dia 25.

O facto foi divulgado no decurso da reunião da Junta de Salvação Nacional com os directores dos órgãos de Informação.

O individuo que se propunha sair do País com 72 mil francos franceses (cerca de 350 contos) acabou por ser preso pelas autoridades fronteiriças. Trata-se de Jeremias Lopes de Carvalho.

A propósito, a Junta de Salvação Nacional fez saber que qualquer tentativa de desvio de divisas será seve-

## DESMENTIDO

António da Costa (Benfica), residente na Baixa da Banheira, Rua do Ribatejo, 4, 1.º Esq., vem por este meio desmentir boato posto a circular que era elemento da extinta DGS ou informador.

Baixa da Banheira, 30 de Abril de 1974.

a) António da Costa

# LUANDA

## PAULA TEIXEIRA DA CRUZ, 13 anos

4º ano do liceu

Uma luz muito forte nas proteias e rosas de porcelana iniciou o dia da revolução de “uma menina que escrevia poesia e tinha como preocupação fundamental a lógica distributiva dos impostos”.

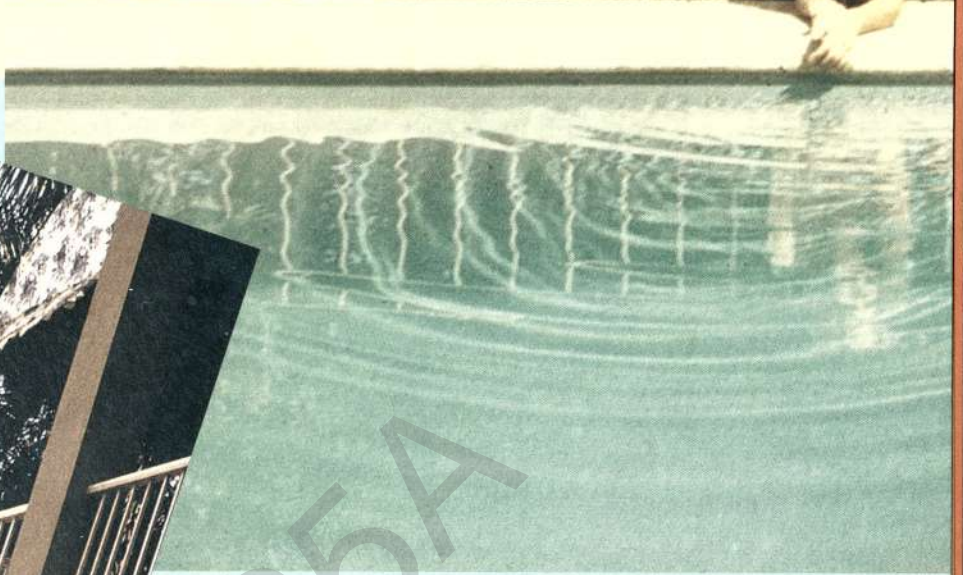
No dia 25 de Abril de 1974, as aulas terminaram mais cedo no Liceu D. Guiomar de Lencastre, em Angola.

“No meio de abacates, mangas, moambas e calulus a rebentar numa baía aberta e de avassaladoras temperaturas”, a menina de 13 anos decidiu, a partir desse dia, “não usar mais a bata branca” porque era livre e só queria romper a prudência e “aventurar-se em ruas e sanzalas”. Depois do 1º de Maio, devido a estes seus ímpetos, sofreu “um castigo merecido de confinamento ao quarto por ter, durante esse dia todo, desaparecido”.

A promitente advogada, que “também gostava muito de medicina”, era imparável no seu desejo de mudar o mundo. Por isso, “era insuportável para muitos”. Era aquela rapariga que recorda com o mesmo carinho “a professora Berta Lopes Vieira”, que lhe concedia temas para escrever a palavra liberdade, e “uma alma única em Luanda, apesar dos esgotos, apesar das crianças de rua num local de socorro, apesar da aglomeração de mil dramas”. E repete a todos que a queiram ouvir, no tribunal ou fora dele: “No dia 26, havia aquela sensação de liberdade bergsoniana tão forte que defini-la é matá-la.”

E repete a todos, na sua vida actual de defensora de causas, a causa principal: a causa da liberdade. Porque para ela “os capitães de Abril eram homens de muita personalidade e intenções diferentes, e isso não faz da natureza humana nem boa nem má. Atribui-lhe apenas aquele valor de coisa feita à medida da realidade que existe”. Neste objectivismo, quando lhe perguntam “Do you like the human race?”, responde “Not much”. Porque é “céptica em todas as situações que partem o coração”.





## **PEDRO AYRES MAGALHÃES, 14 anos** 5º ano do liceu

No ano da revolução, Pedro Ayres Magalhães frequentava o Colégio Militar em Lisboa. Tinha 14 anos quando, de uma janela que dava para o Largo da Luz, viu uma entrada súbita de muitos carros militares. Achou estranho... Mesmo assim, o colégio prosseguiu com as aulas, sem alteração. À noite, voltaram a entrar muitos soldados que foram jantar ao refeitório e, mais uma vez, os alunos internos não perceberam o que se passava.

No dia seguinte, o general Spínola, ex-aluno do colégio, comandando uma coluna de soldados e acompanhado de muitos tanques e carros de combate, parou em frente do edifício e acenou à janela dos alunos da turma do 5º A (turma do Pedro Ayres) que, com o entusiasmo, partiram um vidro...

Pedro Ayres Magalhães lembra-se, muitas vezes, da tenacidade dos dias de Abril e prossegue viagem para além de um povo que "enferma de uma insegurança expressiva e que não reconhece a necessidade de colectivamente encontrar um caminho. Os homens de Abril foram homens livres no momento em que afirmaram uma atitude que foi sua. No entanto, a liberdade obriga à criação de um espaço de livre-arbítrio, no respeito da evolução geral de todos os conhecimentos e à aceitação de responsabilidade."



Sim, foi assim que a minha mão  
Surgiu de entre o silêncio obscuro  
E com cuidado guardou lugar  
À flor da Primavera e a tudo

Manhã de Abril  
E um gesto puro  
Coincidiu com a multidão  
Que tudo esperava e descobriu  
Que a razão de um povo inteiro  
Leva tempo a construir

Ficámos nós  
Só a pensar  
Se o gesto fora bem seguro

Ficámos nós  
A hesitar  
Por entre as brumas do futuro

A outra acção prudente  
Que termo dava  
A solidão da gente  
Que desesperava  
Na calada e fria noite  
De uma terra inconsolável

Adormeci  
Com a sensação  
Que tínhamos mudado o mundo  
Na madrugada  
A multidão  
Gritava os sonhos mais profundos

Mas além disso  
Um outro breve início  
Deixou palavras de ordem  
Nos muros da cidade  
Quebrando as leis do medo  
Foi mostrando os caminhos  
E a cada um a voz  
Que a cada voz era  
A sua voz  
A sua voz.

### **PEDRO SANTANA LOPES, 17 anos** 1º ano de Direito

Pedro Santana Lopes é um obstinado pela liberdade, na melhor acepção do termo.

No dia em que aquela mistura de "mesquinha e vil tristeza" se tornou liberdade real, Pedro Santana Lopes estava a dois meses de atingir a maioridade e frequentava o 1º ano da Faculdade de Direito de Lisboa. Foi acordado pelo pai (com quem falava muito sobre política) que lhe disse: "Há um golpe de Estado, os militares estão na rua." Ainda deitado, perguntou: "São do Spínola ou do Kaúlza?" Kaúlza que viria a ser seu sogro mais tarde pelas mudanças súbitas que toda a sua vida lhe tem reservado.



Nesse dia, a família ficou em casa a ouvir as notícias. O pai, que nunca tinha simpatizado com Salazar, ainda assim "votava no Prof. Marcello Caetano, riscando os ultras". À tarde, não resistindo, deslocaram-se até Moscavide para assistir, de perto, à concentração de populares. No 1º de Maio, Pedro Santana Lopes resguardou-se das peripécias e de todas as manifestações. Havia em si um misto de incerteza e alegria por um rumo ondulando para partes ainda incertas.

Lembra-se de o pai de um dos seus grandes amigos, que era o secretário-geral da Acção Nacional Popular, morar perto de si. Lembra-se da simpatia que tinha pelo general Spínola.

Como aconteceu quase por toda a parte, na sua universidade "instalou-se o caos": "reuniões a toda a hora", "acabar por se passar o 1.º ano com cadeiras em que a avaliação era apenas de *apto* e *não apto*". A crescer a tudo isto, "aquela sensação de que não se iria fazer nada". O fim das listas de presença. Muitas aulas inexistentes, "O incentivo à indolência". "Grande parte do tempo no café Roma" ou em "reuniões no Hospital de Santa Maria e na Faculdade de Letras" e, por fim, a sua eleição para presidente da Associação Académica.

Em 1974, lembra-se de "o nosso actual primeiro-ministro ter cabelos compridos, até meio das costas, e liderar o MRPP – a febre marxista-leninista". Depois, o que mais marcou negativamente o jovem já ciente das suas ambições de "melhorar o País onde vivia", de fazer algo, foi "assistir a jovens docentes escorraçados como fascistas pelas portas da Faculdade".

O bom e mais vital deste tempo de mudança? "O fim daqueles vigilantes – os *gorilas*", como o "King Kong". Antes do 25 de Abril, havia muitos *gorilas* que garantiam o medo pelos corredores assolados de terror e desconfiança. Por pouco Pedro Santana Lopes não foi apanhado e levado pelo chão, arrastado pelos cabelos, como aconteceu a alguns colegas seus.

Era assim: "lutas greco-romanas", aquela "perseguição a pessoas que não tinham feito nada a não ser fazerem as suas vidas normais".

Estas imagens não impedem, no entanto, Pedro Santana Lopes de encontrar a proposta mais aliciante: "o começar a questionar a liberdade".

A conservação da esperança de "fazer sempre o que tem feito – fazer política". Assim é o presidente da Câmara de Lisboa, para quem "liberdade é a natureza das coisas. O bem mais importante a seguir à saúde".

Falamos de alguém que, em todos os momentos, de forma assumida e apaixonada, faz da "presidência da Câmara de Lisboa um acto revolucionário, pela ousadia, pelo rompimento com o instalado". Alguém que, antes de mais, é o "servidor de uma revolução: a que é preciso fazer em Lisboa."

## O M.P.M. DÁ OS PRIMEIROS PASSOS

# MULHER E HOMEM COM DIREITOS IGUAIS

O M. P. M. teve a sua primeira reunião-colóquio. M. P. M. significa Movimento de Promoção da Mulher. Ele nada tem a ver com o Movimento de Libertação da Mulher. E as diferenças entre os dois não são subtis. Cada um tem o seu caminho, o seu programa e a mulher como principal motor. Mas o M. P. M. distingue-se do M. L. P. por abrir as suas portas também aos homens e às crianças.

Texto de PINTO GARCIA/Fotos de HENRIQUE MOREIRA

**A** exposição de Fina d'Armada começou a levantar perguntas. A plateia, onde as mulheres dominavam em 90 por cento, começou a participar, com entusiasmo. A esclarecer dúvidas. Mesmo a acusar o homem, sem piedade, como: "Tudo que existe é uma apologia do homem". "A mulher desde que nasce é manietada pela sociedade, que lhe enfia logo bonecas nas mãos, enquanto oferece carinhos aos meninos" ou "A guerra é desencadeada pelo homem". Mas a Comissão Trabalhadora Provisória do Movimento de Promoção da Mulher demonstrou claramente, em todas as suas intervenções, que não estava ali para atacar o homem, que pretendia acima de tudo uma existência pacífica, uma participação de homens, mulheres e mesmo de crianças, como provava com a presença dos três grupos na mesa principal e na plateia. Uma jovem, porém, insistia em não acreditar no êxito de um tal movimento: "Acho isso muito difícil, pois tudo tem sido feito para o homem..."

*O nosso movimento não é de libertação. É de participação. Somos superiores ao homem*

*num campo, ele é outro, por isso nos equilibramos. Este movimento é de promoção da mulher. Temos de modificar a sociedade, mas só vemos para isso o caminho do ensino. E temos de possuir confiança no homem, pois há muitos que defendem a igualdade de direitos. Acho que tudo o existente é produto da orientação da instrução. Os pais dão ao filho um curso, quando podem, mas pensam que as filhas podem ficar em casa. Isto não está certo.*

O princípio fundamental do Movimento de Promoção da Mulher é a defesa de uma sociedade igualitária, considerando que antes de se tentar unir classes, povos e raças é necessário primeiramente unir homens e mulheres. Este princípio fundamental assenta nos princípios teóricos de igualdade, fraternidade, respeito pela natureza biológica e instrução gratuita. Este princípio fundamental é a síntese dos princípios gerais do M.P.M., que são meia dúzia, assim ordenados: 1. Igualdade de direitos (o que implica a extinção do chefe de família), de deveres, de salários e oportunidades profissionais e de acesso entre mulheres e homens;



2. Remuneração para todo o tipo de trabalho, como tarefas domésticas e criação dos filhos; 3. Protecção à mãe na gravidez, parto e no trabalho; 4. Protecção à infância, à velhice, aos deficientes físicos e sensoriais; 5. Defesa da natureza, do planeamento familiar e combate a todo o tipo de guerra a nível mundial. Enquanto esta não for extinta, defende-se igualmente a participação da mulher; 6. Revolução cultural: a) reforma de vários termos da língua; b) Defesa da investigação com prioridade para a científica e arqueológica; c) Combate ao ensino de erros nas escolas ministrados com objectivos políticos e religiosos; d) Abolição de disciplinas que encaminham a rapariga para o patriarcado; e) Reforma do conteúdo do ensino. Defende-se a sua estrutura nas mais recentes descobertas e não com base nas culturas judaico-gregas-romanas de manifesta tendência patriarcal; f) Oficialização da Psicologia; g) Obrigatoriedade da Psi-

Fina D'Armada e o marido, o pintor Claro Fungio, encabeçam o Movimento de Promoção da Mulher, que defende uma sociedade igualitária. EM BAIXO — Aberto a homens e mulheres, considerando "que antes de se unir classes, povos e raças é necessário primeiramente unir homens e mulheres", o M.P.M. teve na sua primeira reunião pública o diálogo aberto entre os dois sexos. O Movimento de Promoção da Mulher é político-cultural e permite a participação de mulheres, homens e crianças.

cológia e Orientação Profissional nas escolas, tendo em conta as exigências e disponibilidades do País; h) Combate ao analfabetismo e ao não esclarecimento; i) Defesa da coeducação com professores de ambos os sexos.

O Movimento de Promoção da Mulher, o M.P.M., dá no Porto os seus primeiros passos. O contacto inicial da Comissão Provisória com o público não desencorajou os promotores do movimento, que já começaram a

# ABORTO A HIPOCRISIA DA CLANDESTINIDADE

Texto de REGINA LOURO/Fotos (c) CAMERA PRESS/A.D.S./FLAMA

"Aborto provocado? Não, isso não é mal que exista entre nós. Lá longe, na libertina Escandinávia ou na comunista Rússia, aí sim, é um perigo muito sério para a moral. Mas isso é lá com eles... Os Portugueses são diferentes, cumprem as leis de Deus: os homens aceitam como uma dívida Sua cada filho a que as relações sexuais dão origem e as mulheres estão conscientes de que a sua principal e sagrada missão é darem novos seres ao mundo, no seio da legítima família. É verdade que às vezes lá aparece uma falha ou outra, mas são casos tão raros que nem vale a pena tomá-los em consideração. Tanto mais que para evitar tentações futuras lá está o Código

Penal e os tribunais, punindo severa e exemplarmente os que se atrevem a violar as leis de Deus e do Estado..."

Esta é a atitude dos poderes públicos em Portugal sobre o aborto. Mas, por detrás destes únicos argumentos, levanta-se a crueza gritante dos factos: muitos milhares de abortos são praticados todos os anos, em condições que põem em perigo a vida, a saúde e a liberdade das mulheres. A partir daqui, pode perguntar-se onde reside o verdadeiro crime: no acto que a lei manda punir como tal, ou na passividade e na hipocrisia que permitem e forçam que ele seja praticado com todos os riscos?



A repressão legal não contribui para a profilaxia do aborto. O exemplo mais flagrante é dado pelo Reino Unido, onde o aborto foi legalizado em 1967. Calculados entre 80 a 100 mil os abortos clandestinos anuais, passaram para 23641, nos oito meses seguintes à publicação da lei, nestes se incluindo os que foram praticados por mulheres residentes noutros países que ali vão.

operação não o preço de 1500\$00 mas o de 10 contos ou de 600\$00. Poderia ter-se exemplificado não com um primeiro mas com um trigésimo aborto. Poderia ter-se referido não o sentimento de solidão e de indefesa, mas a consciência do pecado, o receio da repressão familiar ou mais simplesmente a dor física de um parto sem anestesia. Poderia ter-se invocado não razões económicas, mas a defesa do direito a dispor do próprio corpo ou de evitar a morte. Poderia ter-se descrito não um aborto provocado por "colher", mas por sonda ou com uma agulha de "crochet". Poderia ter-se escolhido não uma intervenção sem consequências, mas um caso que terminou com uma infecção ou uma perfuração de intestinos.

Todas estas "histórias" estão ainda por contar. Reguem-se ao conhecimento privado e secreto de cada uma das mulheres que nelas intervêm: afloram em números nas estatísticas incompletas de alguns hospitais; reduzem-se em algumas páginas de processos judiciais; revelam-se nos consultórios dos psiquiatras e nos confessionários; gritam-se apenas por dentro dos muros das cadeias; e ocultam-se vergonhosamente e hipocritamente da consciência de oito milhões de portugueses, mais de metade dos quais são mulheres, de que a maioria já fez ou virá a fazer, com toda a probabilidade, abortos ilegais.

A menos que o assunto passe de tabu a problema de importância política, e que se adoptem finalmente os meios, não de o ocultar, mas de o evitar.

## UMA LEI CONTRA A VIDA

O carácter criminal do aborto está consagrado no Código Penal que, como se sabe, faz parte do sistema jurídico fascista a que os Portugueses ainda estão sujeitos.

Diz o seu artigo 358:

"Aquele que, de propósito, fizer abortar uma mulher pejada, empregando para este fim violências ou bebidas, ou medicamentos, ou qualquer outro meio, se o crime for cometido sem consentimento da mulher, será condenado na pena de prisão maior de dois a oito anos.

1 - Se for cometido o crime com consentimento da mulher, será punido com a pena de dois a oito anos de prisão maior.

2 - Será punida com a mesma pena a mulher que consentir e fizer uso dos meios administrados, ou que voluntariamente procurar o aborto a si mesma, seguindo-se efectivamente o mesmo aborto.

3 - Se, porém, no caso do parágrafo antecedente, a mulher cometer o crime para ocultar a sua desonra, a pena será a de prisão.

# VANCOUVER

**SÉRGIO GODINHO, 28 anos**  
músico e compositor

Foi a revolução do 25 de Abril que fez Sérgio Godinho “trocar o oceano Pacífico pelo oceano Atlântico”.

Uma revolução é como um grande amor. Há aquele momento em que sentimos que temos de mudar totalmente um estado de coisas e “dar o nosso melhor a um país que pode melhorar no seu incalculável número de defeitos”.

Nos dias de Abril, no Canadá, em Vancouver, Sérgio Godinho colaborava com teatros, fazendo da música e da representação o seu estilo de vida, a sua forma de realização.

Perguntava-se : “Quantos discos meus estarão a ser vendidos em Portugal?”

Perguntava a si mesmo o sentido da “falta de consonância entre o seu sucesso musical, em Portugal, e a sua falta de confronto com essa realidade. A ligação directa entre o seu rosto e o público.

Nesses tempos canadianos, Sérgio Godinho “interpelava o conjunto de contrariedades de um país sem rumo, sem um percurso feliz”. Sabia de todas as contradições internas que havia no regime, no “advento de uma falsa Primavera”. Um avançar inseguro para novas soluções...

la seguindo tudo com um distanciamento físico, quando leu numa notícia pequena de um jornal que “a praça central de Lisboa tinha sido ocupada”. Presumiu que essa “praça central” fosse o Rossio, e o seu coração batia mais por uma informação cruzada veiculada por outros jornais.

Houve telefonemas. Houve insistências de amigos que o colocaram num novo rumo: o oceano onde tinha acontecido a revolução da sua vida. A “revolução charneira”, o começo de um novo país...

Os amigos diziam: “Vem cá! Não há problema de voltares a entrar e depois saíres.”

Foi a par do nascimento da primeira filha que Sérgio Godinho apostou novamente “num país de mudanças decepcionantes e outras positivas”.

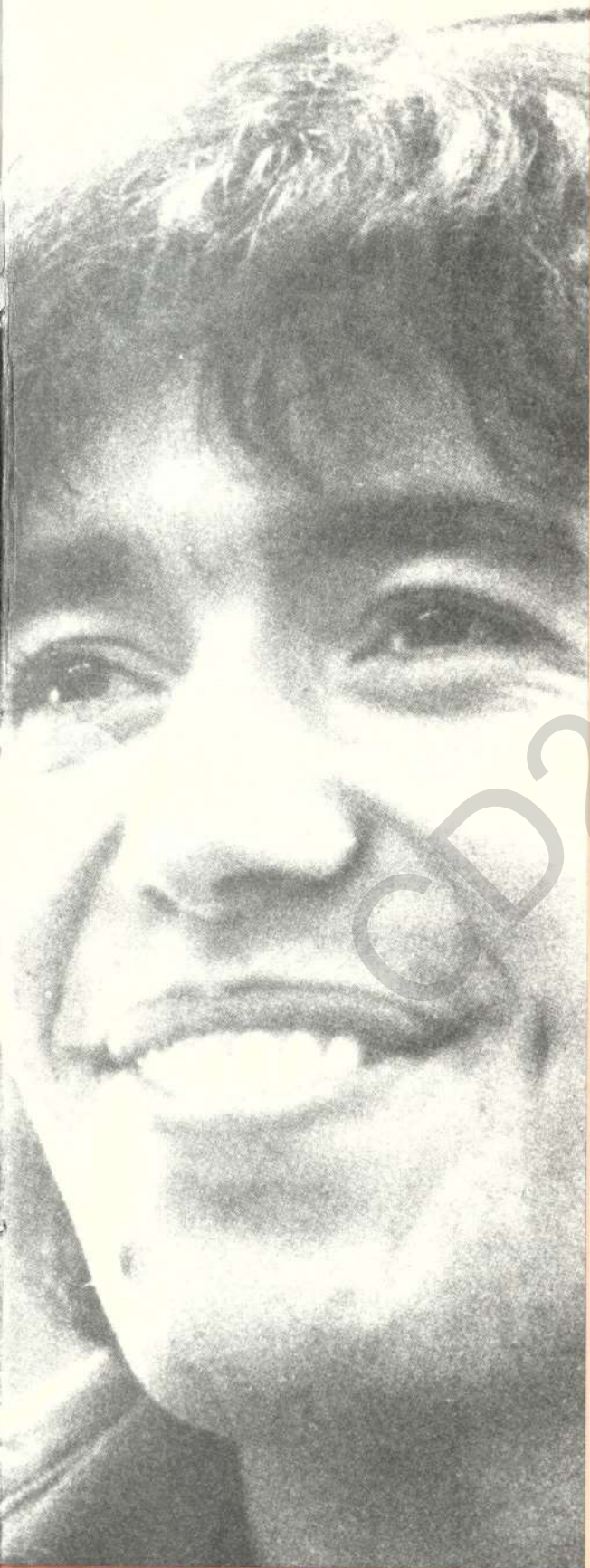
No Teatro Villaret, representou a peça “Liberdade, Liberdade”, que era uma colagem de textos sobre esse tema. No trabalho porta a porta, na precariedade do canto livre, no estar perto de associações de moradores, de trabalhadores, de grupos culturais e recreativos, Sérgio Godinho recriava a ebulição.

Como disse, “sem disparates não se avança”. E de todas as suas experiências sempre resultou “uma coisa formadora”.

É assim que Sérgio Godinho encara cada reviravolta. Cada reviravolta em direcção a si mesmo.

Sérgio Godinho nunca duvidou do papel da música na vida e na revolução.





Para ele, a lição de Manuel Bandeira ("Não me interessa o lirismo que não seja libertador") é totalmente válida. Lirismo? Não. "O lirismo não serve para nada, se não for libertador. Se não for libertador, o lirismo é uma borboleta que ao fim de um dia cai no chão e morre."

É preciso intervir, libertar verdadeiramente o conceito, não criar dogmas, escolas, "falsos gurus".

E a sua música é "uma interrogação do claro-escuro" da sua consciência. É diurna. É nocturna.

Cantigas livres, quando aterrou, os seus primeiros espectáculos no átrio da Faculdade de Direito, no Teatro S. Luiz, em "salas que tinham tantas pessoas no palco como na assistência" são recordações inabaláveis. São recordações como o seu sorriso pouco nostálgico e, também ele, libertador. Porque, como confessou, não é dado a nostalgias.

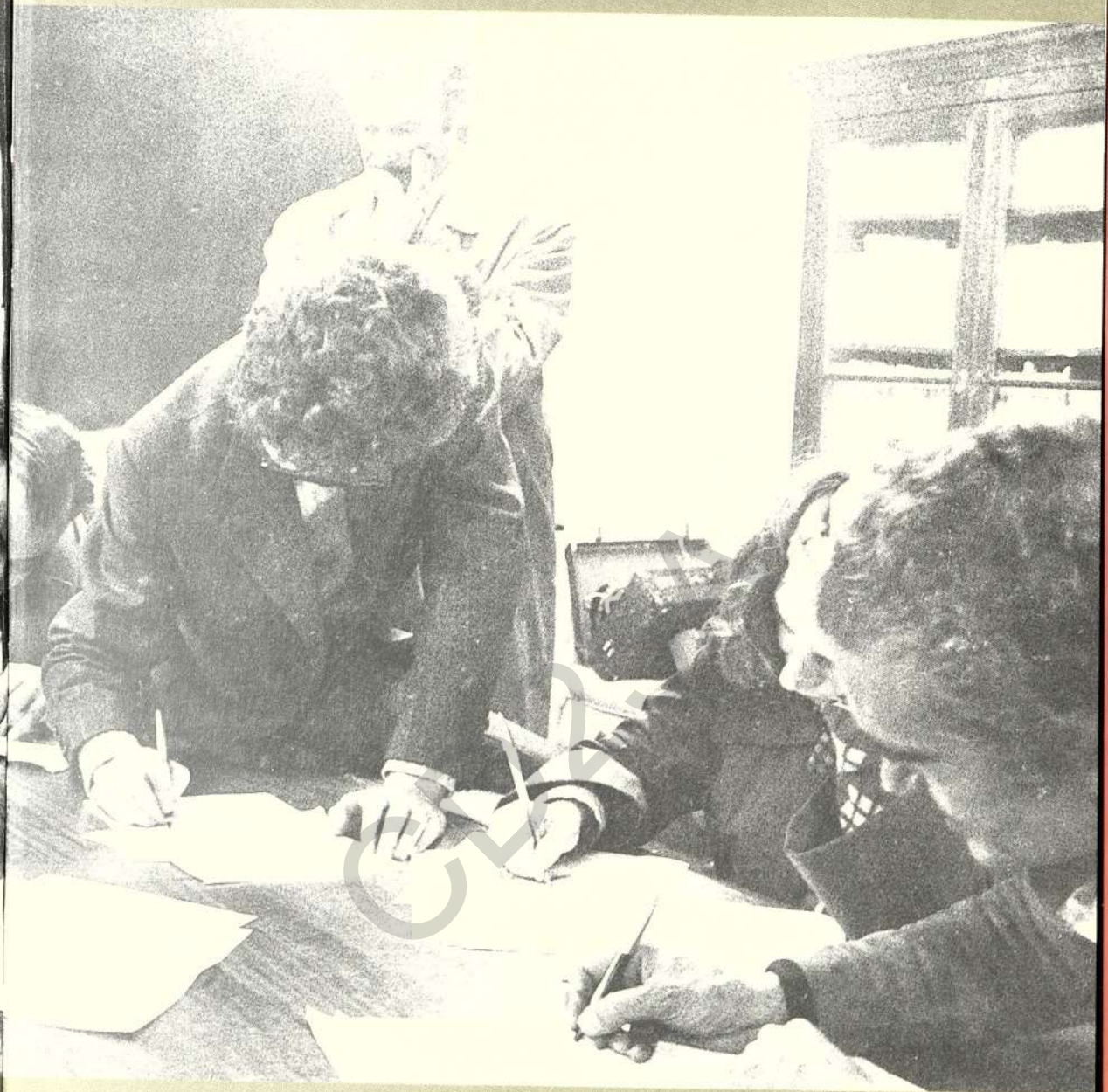
E ainda tem medo de dizer abertamente que regressou em definitivo ao seu país, ainda sente que a palavra "definitivo" não cabe na sua vida de viajante de sonhos em revoluções.

**VÍTOR ALVES, 38 anos  
militar**

"Sou um emocional que consegue que a razão contenha a emoção. A emoção extravasa até um certo ponto. Depois, a razão sobrepõe-se."

Segundo Vítor Alves, "ser militar no 25 de Abril e ser militar hoje é diferente. Hoje, ser militar é uma profissão como qualquer outra". Ser militar, na sua altura, era "fazer a integração nacional". E isto de missões impossíveis é com militares e também com ele que sempre as teve, ao longo da vida.

Desde bastante novo que o conceito de liberdade disse muito a Vítor Alves. Oriundo de uma família numerosa, tinha desde menino ímpetos de comandar os outros e a carreira militar era também "a possibilidade de



ser independente, abrindo caminho aos seus irmãos". Foi a guerra colonial que lhe espicçou este desejo de liberdade para si e para os outros.

A génese de uma revolução é mais complicada do que se pensa. Nasce de uma peregrinação interior e implica um conjunto de reuniões muito bem planeadas com propostas concretas e possibilidades delineadas.

Vítor Alves é um dos protagonistas do 25 de Abril, a par de Salgueiro Maia, Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Lourenço, Melo Antunes, Hugo dos Santos, Marques Júnior, entre outros. Para ele, a preparação de uma revolução é uma cronologia feita a régua e esquadro. Porque "é preciso



racionalidade para preparar uma revolução". É preciso anteceder perspectivas, num esforço de ultrapassar interesses individualistas já que "um militar não deve nunca ser um homem individualista".

Quando é que se tomou a decisão de fazer o 25 de Abril?

Foi a 24 de Março de 74.

E quando é que se escolheu um dia, o grande dia?

Foi a 20 de Abril de 74. E a escolha não foi totalmente arbitrária. Era conveniente que se fizesse o golpe a meio da semana... numa quinta-feira, mais precisamente.

Na primeira reunião, a 6 de Outubro de 73, e na sequência de uma lei que lesava os oficiais do Exército, foram lançadas quatro hipóteses de resposta para o caso de o Governo não retroceder: primeira, pedir colectivamente a demissão de oficial do Exército; segunda, ausência do serviço (greve); terceira, apresentar-se ao serviço mas não fazer nada (greve de braços caídos); quarta, a via da força.

A 9 de Outubro, houve uma reunião só de oficiais, a célebre "Reunião



dos Capitães”, em Évora, à qual se seguiu uma outra a 24 de Novembro, em S. Pedro do Estoril. A 1 de Dezembro, em Óbidos, havia mais três hipóteses que requeriam resposta: primeira, conquista do poder; segunda, eleições livres e referendo sobre o Ultramar; terceira, pressão sobre o Governo para se fazerem eleições. Ganhou a terceira.

A 5 de Dezembro, numa reunião na Costa da Caparica, é elaborado o primeiro rascunho do Programa do MFA. A 6 de Fevereiro de 74, coube ao coronel Marcelino Marques receber, em sua casa, o aglutinar de vontades para se fazer o ponto da situação, consolidando-se o Programa do MFA.

Mais uma reunião a 25 de Fevereiro. Outra depois do Golpe das Caldas, a 18 de Março, no café Londres, com a presença de Melo Antunes, que ia aperfeiçoando o programa que delineara. A 22 de Março, mais uma reunião que antecede uma outra a 24 de Março, onde fica completamente decidido o derrube do regime. A 20 de Abril, a versão final do programa está concluída e pensa-se na marcação do dia. No dia 25, tudo decorreu conforme o planeado. Vítor Alves tinha o dever de

conduzir os acontecimentos sem se expor. Ficou em casa, num primeiro momento. Por volta das 4/5 da manhã, recebe um telefonema do Estado-Maior. Por volta das 14 horas, ia "confirmando aquilo que já conhecia" ouvindo atentamente a rádio.

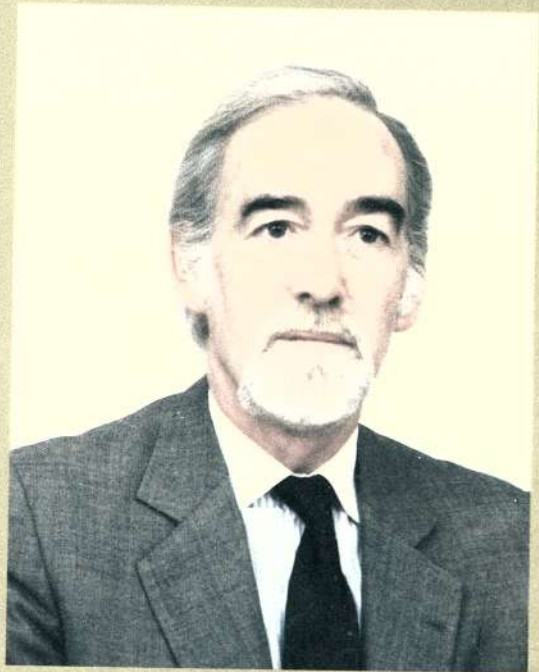
Às 15.00, era hora de embarcar. Teve oportunidade de ver um esquadrão, de Estremoz, que, por estar atrasado, ainda se encontrava a caminho do Largo do Carmo...

Chegou à Pontinha: o seu camarada Otelo estava exausto. Não tinha dormido a noite toda. Foi Vítor Alves que passou, então, a dirigir o posto de comando. Assistiu à chegada de ministros presos. E à entrada do general Spínola, que lhe perguntou: "Quem manda aqui?", ao que Vítor Alves respondeu, prontamente: "Aqui mandamos todos!" Porque os militares são seres humanos sem divisões e emotivos o quanto baste. Depois de seis anos de conflito militar, este homem prometeu aos seus soldados que "os levaria e os traria da guerra se cumprissem escrupulosamente as suas ordens". E por isso, no dia 25 de Abril, "havia um volume tão grande de tropas nas ruas que conseguiram paralisar o adversário, o inimigo, pela sua força actuante, sem sangue".

A missão de Vítor Alves foi o 25 de Abril. Mas também foi a guerra. Na verdade, são "duas faces da mesma moeda. A guerra foi a repressão contra a liberdade. O 25 de Abril foi a acção pró-liberdade."



CD25A



CD25A





25A

AGRADEÇO A TODOS OS QUE ME APOIARAM NA CONCEPÇÃO DESTES PROJECTOS, NOMEADAMENTE ÀS INDIVIDUALIDADES ENTREVISTADAS PELA PRESTAÇÃO DOS SEUS DEPOIMENTOS E CEDÊNCIA DE MATERIAL FOTOGRÁFICO QUE MUITO ENRIQUECEU ESTE LIVRO.

AGRADEÇO À FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, EM ESPECIAL AO DIRECTOR DR. ALFREDO CALDEIRA, A CEDÊNCIA DE ALGUMAS FOTOGRAFIAS. E AINDA À SRA. D. OSITA ELEUTÉRIO E À DRA. ADELAIDE CONDEÇO.

UM AGRADECIMENTO TAMBÉM PARA O APOIO DISPONÍVEL DO COMANDANTE ANTÓNIO HOMEM DE GOUVEIA, DO CORONEL ARMANDO RAMOS, DO DR. RUI CALAFATE, DO DR. VÍCTOR GONÇALVES, DO LUÍS ROBALO DE CAMPOS E DA DRA. ANA MARIA CAETANO. A BAPTISTA-BASTOS, CUJA FRASE DA SUA AUTORIA E QUE CONSTITUI O TÍTULO DESTES LIVROS — ONDE É QUE VOCÊ ESTAVA NO 25 DE ABRIL? — É, POR SI SÓ, UM TRATADO DE SOCIOLOGIA POLÍTICO-FILOSÓFICO APLICÁVEL À COMPREENSÃO MAIS FUNDA DESTA REVOLUÇÃO. NÃO ESQUECENDO TAMBÉM O SABEDOR PREFÁCIO QUE SERVE DE INTRÓITO A ESTES LIVROS, UM BEM-HAJA AO PREFÁCIO E AO AMIGO E PAI LITERÁRIO.

UM AGRADECIMENTO A TODA A EQUIPA DA OFICINA DO LIVRO, EM ESPECIAL À ALEXANDRA QUADROS PELO SEU CARINHO E RIGOR CIENTÍFICOS, À CRISTINA OVÍDIO PELO SEU INCANSÁVEL PROFISSIONALISMO, À ANA STILWELL, À CARLA MATIAS, AO MARCELO TEIXEIRA, AO VÍTOR QUELHAS E AOS EDITORES GONÇALO BULHOSA E ANTÓNIO LOBATO DE FARIA. AGRADECIMENTOS QUE SE ESTENDEM AO EXCELENTE TRABALHO DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA LEVADO A CABO PELA ADRIANA FREIRE.

POR FIM, UM AGRADECIMENTO INCONDICIONAL, COMO INCONDICIONAIS FORAM AS IMENSAS FORMAS DE APOIO PRESTADAS PELA CATARINA MELO ANTUNES — UMA FORÇA ESSENCIAL EM TODO ESTE TRAJECTO, ÀS VEZES DIFÍCIL, MAS MUITO COMPENSADOR.

MUITO OBRIGADA.

CD25A

#### FONTES JORNAIS ABRIL DE 1974

Páginas 16-17: *Diário de Lisboa*; Páginas 18 a 23 : *O Século*; Páginas 28-29: *FLAMA*; Páginas 32-33 : *Diário de Lisboa*; Páginas 40-41: *Magazine Sempre Fixe*; *A Capital*; *Diário de Notícias*; Páginas 44 a 47: *República*; Páginas 56-57 : *O Século*; Páginas 66-67: *República*; *Diário Popular*; Páginas 72-73: *O Século*; Páginas 76-77: *O Século*; *Magazine Sempre Fixe*; *República*; *FLAMA*; *A Capital*; *Diário de Notícias*; Páginas 84-85: *O Século*; Páginas 88-89: *FLAMA*; Páginas 94-95: *República*; Páginas 100-101: *República*; Páginas 106-107: *República*; *O Século*; *Diário de Notícias*; Páginas 116 a 119: *FLAMA*; Páginas 130-131: *O Século*; Páginas 134-135: *Diário de Lisboa*; *O Século*; *A Capital*; *Diário de Notícias*; Páginas 142-143: *FLAMA*

#### Créditos Fotografias Peseonalidades

Diogo Freitas do Amaral – Rui Ochôa; Eunice Muñoz – Arquivo Fotográfico Câmara Municipal de Lisboa; João Soares – Arquivo Diário de Notícias; Marcelo Rebelo de Sousa – Arquivo Diário de Notícias; Maria João Seixas – Arquivo Diário de Notícias; Odete Santos – Arquivo Diário de Notícias; Pedro Santana Lopes – José Maurício / Arquivo Diário de Notícias; Sérgio Godinho – Nádia Feres Vilela

Restantes fotografias gentilmente cedidas pelos entrevistados.

CD25A



CD25A

CD25A



ADELINO GOMES  
ADRIANO MOREIRA  
ANA MARIA CAETANO  
ANTÓNIO VICTORINO D' ALMEIDA  
BAPTISTA-BASTOS  
CATARINA MELO ANTUNES  
DIOGO FREITAS DO AMARAL  
DOMINGOS DUARTE LIMA  
EUNICE MUÑOZ  
FRANCISCO LOUÇÃ  
FRANCISCO PINTO BALSEMÃO  
JOÃO SOARES  
JORGE DE MELLO  
JORGE SAMPAIO  
JOSÉ MÁRIO BRANCO  
MANUEL MONGE  
MARCELO REBELO DE SOUSA  
MARIA DE LOURDES PINTASILGO  
MARIA JOÃO SEIXAS  
MARIA JOSÉ NOGUEIRA PINTO  
MARIA TERESA HORTA  
MIGUEL COUTINHO  
MIGUEL SOUSA TAVARES  
MIGUEL VEIGA  
ODETE SANTOS  
PAULA TEIXEIRA DA CRUZ  
PEDRO AYRES MAGALHÃES  
PEDRO SANTANA LOPES  
SÉRGIO GODINHO  
VÍTOR ALVES